

Fernanda Cunha Pinheiro da Silva

**O PERCURSO DE MUDANÇA DO ITEM**  
***ONDE*NA PERSPECTIVA DA**  
**GRAMATICALIZAÇÃO**

Belo Horizonte  
Faculdade de Letras da UFMG  
2008

Fernanda Cunha Pinheiro da Silva

**O PERCURSO DE MUDANÇA DO ITEM**  
***ONDENA* PERSPECTIVA DA**  
**GRAMATICALIZAÇÃO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Lingüísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de mestre em Lingüística.

Área de concentração: Lingüística  
Linha de Pesquisa: B – Estudo da Variação e Mudança Lingüística  
Orientador: Prof. Dr. Lorenzo Teixeira Vitral

Belo Horizonte  
Faculdade de Letras da UFMG  
2008

Dissertação defendida pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Lingüísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, em setembro de 2008, e \_\_\_\_\_ pela banca examinadora constituída por:

---

Professor Doutor LORENZO TEIXEIRA VITRAL – UFMG  
(Orientador)

---

Professora Doutora MARIA DO CARMO VIEGAS – UFMG

---

Professora Doutora SUELI MARIA COELHO – UFOP

---

Professor Doutor FÁBIO DUARTE BONFIM – UFMG (Suplente)

## AGRADECIMENTOS

Ao Professor Lorenzo, pela dedicação e orientação que me dispensou durante o tempo em que estivemos juntos nesta pesquisa e pelos ensinamentos que me acompanharão pela vida afora.

Ao colega Leonardo Araújo, por ter cedido seu material e por ter enviado os trabalhos de sua autoria. Ao Alan, por ter cedido gentilmente o *corpus* oral.

À Marlucy, grande amiga, que nos momentos de maior desespero, embora distante, esteve presente me incentivando, me compreendendo e, principalmente, me apoiando.

Às pessoas que, de uma forma ou outra, tornaram possível a concretização deste estudo.

A todos os amigos e parentes que me apoiaram durante este período.

*Não sou eu quem repete essa história. É a história  
que adora uma repetição.*  
(Música *Rebichada*, de Chico Buarque de Holanda)

## RESUMO

Este trabalho apresenta uma análise do item *onde* sob a perspectiva da gramaticalização. Foi realizado um estudo diacrônico de natureza quantitativa em textos escritos do português arcaico, moderno e contemporâneo, e em *corpus* oral do dialeto mineiro. Confirmamos que o item, a partir de uma função lexical – como advérbio de lugar –, evolui passando a desempenhar uma função gramatical – como pronome relativo – e, embora de maneira muito pouco produtiva, uma função ainda mais gramatical – como conjunção intersentencial. O fato de o processo de gramaticalização do *onde* não obedecer à trajetória prototípica desse fenômeno (cf. Vitral, (2006)), levou-nos a considerar a distribuição e o papel do item *aonde* e de outros itens concorrentes com o *onde*. Concluímos que o fenômeno da variação lingüística afeta a evolução esperada de um item em processo de gramaticalização.

PALAVRAS-CHAVE: Gramaticalização. Mudança Lingüística. Estratificação. Variação lingüística.

## ABSTRACT

This work presents an analysis of the word *onde* under the perspective of the grammaticalization. It was made a diachronic quantitative study in written texts of the archaic, modern and contemporary Portuguese, and in the speech of the Minas Gerais' dialect. We confirm that the word evolves from a lexical function – as place adverb –, to a grammatical function – as relative pronoun – and, although in a very little productive way, a still more grammatical function – as intersentencial conjunction. The fact of the process of grammaticalization of *onde* does not show the typical trajectory of this phenomenon (cf. Vitral, (2006)), made us consider the distribution and the role of the word *aonde* and others expressions competing with *onde*. We conclude that the linguistic variation phenomenon affects the presumed evolution of a word in grammaticalization process.

KEYWORDS: Grammaticalization. Linguistic change. Layering. Linguistic variation.

## SUMÁRIO

Lista de quadros, tabelas e gráficos -----	09
Introdução -----	11
<b>Capítulo 1: A perspectiva da gramaticalização</b> -----	22
1.1. Considerações iniciais -----	22
1.2. Características do fenômeno -----	26
<b>Capítulo 2: Aspectos históricos, normativos e descritivos do <i>onde</i></b> -----	33
2.1. Breve histórico do <i>onde</i> -----	34
2.2. O que preceituam os gramáticos: a visão normativa -----	36
2.3. O que dizem os lingüistas: a perspectiva descritiva -----	40
<b>Capítulo 3: Análise quantitativa do <i>onde</i> nos <i>corpora</i> e discussão dos dados</b> -----	53
3.1. Frequência do <i>onde</i> no <i>corpus</i> escrito -----	59
3.1.1. Frequência total do <i>onde</i> -----	60
3.1.2. Frequência do <i>onde</i> no Português Arcaico -----	62
3.1.3. Frequência do <i>onde</i> no Português Moderno -----	66
3.1.4. Frequência do <i>onde</i> no Português Contemporâneo -----	70
3.2. Frequência do <i>onde</i> no <i>corpus</i> oral -----	81
3.3. Análise comparativa entre o <i>onde</i> e possíveis formas concorrentes -----	87
3.3.1. Análise comparativa entre o <i>onde</i> , suas variantes preposicionadas e o <i>aonde</i> no período moderno -----	88
3.3.2. Análise comparativa entre o <i>onde</i> , suas variantes preposicionadas e o <i>aonde</i> na fala -----	96
3.3.3. O pronome relativo <i>que</i> -----	99
3.3.4. Formas concorrentes do <i>Onde</i> F.Gra2 na fala e na escrita -----	105
Considerações finais -----	109
Referências -----	112
Anexos -----	118



LISTA DE QUADROS, TABELAS E GRÁFICOS

**Lista de quadros**

Quadro 1 -----	15
Quadro 2 -----	35
Quadro 3 -----	63
Quadro 4 -----	66
Quadro 5 -----	71

**Lista de tabelas**

Tabela 1 -----	60
Tabela 2 -----	61
Tabela 3 -----	62
Tabela 4 -----	65
Tabela 5 -----	66
Tabela 6 -----	70
Tabela 7 -----	71
Tabela 8 -----	72
Tabela 9 -----	75
Tabela 10 -----	76
Tabela 11 -----	83
Tabela 12 -----	89
Tabela 13 -----	90
Tabela 14 -----	91
Tabela 15 -----	92
Tabela 16 -----	93
Tabela 17 -----	93
Tabela 18 -----	96
Tabela 19 -----	97

## **Lista de gráficos**

Gráfico 1 -----	60
Gráfico 2 -----	63
Gráfico 3 -----	67
Gráfico 4 -----	71
Gráfico 5 -----	75
Gráfico 6 -----	77
Gráfico 7 -----	79
Gráfico 8 -----	84
Gráfico 9 -----	85
Gráfico 10 -----	89
Gráfico 11 -----	90
Gráfico 12 -----	91
Gráfico 13 -----	94
Gráfico 14 -----	95
Gráfico 15 -----	96
Gráfico 16 -----	97
Gráfico 17 -----	98

## INTRODUÇÃO

Este trabalho se constitui de um estudo diacrônico do item *onde* no português arcaico, moderno e contemporâneo. A pesquisa teve por objetivo verificar o processo de mudança pelo qual passa o *onde* sob a ótica da gramaticalização. A gramaticalização é entendida como o processo no qual um item lexical se torna um item gramatical, ou como um item gramatical se torna mais gramatical.

Tradicionalmente, o item *onde* é classificado como pronome relativo e advérbio, como nos exemplos abaixo:

- (1) a. *Onde você mora?*
- b. *Ele mora onde você nasceu.*
- c. *A cidade onde nasci mudou muito.*

Em 1a e 1b, o item funciona como advérbio, exprimindo uma circunstância de lugar. Em 1c, ele funciona como pronome relativo, referindo-se ao termo ‘cidade’. Neste estudo, abandonei os rótulos tradicionais usados para esses usos do *onde* e utilizei outros, que serão apresentados mais adiante.

Nesses exemplos, o *onde* se refere a um lugar/espço físico, sendo por isso designado de locativo. Esse uso locativo do item, como relativo ou advérbio, é o tradicionalmente prescrito pelas gramáticas normativas<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> A abordagem tradicional sobre o uso do *onde* será mais detalhadamente apresentada no capítulo 2, *Aspectos históricos, normativos e descritivos do onde*, subitem 2.2 O que preceituam os gramáticos: a visão normativa.

No entanto, pelos exemplos a seguir, de Kersch (1996), pode-se notar que o *onde* tem usos ampliados no português brasileiro contemporâneo:

- (2) *Participar de uma banca onde havia quatro inscritos...*
- (3) *(...)...horário de pique onde há grande consumo de água já diminuí bastante a vasão.*
- (4) *Eu acho que numa situação, por exemplo, onde ocorra uma agressão sem uma arma...*
- (5) *A linha básica é a linha da transparência, é a linha onde nós vamos buscar passar todos os trabalhos que o governo federal vem realizando...*
- (6) *Fiz uma classe onde os estudantes eram europeus ou asiáticos.*
- (7) *O senhor está ouvindo os envolvidos onde aí tem uma série de situações...*
- (8) *Com cinco anos estava brincando em minha casa e resolvi ser desmontador e tirei os parafusos da mesa de minha casa, onde engoli um parafuso de 4 cm.*
- (9) *A televisão ocupou um espaço muito grande na família, onde nós somos ouvintes sem podermos discutir.*
- (10) *Em Medicina existem temas que são polêmicos, onde não se consegue um consenso que dure sequer uma década.*

Esses dados mostram que o item apresenta usos diferentes do preceituado tradicionalmente, ou seja, o de pronome relativo e advérbio com referência a um lugar/espaço físico-territorial. Podemos depreender por eles que o *onde* é um item multifuncional na língua.

Nos usos de (2) a (6), o *onde* foi usado com referência a um termo antecedente, embora esse termo não seja um lugar físico.

Em (2), o *onde* é um relativo que retoma o termo ‘banca’, caracterizando-se numa referência a um espaço que não é físico ou territorial, mas apenas nocional, pois existe uma noção de espaço inerente ao termo. Esta é a designação dada ao *onde* nesse uso por Coelho (2001), Kersch (1996), Souza (2003), entre outros.

Na sentença (3), o item retoma um período de tempo – *horário de pique* –, sendo caracterizado como um uso temporal e que poderia ser substituído por *quando*.

Em (4), a expressão ‘situação’ se caracteriza como um evento. Neste caso, o item retoma um evento genérico, não especificado. Mas em *Houve um assalto onde morreram três pessoas* o *onde* retoma uma situação específica. Em ambos os casos, o antecedente é um evento e o *onde* funciona como um relativo.

Na sentença (5), o *onde* retoma o termo ‘linha da transparência’, que não é caracterizado como lugar físico nem territorial, nem tempo, evento etc. Nela, o item pode ser substituído por ‘em que’, ‘pela qual’, ‘através da qual’, ‘com a qual’, funcionando, sintaticamente, como um pronome relativo. O *onde* aqui pode ser interpretado como lugar nocional ou como instrumento.

Em (6), o item funciona como o relativo *cujos*, estabelecendo uma relação de continente (classe) e conteúdo (estudantes). Este uso do *onde* foi chamado de ‘posse’ por Kersch (1996). Preferimos denominá-lo ‘genitivo’, por entender que a relação nem sempre é de ‘possuidor’ e ‘possuído’. Comparem-se, por exemplo, as seguintes sentenças: *O carro cujo dono passou mal foi roubado* e *Fiz uma classe cujos estudantes eram europeus ou asiáticos*. Na primeira, existe uma relação de posse (o dono tem a posse do carro); mas na segunda, a relação não é exatamente de posse (os estudantes

não possuem a classe ou vice-versa). Entendemos que o rótulo ‘genitivo’ é mais adequado ao *onde* nesse uso.

As sentenças de (7) a (10) apresentam usos ainda mais abstratos do *onde*, que funciona, nesses casos, como um elemento de coesão entre idéias, podendo ser substituído:

§ Em (7): por *por isso/dessa forma*, [apresentando uma carga semântica explicativa ou consecutiva]

§ Em (8): por *então*, [apresentando uma carga semântica consecutiva ou conclusiva]

§ Em (9): por *de forma que*, [apresentando uma carga semântica consecutiva ou conclusiva]

§ Em (10): por *e dessa forma/e* [apresentando uma carga semântica consecutiva ou conclusiva, além de aditiva]

O que se vê, portanto, é uma polissemia do item, fato este que aponta para uma tendência à gramaticalização. Essa polissemia, conforme já demonstraram alguns autores<sup>2</sup>, não é uma inovação do sistema lingüístico atual, mas sim um processo que já aparece em textos do século XIII. A gramaticalização do *onde*, portanto, deve ser estudada sob um olhar de consolidação do processo de mudança do item.

Como se vê, dois critérios estão sendo utilizados para analisar o *onde* nessas sentenças: o semântico e o sintático. Pelo primeiro, pode-se verificar a natureza semântica do item através do seu antecedente, que nesses casos expressa lugar (físico ou nocional), tempo, evento, instrumento e relação genitiva. Pelo sintático, é possível

---

<sup>2</sup> Coelho (2001) e Kersch (2006).

determinar se o item funciona como um anafórico ou como um elemento coesivo de outra natureza na sentença. Para melhor visualização, sintetizo essas informações no quadro seguinte:

	<b>Sentenças</b>	<b>Semântica do item</b>	<b>Sintaxe do item</b>
<b>I</b>	<i>Ele mora onde você nasceu</i>	<i>Onde</i> indicando ‘espaço físico-territorial’, sem referência a um termo anterior (Locativo)	[Advérbio] No lugar em que
	<i>Onde você mora?</i>	<i>Onde</i> indicando ‘espaço físico-territorial’, sem retomada de termo anterior (Locativo)	[Advérbio] Em que lugar
<b>II</b>	<i>Antes de viajar para o Rio de Janeiro, onde participa da Cúpula do Mercosul, o presidente Hugo Chávez anunciou na noite de quarta-feira ...</i>	<i>Onde</i> retomando ‘espaço físico-territorial’ (Locativo)	[Pronome relativo] Em que
	<i>Participar de uma banca onde havia quatro inscritos...</i>	<i>Onde</i> retomando ‘espaço nocional’ (Nocional)	[Pronome relativo] Em que, na qual
	<i>...horário de pique onde há grande consumo de água já diminui bastante a vazão.</i>	<i>Onde</i> retomando ‘tempo’. (Temporal)	[Pronome relativo] Quando
	<i>Fiz uma classe onde os estudantes eram europeus ou asiáticos.</i>	<i>Onde</i> estabelecendo uma relação de ‘continente’ e ‘conteúdo’ entre dois termos. (Genitivo)	[Pronome relativo] Cujos
<b>III</b>	<i>O senhor está ouvindo os envolvidos onde aí tem uma série de situações...</i>	<i>Onde</i> com valor consecutivo/explicativo	[Conectivo] Por isso, de forma que
	<i>Com cinco anos estava brincando em minha casa e resolvi ser desmontador e tirei os parafusos da mesa de minha casa, onde engoli um parafuso de 4 cm</i>	<i>Onde</i> com valor consecutivo/explicativo	[Conectivo] E, e então

<b>Sentenças</b>	<b>Semântica do item</b>	<b>Sintaxe do item</b>
<i>A televisão ocupou um espaço muito grande na família, <b>onde</b> nós somos ouvintes sem podermos discutir</i>	<i>Onde</i> com valor consecutivo/conclusivo	[Conectivo] De forma que
<i>Em Medicina existem temas que são polêmicos, <b>onde</b> não se consegue um consenso que dure sequer uma década</i>	<i>Onde</i> com valor explicativo/consecutivo.	[Conectivo] E dessa forma

Quadro 1: valores semânticos e sintáticos do *onde*<sup>3</sup>

De acordo com esse quadro, o *onde* nessas sentenças pode ser dividido de três formas: no grupo I, estão aqueles usos que expressam um lugar físico, sem que haja retomada de algum termo citado anteriormente. No grupo II, estão os usos em que o item se refere a um antecedente que denota um espaço físico ou nocional, um espaço de tempo, um evento ou estabelecendo uma relação genitiva. Nesses casos, o *onde* funciona, sintaticamente, como um pronome relativo. A diferença entre o grupo I e o II é que no primeiro o *onde* traz em si a carga semântica de ‘lugar em que’. No grupo II, essa natureza locativa do item esmaece. De outro lado, nas sentenças do grupo III, temos aqueles usos que exigem uma classificação semântica e sintática diferente daquela dos primeiros usos. Neste terceiro grupo, o item parece funcionar como um conectivo, estabelecendo uma relação coesiva de conclusão, explicação ou consequência.

Aos usos como os do grupo I, usarei o rótulo **F.Lex**; para o grupo II, usarei o rótulo **F.Gra1**, e os usos do item como os do grupo III classificarei como **F.Gra2**. Esses

<sup>3</sup> Estou considerando *advérbio* o uso do item para indicar ‘espaço físico-territorial’ sem que haja retomada de algum termo anterior na sentença, *pronome relativo* o uso sintático do item como um anafórico e *conectivo* o uso do *onde* como um elemento coesivo entre idéias.



rótulos significam, respectivamente, **Função lexical, Função gramatical 1 e Função gramatical 2.** (Cf. Vitral, 2006).

O rótulo **F.Lex** refere-se, assim, ao uso do item como na sentença *Ele mora onde você nasceu* ou *Onde você nasceu?* Como será visto mais adiante, os gramáticos divergem quanto à classificação do vocábulo nessas ocorrências. Uns o classificam, na primeira sentença, como “relativo indefinido”, outros como “pronomes relativos sem antecedente” e outros como “advérbio”. Na segunda sentença, a denominação mais comum foi a de “advérbio interrogativo”, mas Luft (2008) classifica o *onde* nesse tipo de sentença como “advérbio pronominal interrogativo” ou “pronomes relativos adverbial”. Vejamos a seguir por que classifiquei as duas ocorrências como **F.Lex**.

O rótulo **F.Lex** foi considerado o uso lexical do *onde*. De acordo com as características da gramaticalização, ao se gramaticalizar, um item perde parte de sua carga semântica e adquire funções gramaticais. No caso do *onde* em sentenças como *Ele mora onde você nasceu*, seu significado é ‘lugar em que’ – ou mais precisamente ‘no lugar em que’, pois a preposição *em*, nessa frase, está sendo regida pelo verbo *morar*. Nessa paráfrase de sua significação, o item apresenta vocábulos de categoria gramatical (*em* e *que*) e vocábulo de categoria lexical (*lugar*). O mesmo ocorre em frases interrogativas como *Onde você mora?*, nas quais o *onde* apresenta a significação de ‘em que lugar’. Já em frases como *A cidade onde moro está muito violenta*, o item perde parte do conteúdo semântico que possuía, isto é, o vocábulo *lugar*. Nesse tipo de sentença, o item apresenta a significação que pode ser parafraseada por ‘em que’. Ou seja, apresenta apenas vocábulos de natureza gramatical (*em* e *que*), uma vez que a palavra *lugar* já não faz parte da significação do *onde* nesses usos.

Dessa forma, estou associando esses empregos do item aos respectivos rótulos da seguinte maneira:

<i>Onde</i>	Significação ‘lugar em que’ e ‘em que lugar’ ( <i>Ela mora onde você nasceu/Onde você nasceu?</i> ).	<b>F.Lex</b>
<i>Onde</i>	Significação ‘em que’ ( <i>A cidade onde moro está muito violenta</i> ).	<b>F.Gral</b>

Portanto, o uso do item sem retomar nenhum outro termo da frase em que está inserido foi considerado como **F.Lex**. Já o termo **F.Gral** refere-se ao uso do item em sentenças nas quais ele é usado anaforicamente, isto é, retoma um termo anteriormente expresso na sentença. É preciso esclarecer, como se pode inferir do quadro 1 da página 12, que o uso do item para se referir a um termo que não seja um lugar físico-territorial também será classificado como **F.Gral**. Ou seja, sob esse rótulo, o *onde* poderá ser um anafórico locativo, temporal, nocional, genitivo etc.

O rótulo **F.Gra2** foi usado para classificar o *onde* em sentenças como as do grupo III, pois nelas a significação do item não é ‘lugar em que’ nem mesmo ‘em que’. Nelas, ele foi usado para estabelecer uma união entre duas idéias, com os significados propostos no quadro 1. Considerei este emprego a segunda função mais gramatical do *onde*.

Completando o quadro acima com o rótulo **F.Gra2**, temos:

<i>Onde</i>	Significação ‘lugar em que’ e ‘em que lugar’ ( <i>Ela mora onde você nasceu/Onde você nasceu?</i> ).	<b>F.Lex</b>
-------------	---	--------------

<i>Onde</i>	Significação ‘em que’ ( <i>A cidade onde moro está muito violenta</i> ).	<b>F.Gra1</b>
<i>Onde</i>	Valores semânticos diversos ou imprecisos (conclusão, explicação, causa, consequência etc.)	<b>F.Gra2</b>

Sob a ótica da gramaticalização, esses três usos inserem-se numa escala de função gramatical, sendo o uso ao qual chamo de F.Lex de natureza lexical e o uso de F.Gra2 o mais gramatical. O rótulo F.Gra1 representa aqueles usos que estão em uma escala intermediária: eles são mais gramaticais que os usos em F.Lex, porém menos gramaticais que os usos em F.Gra2.

A partir desses dados, pode-se traçar o seguinte percurso para os usos do *onde*.

**I – Advérbio/locativo > Pronome relativo/espaco físico > Pronome relativo/espaco nocional/temporal/genitivo/evento etc. > Conectivo/conclusivo, explicativo, consecutivo, causal etc.**

Desses usos, pode-se depreender a seguinte trajetória de mudança para o item, que será mais bem explicada no capítulo 1:

1. ***Onde*Advérbial > *Onde*Relativo [+concreto] > *Onde*Relativo [+abstrato] > *Onde*Conectivo**

O objetivo deste estudo consistiu em descrever a trajetória do *onde* no português. Além disso, objetivou investigar se, ao se gramaticalizar, o item desempenha três funções distintas – advérbial, relativa e conectiva – ou se vem se especializando em

alguma delas. No caso de o *onde* se especializar nas funções mais gramaticais isto é, a relativa e a conectiva, teve-se como hipótese inicial que a forma *aonde* passaria a exercer a função adverbial (ou lexical) perdida pelo *onde*.

Para isso, foi feito um estudo quantitativo em *corpora* escritos do português arcaico, moderno e contemporâneo, que foi dividido em três etapas: primeiro, foram quantificadas as ocorrências do *onde* nos três usos – F.Lex, F.Gra1 e F.Gra2 – a fim de aferir a frequência do item em cada um deles. Dessa forma, foi possível caracterizar o processo de gramaticalização em que se encontra o *onde*.

Foram também quantificadas as ocorrências do *onde* em *corpus* oral do dialeto mineiro (Oliveira, 2006). O uso desse *corpus* se justifica, entre outros motivos, pela seguinte razão: os usos mais inovadores dos processos de gramaticalização nem sempre aparecem em textos escritos, devido a uma possível “filtragem” normativa na modalidade escrita. Foi o caso do *Onde* F.Gra2. Por essa razão, lancei mão de dados de fala por acreditar que, nessa modalidade, esse uso seria mais produtivo.

Depois, foram também quantificadas as ocorrências do *aonde* e das variantes preposicionadas do *onde*, nos mesmos *corpora*, a fim de verificar se a produtividade desses itens traz conseqüências para a caracterização do processo de gramaticalização por que passa o *onde*. Além do *aonde* e das variantes preposicionadas do *onde*, foram analisadas outras formas que também poderiam interferir no percurso do *onde*. Os itens analisados foram o *então*, o *que* pronome relativo e algumas locuções conjuntivas que exprimem idéias de conclusão, conseqüência, explicação, causa e finalidade. A justificativa dessa análise será apresentada durante a apresentação dos resultados.

O trabalho foi organizado da seguinte forma: no primeiro capítulo tem-se o referencial teórico utilizado. No capítulo dois, faço um levantamento dos estudos sobre

os itens *onde* e *aonde* nas perspectivas normativa e descritiva, além de apresentar um rápido histórico sobre o *onde*. O terceiro capítulo apresenta a quantificação dos dados nos *corpora* escrito e oral e a respectiva análise e discussão. O *corpus* escrito constituiu-se de textos divididos em três períodos da língua portuguesa – arcaico, moderno e contemporâneo. Para cada período foram eleitos quatro textos de gêneros diversos. Seguindo as diretrizes de Vitral (2006), os gêneros são diversificados para que os ambientes semânticos também sejam diversificados. De acordo com esse autor, “o uso de um único gênero pode gerar um ambiente propício para o aparecimento, em número elevado, do item em análise com uma acepção específica, o que camuflaria os resultados”. Os períodos foram divididos de acordo com Mattos e Silva (1989), tendo-se para o período arcaico textos dos séculos XIV e XV, para o moderno, o século XVIII e para o contemporâneo textos do século XX. A distância entre cada período é de: 252 anos entre o arcaico e o moderno e de 189 anos entre o moderno e o contemporâneo. Para a análise da fala, foi utilizado um *corpus* oral de Itaúna (Oliveira, 2006). Por fim, apresento as conclusões sobre o estudo feito.

# **CAPÍTULO 1 – A PERSPECTIVA DA GRAMATICALIZAÇÃO**

## **1.1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS**

Os estudos em gramaticalização são bastante antigos, ocorrendo desde o século XI. Segundo Heine *et al*(1991), as primeiras discussões sobre a gramaticalização são atribuídas a estudiosos orientais. De acordo com esses autores, “desde o século décimo, escritores chineses vêm distinguindo entre símbolos lingüísticos plenos e vazios” (Heine et al, *op. cit*:5). Os autores dizem que, no entanto, o interesse pelo fenômeno, da forma como é hoje visto, surgiu apenas no século XVIII. Foi nessa época que pessoas como os filósofos franceses Etienne Bonnot de Condillac e Jean Jacques Rousseau defenderam que a complexidade gramatical e a abstração vocabular são derivadas de lexemas concretos. J. Horne Tooke – um contemporâneo de Condillac – afirma que “o ‘segredo’ das palavras está em sua etimologia” (Heine et al, *op. cit*:5). A ele é atribuído o pioneirismo dos estudos em gramaticalização, devido a seus trabalhos de 1786 e 1805, publicados pela primeira vez apenas em 1857. Neles, Tooke considera os verbos e os nomes as classes do discurso por excelência. As outras classes eram o resultado de uma ‘mutilação’ das palavras.

Em *Grammaticalization*, Hopper e Traugott (1993) fazem um breve histórico do fenômeno, apresentando autores do século XIX até o final do século XX<sup>4</sup>. Para eles, as formulações mais elaboradas sobre as origens da gramática são as propostas pelo humanista e filósofo alemão Wilhelm von Humboldt (1767-1835), que, em seu texto de

---

<sup>4</sup> Segundo Hopper e Traugott, as abordagens históricas mais completas da gramaticalização foram feitas por C. Lehmann (1982) e por Heine, Claudi e Hünne Meyer (1991a).

1822, *Über das Entstehen der grammatikalischen Formen und ihren Einfluß auf die Ideenentwicklung*, defendeu que a estrutura gramatical das línguas humanas era precedida por um estágio evolucionário no qual apenas as idéias concretas poderiam ser expressas (Hopper e Traugott, *op. cit.*:18). A gramática, segundo Humboldt, evoluiu através de estágios distintos de colocação de idéias concretas (Humboldt, 1825 *apud* Hopper e Traugott, *op. cit.*:18).

Humboldt propõe a existência de quatro estágios. No primeiro deles, apenas as coisas eram denotadas. Segundo os autores, em nomenclatura atual, podemos chamá-lo de estágio “pragmático”. No segundo estágio, ocorre a fixação da ordem das palavras, o que, atualmente, chamamos de “sintaxe”. Neste estágio, algumas palavras oscilam entre o sentido concreto e o gramatical (apresentam, portanto, características de categorias lexicais e gramaticais, ou funcionais). No terceiro momento, as palavras gramaticais apóiam-se em palavras concretas, surgindo assim pares aglutinantes. Essa fase corresponde, na terminologia moderna, à “cliticização”. No último estágio, esses pares aglutinantes fundem-se em um só vocábulo. A vida funcional das palavras pode ser vista em suas formas e em seus significados, ou seja, ela perde conteúdo fonético e semântico. Outros vocábulos gramaticais permanecem como itens que estabelecem relações gramaticais, sem se tornarem pares aglutinantes.

De acordo com os autores, os quatro estágios de Humboldt correspondem à tipologia lingüística que dividia as línguas em três tipos básicos: isolantes (correspondente ao segundo estágio de Humboldt), aglutinantes (estágio três) e inflexionais ou sintéticas (último estágio).

No final do século XIX, já havia sido estabelecida uma tradição nos estudos do fenômeno, embora o termo ‘gramaticalização’ ainda não tivesse sido usado.

No século XX, Antoine Meillet (1948 [1912]), considerado o fundador dos estudos modernos do fenômeno, foi o primeiro a usar o termo, ao postular a existência de dois processos básicos para a constituição dos elementos gramaticais – a analogia e a gramaticalização.

A analogia foi o elemento que teve especial importância entre os neogramáticos. Na busca de leis absolutas que não admitiam exceções, esses lingüistas atribuíram à analogia um papel regularizador de mudanças lingüísticas no nível fonético. Embora alguns estudiosos vissem a analogia como um fenômeno responsável pela mudança de itens lexicais em gramaticais, Meillet a considera capaz apenas de difundir a mudança, e não desencadeá-la. Para ele, a gramaticalização é mais importante, uma vez que tem o papel de criar novas formas gramaticais.

De acordo com este autor, existem três classes de palavras: as principais, as acessórias e as gramaticais. As primeiras representam seres e ações e precisam ser completadas por outras. As acessórias são as partículas, os indefinidos e os pronomes pessoais. Caracterizam-se por ocuparem o segundo lugar na frase e aparecem geralmente enclíticas. Já as palavras gramaticais indicam relações gramaticais e funcionam como estruturadoras.

Entre essas três classes existe um processo de transição gradual a que Meillet chama ‘gramaticalização’ e define esse processo como “a atribuição de um caráter gramatical a uma palavra anteriormente autônoma”. O autor acredita que essa transição está subordinada a um esvaziamento semântico e formal, que é atribuído à frequência de uso dos elementos lingüísticos. Um signo exposto a uma alta frequência de uso está submetido à abstração de seu significado e à mudança de sua pronúncia, postulado



defendido por Meillet baseando-se em conjunções e pronomes relativos, que possuem reduzido volume fonético.

Benveniste, discípulo de Meillet, apresenta em 1968 um artigo sobre mudanças de categorias lingüísticas, reforçando muitas idéias de Meillet sobre a gramaticalização de verbos auxiliares a partir de verbos lexicais. Nesse trabalho, Benveniste usou o termo ‘auxiliação’ (ou ‘auxiliarização’) para definir a mudança de uso de um verbo pleno a auxiliar.

Também nos anos sessenta, Jerzy Kurylowicz e Calvert Watkins publicam estudos sobre a gramaticalização. Kurylowicz a definiu como o “processo em que se verifica a ampliação dos limites de um morfema, cujo estatuto gramatical avança do léxico para a gramática, ou de um nível menos gramatical para mais gramatical, isto é, de formador derivativo para formador flexional” ([1965] 1975: 52 *apud* Heine, Claudi e Hünemeyer, 1991: 3).

Embora no trabalho de Meillet fosse possível ver um cruzamento entre diacronia e sincronia, até a década de setenta, a gramaticalização foi estudada numa perspectiva predominantemente diacrônica. Os estudos posteriores a esse período sofreram influência do interesse pela pragmática. Em decorrência disso, é acrescentado um novo módulo aos estudos da gramaticalização, ou seja, o discurso. Dessa forma, os estudos do fenômeno a partir da década de setenta mudaram a compreensão dos fatos da gramática, que passa a ser analisada sob uma perspectiva funcional. Pelas palavras de Hopper e Traugott:

“A gramaticalização tem sido estudada sob duas perspectivas. Uma delas é histórica, investigando as fontes das formas gramaticais e o percurso típico de mudança que as afeta. Dessa

perspectiva, a gramaticalização é normalmente concebida como um subconjunto de mudanças lingüísticas por meio do qual um item lexical, em certos usos, torna-se um item gramatical, ou por meio do qual um item gramatical se torna mais gramatical. A outra perspectiva é mais sincrônica, considerando a gramaticalização como um fenômeno primariamente sintático, discursivo e pragmático, a ser estudado a partir do ponto de vista dos padrões fluidos do uso da linguagem.” (Hopper e Traugott, *op. cit.* 2).

## **1.2. CARACTERÍSTICAS DO FENÔMENO**

A gramaticalização é entendida como o processo no qual um item lexical entra numa trajetória em que perde traços que o definem como tal e adquire propriedades que o definem como um item gramatical, ou como um item gramatical se torna mais gramatical, adquirindo propriedades de clíticos e por fim o estatuto de afixo. Segundo Hopper & Traugott (*op. cit.*), a maioria dos lingüistas que trabalham com esse fenômeno concordam que o ciclo da gramaticalização apresenta a seguinte trajetória:

*2. item lexical > item gramatical > clítico > afixo*

Nesse conceito está implícita a idéia de gradatividade: sendo um processo, o fenômeno ocorre em etapas graduais. Dessa forma, um item em processo de gramaticalização apresenta usos de diversas etapas do fenômeno.

A perda de propriedades lexicais e a aquisição de propriedades gramaticais por um item não é abrupta, mas **gradual**. Esse fato cria um problema para a definição de item lexical e item gramatical: que traços definem um e que traços definem o outro, criando uma distinção clara entre eles? Se a mudança *item lexical* > *item gramatical* ocorre em etapas, essa distinção não é tão fácil de se fazer, pois em determinados estágios do processo, um item conterà propriedades tanto lexicais quanto gramaticais. No entanto, essa dificuldade, que apresenta questões teóricas não triviais, é vista como inerente ao fenômeno da gramaticalização, uma vez que ele ocorre gradativamente.

A idéia de transição gradativa no processo de gramaticalização levanta outro tipo de questão: ao surgir, uma nova forma gramatical passa a coexistir com as velhas formas gramaticais que têm o mesmo valor da forma criada. Além disso, ao adquirir a nova função, essa forma não deixa, de repente, uma lacuna no sistema; ela continua desempenhando a função lexical, que poderá ser assumida por outro item ou continuará sendo exercida pela forma que se gramaticaliza. Ou seja, o fenômeno cria, então, mudanças no sistema de duas maneiras: por um lado, usos novos surgem sem que os antigos caiam abruptamente em desuso; por outro, o uso antigo do item pode ser gradativamente preenchido por outro item.

Essas características são expressas por Hopper (1991), em seu *On some principles of grammaticalization*, pelos princípios da ESTRATIFICAÇÃO e da DIVERGÊNCIA. O autor estabelece cinco princípios do fenômeno, mas irei me deter apenas nesses dois, com ênfase na estratificação, por serem os mais relevantes para este estudo.

Pelo princípio da ESTRATIFICAÇÃO, admite-se a coexistência, em uma mesma sincronia, de formas variantes de realização de categorias funcionalmente equivalentes.

A gramaticalização pode gerar novas formas de expressão sem que as formas antigas – funcionalmente equivalentes às novas – sejam imediatamente descartadas.

O seu princípio da DIVERGÊNCIA diz que uma forma (mais) lexical que dá origem à outra forma (mais) gramatical pode coexistir com a forma originada. Criam-se, então, dois itens com funções diferentes dentro do sistema lingüístico e, por terem funções distintas, não concorrem entre si. Ao se gramaticalizar, um item não coloca em concorrência o seu uso lexical e o seu uso gramatical.

O estudo de uma forma em gramaticalização abarca várias outras questões: a multifuncionalidade do item, os condicionamentos pragmático-discursivos, as forças cognitivas, comunicativas e sociais que operam os usos desse item, seja na sincronia atual ou em outra, dentre outros aspectos. Em qualquer dessas abordagens, é importante a **análise diacrônica**, em que se confronte usos passados com usos presentes, ou usos de épocas diferentes. O recorte sincrônico, embora permita mostrar um processo de gramaticalização, não é capaz de apontar a expansão ou não desse processo.

A análise diacrônica se constitui numa saída possível para o “problema” da mudança gradativa, inerente ao fenômeno em estudo: se a mudança *item lexical* > *item gramatical* não é discreta e ocorre em várias etapas, uma análise dessa mudança no tempo poderá detectar mais facilmente um processo em curso da gramaticalização.

Outra característica defendida na literatura sobre o assunto é que o processo de gramaticalização envolve um **esvaziamento semântico** (*bleaching*) de um signo. Isso significa que, ao se gramaticalizar, um item perde conteúdo semântico e ao mesmo tempo ganha conteúdos gramaticais. Essa característica talvez seja a mais relevante, pois esbarra no próprio conceito da gramaticalização.

O esvaziamento semântico diz respeito à mudança *item lexical* > *item gramatical* pela qual passa um item. Na literatura sobre gramaticalização, defende-se que o item que passa por essa mudança perde um significado concreto – que o caracteriza como um item lexical – e adquire um significado abstrato – que o coloca no rol das categorias gramaticais. O esvaziamento semântico postulado na literatura diz respeito, portanto, a uma mudança da natureza semântica de um item em gramaticalização (concreto > abstrato), e não propriamente a uma perda de significação. A dificuldade inerente a essa idéia é fazer uma distinção clara sobre o que seja um significado concreto e um significado abstrato.

Embora considere adequada essa idéia – concreto *versus* abstrato – para a caracterização do fenômeno, acredito que ela deve ser mais explícita e objetivamente definida.

Se olharmos os dados do quadro 1, na página 12, veremos que o *onde* se insere em uma escala na qual apresenta um estatuto de referência mais concreta para referência mais abstrata. Essa escala mostra três usos do item. Esses usos podem ser vistos, sob a perspectiva da gramaticalização, como etapas do processo de mudança.

Como vimos, no primeiro grupo ele é usado como um advérbio de lugar sem referência a nenhum outro termo na sentença. O uso adverbial do *onde* traz, em si, o sentido locativo (‘lugar em que’). Esse sentido locativo muitas vezes se apresenta de forma abstrata, referindo-se a um espaço de tempo, como no exemplo a seguir:

(1) *Está bem, seus elitistas. Acabou. Onde é que vocês pensam que estão, no século XVIII? Já houve 17 revoluções populares depois de Mozart.*

Nesse caso, o *onde* refere-se não a um lugar físico-territorial, mas a uma época. No entanto, a carga semântica temporal é inerente ao item, que pode ser parafraseado por ‘em que época’.

No segundo grupo, o item é um anafórico de lugar físico-territorial e é usado também como um anafórico de tempo, evento e indicativo de uma relação a qual estamos denominando ‘genitivo’. Aqui, o emprego anafórico do *onde* passa a evidenciar os usos abstratos que o item pode exprimir (lugar nocional, tempo, evento, genitivo etc.). Neste caso, a mudança de [+concreto] (anafórico de lugar físico) para [+abstrato] (os outros usos anafóricos do item) fica mais evidente, uma vez que, por se “apoiar” em outro termo da sentença, o item não apresentará o sentido de ‘lugar em que’, mas apenas ‘em que’.<sup>5</sup>

No momento seguinte do processo, ou seja, nos usos do terceiro grupo, o item apresenta uma mudança semântica de outra ordem. Ao adquirir uma função conectiva, o *onde* apresenta valores semânticos diferentes dos que possuía: se em um momento do processo ele é usado para se referir a um termo antecedente indicador de lugar, lugar nocional, tempo, evento etc., numa outra etapa ele é empregado para estabelecer relações entre idéias – de conclusão, explicação, finalidade, consequência etc.

Podemos, então, ver três usos diferentes do item: *Onde* adverbial, *Onde* relativo e *Onde* conectivo, lembrando que estamos usando o termo ‘adverbial’ para o uso não-anafórico do item, ‘relativo’ para o uso sintático do item como um anafórico, e o termo ‘conectivo’ para o uso do *onde* como um elemento coesivo entre idéias. A esses três usos, associamos, como vimos, os rótulos *Onde* F.Lex, *Onde* F.Gra1 e *Onde* F.Gra2, respectivamente.

---

<sup>5</sup> Como se verá mais adiante, considerarei o uso [+concreto] e [+abstrato] apenas na função relativa, ou seja, F.Gra1.

Essas três funções expressam a mudança do item em duas etapas: primeiro, de **lexical** > **gramatical** (advérbio > pronome relativo); depois, de **gramatical** > **mais gramatical** (pronome relativo > conjunção). Ou seja, nesse percurso, o *onde* se torna um pronome e, posteriormente, uma conjunção.

Os dados do quadro 1 mostram, além da mudança da natureza semântica do item, uma ampliação dos seus valores semânticos, gerando um aumento da sua frequência; o termo em processo de gramaticalização torna-se mais frequente, já que passa a desempenhar, ao mesmo tempo, outras funções gramaticais. O **aumento da frequência** constitui, portanto, outra evidência empírica de um processo de gramaticalização (cf. Bybee e Pagliuca, 1985 e Vitral, 2006).

Segundo Bybee e Pagliuca (*op. cit.*), a partir do momento em que um item se submete à gramaticalização, sua frequência aumenta. Esse aumento decorre da ampliação dos contextos nos quais a forma é apropriada, uma vez que passa a desempenhar duas funções na língua. A frequência não é, portanto, um fator desencadeador da gramaticalização, mas uma consequência empírica desse processo.

Duas outras características são postuladas sobre o fenômeno em estudo: a **perda de conteúdo fônico** e a **limitação dos contextos sintáticos** em que a forma gramaticalizada pode ocorrer. Com relação a essas duas características faremos alguns comentários.

A redução fonológica pode não ocorrer com um item desde o início de sua gramaticalização. Essa característica pode afetá-lo em um estágio já avançado do processo, não sendo, portanto, uma característica como a mudança de conteúdo semântico, que acompanha o item desde o início da gramaticalização. No caso do *onde*, parece não haver nenhuma mudança fonológica. Para tal análise, seria preciso averiguar

o comportamento do item nesse quesito a partir dos dados orais. Como o foco desta pesquisa não é verificar se o item se enquadra ou não nessas características, deixarei a questão em aberto.

Com relação à questão sintática, a gramaticalização impõe ao signo restrições que antes não tinha; isso porque, à medida que o item vai se gramaticalizando, ele se torna mais regular, pois as formas gramaticais sofrem, pela gramática, restrições mais rígidas do que as formas lexicais. Se o *onde* está em processo de gramaticalização, é de se esperar que as suas formas mais gramaticais estejam sintaticamente limitadas: o *Onde* conectivo e o *Onde* relativo não poderão ocorrer nos mesmos contextos sintáticos em que ocorre o *Onde* adverbial. Ou pelo menos terão um trânsito menos livre na sentença.

Sistematizando as características da gramaticalização vistas até aqui, temos que ela:

- (i) é gradual;
- (ii) pode ser detectada sincrônica ou diacronicamente, mas sua expansão só pode ser vista em análise diacrônica;
- (iii) envolve mudança na natureza semântica do item;
- (iv) gera aumento da frequência do item;
- (v) pode envolver perda de material fonético do item;
- (vi) impõe restrições sintáticas ao item;

Essas características são de naturezas diferentes (algumas são estritamente lingüísticas, mas outras são metodológicas) e serão mais discutidas quando da análise dos dados.



## **CAPÍTULO 2: ASPECTOS HISTÓRICOS, NORMATIVOS E DESCRITIVOS DO *ONDE***

O objetivo deste capítulo é apresentar um breve histórico sobre a partícula, além de mostrar o tratamento do *onde* em algumas gramáticas normativas e em alguns estudos descritivos contemporâneos.

No primeiro subitem, será apresentado um rápido histórico do *onde*, mostrando como passou do latim ao português, com ênfase nas mudanças semânticas e morfológicas. Como o foco desta pesquisa não é apresentar uma ampla caracterização histórica do item, faço uma breve exposição sobre a origem do *onde*, sem a preocupação de esmiuçar a questão.

No segundo subitem, será apresentada a visão normativa quanto à classificação morfológica e quanto ao uso do *onde*, isto é, em que classe de palavra os gramáticos o enquadram e que uso admitem para o item – se apenas com referência a lugar físico-territorial ou se aceitam outros usos, e se indicam apenas localização estática ou não.

Foram selecionados os seguintes autores, que são representativos da análise tradicional: Bechara (2007), Cegalla (2002), Cunha e Cintra (2007), Luft (2008).

O terceiro subitem traz uma síntese de alguns estudos descritivos contemporâneos sobre a partícula *onde*. as abordagens e os resultados a que chegaram os autores. Muito do que está exposto na seção *O que dizem os lingüistas: a perspectiva descritiva* já foi ou será comentado em outros capítulos desta dissertação. No entanto, esta síntese que exponho neste capítulo mostrará esses estudos de forma mais

organizada. Os autores analisados foram: Bonfim (1993), Kersch (1996), Coelho (2001), Marinho (2002), Souza (2003), Araujo (2007).

## **2.1. BREVE HISTÓRICO DO *ONDE***

A palavra *onde* e suas formas preposicionadas provêm dos advérbios latinos *ubi*, *unde*, *quo* e *qua*, que por sua vez derivaram-se de pronomes demonstrativos. No português, existem três tipos principais de advérbios: de tempo e de lugar – que são de natureza pronominal – e de modo – de natureza nominal.

Câmara Júnior, ao tratar da natureza do advérbio, diz:

“Nas antigas línguas indo-européias, entre as quais o latim, o advérbio se caracterizava, em face das formas nominais ou pronominais em que se filiava, por ser um nome ou pronome fixado num determinado caso (que era freqüentemente o ablativo) ou ter uma estrutura peculiar com um sufixo típico.” (CÂMARA JÚNIOR, 1976: 116)

O autor acrescenta que havia uma série de advérbios locativos que se associavam aos pronomes demonstrativos um a um. No Latim, distinguia-se a localização estática (*ubi*), a proveniência (*unde*), a direção (*quo*) e a passagem (*qua*).

A forma adverbial *ubi* indicava localização estática (lugar onde), *unde* estava associada à proveniência (lugar donde/de onde), *quo* indicava a direção (lugar para onde) e *qua*, a passagem (lugar por onde).

*Unde* transformou-se em *onde* e assumiu o sentido de ‘lugar em que/lugar onde’. *Quo* e *Qua* foram substituídas pelas formas preposicionadas de *hu*, *u* ou *onde*. *Ubi*, no português antigo, derivou as formas *hu* e *u*, que posteriormente desapareceram do sistema e foram substituídas por *onde*. De acordo com Bonfim (*op. cit.*: 98), “as gramáticas históricas, dicionários etimológicos e glossários registram a presença de *u* e *onde* no português arcaico e a substituição do primeiro pelo segundo.”

O quadro abaixo mostra, de forma sintética, as mudanças pelas quais passaram as formas:

<b>Sentido/acepção</b>	<b>Latim</b>	<b>Português arcaico</b>	<b>Português contemporâneo</b>
Localização estática	<i>Ubi</i>	<i>Hu, u</i>	<i>Onde</i>
Proveniência	<i>Unde</i>	<i>Unde, onde</i>	<i>De onde</i>
Direção	<i>Quo</i>	<i>Pera onde, pera unde, pera u</i>	<i>Para onde</i>
Passagem	<i>Qua</i>	<i>Per onde/per unde/per u</i>	<i>Por onde</i>

Quadro 2: Formas dos advérbios locativos no Latim, Português Arcaico e Português Contemporâneo.

Podemos ver que houve um enfraquecimento semântico da forma adverbial pura, que demandou o uso de preposições (*de, para, por*) para marcar as idéias de proveniência, direção e passagem. Apenas no sentido da localização estática não houve o uso de preposição para marcar tal acepção.

As formas *unde/onde*, no latim e no português arcaico, eram usadas na acepção de proveniência (*donde/de onde*). Segundo Bonfim (1993, *op. cit.*), essa acepção de *unde/onde* gerou, por extensão de sentido, o uso discursivo do *onde*, assim denominado “porque estabelece uma ligação intra ou extrafrástica entre segmentos do

texto, por necessidade argumentativa” (Bonfim, *op. cit.*: 99). São os usos do item para relacionar idéias entre orações, e não para retomar um termo de uma oração. Como já foi visto, nesta pesquisa, emprego para esse uso o rótulo *Onde*F.Gra2. Bonfim (*op. cit.*) o exemplifica com a seguinte ocorrência da Demanda do Santo Graal, século XIII-XIV:

(11) “*Depois que el foi em terra, achou os corações tam duros e tam envoltos nos pecados mortaaes, que tam maaus lhe eram de tornar a sí, quam maaus seria a uu homem molentar a pedra mui grande. Onde disse el pola boca do seu profeta Davi: –“Eu soõ senlheiro na minha paixam”* (Bonfim, *op. cit.*: 100) [grifo meu].

No *corpus* analisado, foram encontradas, nos textos do português arcaico, as variantes *u*, *hu*, *onde* e *homde*, que foram classificadas de acordo com os três rótulos mencionados.

## **2.2. O QUE PRECEITUAM OS GRAMÁTICOS: A VISÃO NORMATIVA**

Nesta seção, farei uma breve exposição sobre o que dizem os gramáticos sobre a classificação e o emprego do *ondé*<sup>6</sup>. Antes de iniciar, cabe uma explicação. Considerarei dois aspectos para fazer a exposição, um que diz respeito à classificação morfológica do item, ou seja, em que classe o vocábulo é inserido, e outro que se refere ao uso dessa palavra – se apenas com referência a lugar ou se multirreferencial, e se apenas com indicação de permanência/localização estática.

---

<sup>6</sup> Sempre que necessário, falarei também sobre o uso do *aonde*.

Como muitos autores já mostraram, não existe consenso entre os gramáticos em relação à classificação desse vocábulo. É o que vamos ver a partir de agora.

Quanto à classificação, Bechara (2007) classifica o *onde* entre os pronomes relativos e entre os advérbios. Segundo o autor, a classe dos advérbios, de acordo com a natureza da palavra que o constitui, apresenta duas subclassificações: nominais e pronominais. Estes possuem quatro tipos: demonstrativos, relativos, indefinidos e interrogativos. O *onde* aparece dentro a subclassificação “pronominais”, como advérbio relativo e como advérbio interrogativo. Bechara considera o *onde* como um relativo – pronome ou advérbio – mesmo quando é usado sem antecedente, uso ao qual o autor chama de “relativo indefinido”.

Quanto ao uso, Bechara diz que o vocábulo deve ser usado no lugar de *em que* ou *no qual* (e flexões) nas referências a lugar. Diz ainda que existe na língua contemporânea uma tendência a se usar, indistintamente, *onde* e *aonde*, tendência essa recorrente no português arcaico. Segundo ele, os gramáticos tentam evitar esse uso, reservando ao *onde* a idéia de repouso e ao *aonde* a idéia de movimento.

Cegalla (2002) não considera o item como um pronome relativo quando usado sem antecedente expresso e, dessa forma, refuta a classificação “relativo indefinido” dada por Bechara e outros gramáticos<sup>7</sup>. Para ele, o *onde*, como pronome relativo, sempre terá antecedente e será equivalente a *em que*, *no qual* e poderá ser regido de preposição: *A casa onde moro foi de meu avô, O rio onde pescam está poluído, O caminho por onde passamos é muito perigoso* (Cegalla, *op. cit.*). Usado sem antecedente, o vocábulo é classificado por este gramático como advérbio, que poderá

---

<sup>7</sup> Segundo Coelho (2001), Gladstone Chaves de Melo e Celso Cunha também usam essa terminologia para o item.

ser locativo ou interrogativo. No capítulo sobre as orações subordinadas adverbiais, o autor inclui as “orações adverbiais locativas”, que são aquelas iniciadas pelo advérbio *onde*, sem antecedente.

Quanto ao uso, Cegalla (*op. cit.*) diz que “a tendência, hoje, é fazer distinção entre *onde* e *aonde*, combinação da preposição *a* com *ondê*”. Sobre a referência locativa, o autor não faz nenhuma menção explícita de que o *onde* deve ser usado apenas para indicar lugar. Subjaz a essa lacuna que ele admite o uso do vocábulo com referências não-locativas (tempo, posse, evento etc.).

Cunha e Cintra (2007) classificam o *onde* como pronome relativo, relativo indefinido, advérbio relativo e advérbio interrogativo. Antecedido das preposições *a* e *de*, o *onde* forma os vocábulos *aonde* e *donde*. Para os autores, os pronomes relativos *quem* e *onde* podem ser usados sem antecedente expresso, subentendendo-se, respectivamente, as expressões ‘aquele que’ e ‘no lugar em que’. Nestes casos, serão denominados de relativos indefinidos. É interessante notar que ora os autores traduzem o *onde* como ‘no lugar em que’, ora como ‘o lugar em que’, sem tecer explicações sobre essas diferenças. O que fica implícito pelas explicações e exemplos é que o vocábulo será classificado como relativo indefinido quando equivaler a ‘no lugar em que’ e como advérbio relativo quando puder ser substituído por ‘o lugar em que’, sem a preposição *em*. Lembrem que a denominação “advérbio relativo” foi acolhida pela Nomenclatura Gramatical Portuguesa, mas não pela Brasileira.

Quanto ao emprego, dizem os autores que a distinção entre *onde* (‘o lugar em que’) e *aonde* (‘o lugar a que’), embora justificável por “razão de maior clareza idiomática”, é praticamente nula na linguagem coloquial e “já não era rigorosa nos

clássicos”. Embora não tenham dito explicitamente que o vocábulo só deve ser usado com referência a lugar, o fato de traduzi-lo como ‘lugar em que’ pode indicar que os autores o consideram como um item de referência locativa.

Luft (2008) classifica o *onde* dentre os pronomes relativos e os advérbios. Os pronomes relativos são subdivididos em: substantivos, adjetivos e advérbios. É entre estes últimos que o *onde* é inserido, equivalendo a ‘em que’, precedido de palavra de lugar. Luft observa que alguns gramáticos chamam o *onde*, e outros pronomes, de “relativos indefinidos” quando usados sem antecedente. Segundo o autor, mais correto é classificá-los como “relativos sem antecedente”.

O autor apresenta várias subdivisões dos advérbios, sendo que o *onde* aparece como um “advérbio pronominal não-interrogativo relativo”, equivalendo a ‘no lugar em que’ e como “advérbio pronominal interrogativo”, equivalendo a ‘em que lugar’. Esta última denominação também pode ser chamada de “pronome interrogativo adverbial”.

Quanto ao uso, o autor preceitua, de forma indireta, que o item deve ser usado com referência locativa. Sobre a distinção *onde* ‘lugar em que’ e *aonde* ‘lugar a que’, não existe nenhuma menção em sua obra.

Esta rápida exposição da visão de alguns gramáticos sobre o item *onde* teve por objetivo mostrar como é confusa e densa a terminologia usada na classificação do vocábulo, além de não haver total consenso sobre o seu emprego em relação à referência locativa e à distinção *onde* e *aonde*. Outros autores (Coelho, 2001 e Araujo, 2007) mostraram que as divergências são ainda maiores. Como meu objetivo não foi apontar uma melhor terminologia, mas apenas mostrar que não existe consenso entre

eles na classificação e uso do *onde*, limitei-me a apresentar a visão de apenas quatro gramáticos por considerar que já seria suficiente para tal objetivo.

### **2.3. O QUE DIZEM OS LINGÜISTAS: A PERSPECTIVA DESCRITIVA**

Bonfim (1993) analisou a variação entre *u* e *onde* no português arcaico a fim de: (i) verificar a partir de que época se observa a variação dos elementos; (ii) delimitar os contextos favorecedores da variação; (iii) acompanhar as modificações que ocorreram até o desaparecimento de *u* e a predominância de *onde*, e (iv) precisar a época aproximada da implementação da mudança.

Sua primeira constatação é que a coexistência de formas substitutas de *ubi* e *unde* com a sobrevivência de apenas um dos elementos mostra que o processo de mudança lingüística “se iniciou no latim, ultrapassou a fase do romance e resolveu-se diferenciadamente nas fases mais antigas de cada língua do grupo.” (Bonfim, *op. cit.*: 97).

Relativamente ao português, “as gramáticas históricas, dicionários etimológicos e glossários registram a presença de *u* e *onde* no português arcaico e a substituição do primeiro pelo segundo” (Bonfim, *op. cit.*: 98). Ambos funcionavam como pronomes relativos e interrogativos; *u* e *onde* se opunham semanticamente: o primeiro expressando direção e o segundo proveniência. A acepção de proveniência foi assumida por *donde*, no século XVI, *u* é considerado fora de uso.

Para a constituição do *corpus*, Bonfim analisou textos em prosa do século XIII ao XVI.



A autora mostrou a oposição semântica existente entre *u* e *onde* – o primeiro indicando, numa etapa mais antiga do português, localização estática e, posteriormente, direção, e o segundo indicando proveniência. Além disso, Bonfim mostrou que, no século XV, essa oposição neutraliza-se e os dois elementos apresentam-se em variação. No século XVI, existem apenas usos esparsos de *u* em alguns autores, como Sá de Miranda e Gil Vicente.

Como hipóteses, a autora diz que o enfraquecimento semântico das idéias de proveniência e direção engendrou o uso de preposições para marcar essas duas idéias. Para a autora, esses dois fatores acontecem de forma circular: “A marcação da oposição semântica por preposições, (...) se de um lado é motivo, de outro é consequência da neutralização semântica dos elementos.” (Bonfim, *op. cit.*: 107). Para ela, esses são os dois fatores favorecedores da mudança, dos quais a neutralização semântica é o principal.

Bonfim diz que não há base para explicar o desprestígio de *u* e a preferência de *onde*, mas que a generalização do valor de localizador deste último “só se viabilizou graças ao esvaziamento semântico da acepção de proveniência.” (Bonfim, *op. cit.*: 118).

A autora registra ainda o uso do “*Onde* temporal”, do “*Onde* discursivo” e do *onde* equivalente ao pronome relativo *que*. Mas, como esses usos não são, para a autora, agentes de ruptura do sistema de uso de *u* e *onde*, ela não os analisou.

O estudo de Kersch (1996) insere-se numa abordagem funcionalista e apresenta uma análise do *onde* que foi dividida em duas etapas: uma que a autora chamou estudo exploratório, pois consistiu em coletas assistemáticas das ocorrências do item, e outra denominada “estudo descritivo”, na qual a autora coletou dados do *onde* da

escrita e de programas de televisão e rádio. O seu trabalho concentrou-se nos dados da segunda etapa da pesquisa.

No estudo exploratório, Kersch verificou que o uso do item com valor distinto do preceituado tradicionalmente, ou seja, *onde* não-locativo, é condicionado pelo contexto explicativo, na fala e na escrita formais. Com essa constatação, a etapa descritiva de sua pesquisa consistiu na análise do item em textos, predominantemente, dissertativos/argumentativos, uma vez que o contexto explicativo é inerente a esse tipo textual.

A autora dividiu o *onde* em dois usos gerais<sup>8</sup> – padrão e não-padrão. Os usos padrão foram aqueles em que o item assume o valor locativo preceituado pela tradição gramatical; os usos não-padrão foram todos aqueles que fogem a esse padrão normativo, aos quais a autora chamou de “*onde* com valor diferenciado”. Os valores diferenciados encontrados em seu *corpus* foram: espaço nocional, tempo, posse (equivalendo a *cujó*), *o qual*prep./*que*, discursivo e outros (a autora rotulou de “outros” os usos em que havia problema de regência com o uso do *onde*. *É só você ligar nas datas e locais aonde o posto vai estar*(...) (exemplo da própria autora).

Em seus dados do estudo descritivo, isto é, da segunda etapa, Kersch verificou que o *onde* espaço nocional é o mais usado, tanto na escrita quanto na fala (mais de quarenta por cento em cada uma dessas modalidades). O *onde* discursivo teve ocorrência apenas na escrita (34,15%), seguindo o *onde* nocional em termos de frequência. O *onde* discursivo teve ocorrência na fala apenas nos dados da primeira etapa, isto é, no estudo exploratório.

---

<sup>8</sup> A autora fez sua análise considerando a classificação locativo e não-locativo do item, usando, respectivamente, os rótulos ‘padrão’ e ‘não-padrão’ (ou ‘valores diferenciados’ do *onde*). O que Kersch chama de ‘valores diferenciados’ do *onde* engloba usos que aqui separo: o *Onde* relativo, ou F.Gra1, e o *Onde* conectivo, ou F.Gra2, que Kersch chama de *Onde* discursivo.

Esses valores encontrados por Kersch foram bastante altos. Mas, como a autora usou dados não-aleatórios, ou seja, os textos selecionados para a coleta dos dados favoreciam a ocorrência do *onde* nocional e do *onde* discursivo, era mesmo de se esperar uma frequência alta desses usos.

As ocorrências do *onde* padrão, ou seja, de acordo com a autora, aquele com valor locativo, totalizaram apenas 20,63%.

Kersch verificou ainda que o *onde* discursivo possui valores semânticos limitados. Em seu *corpus*, encontrou os seguintes valores: conclusão, explicação, causa, condição e finalidade (estes dois últimos em menor escala).

Ela conclui seu trabalho constatando a existência, tanto no português arcaico como no português contemporâneo, de dois usos do item: “(...) um pronome relativo, fazendo referência a lugar - espaço físico, lugar - espaço nocional, tempo, posse e coisa; outro, conectivo coordenativo, com idéia de conclusão, que denominamos *onde discursivo*” (*op. cit.*: 9). Deduzimos com isso que Kersch endossa a visão de que o *onde*, mesmo sem antecedente expresso, é pronome relativo, visão essa que não adoto no presente trabalho.

Como expus na introdução, considereirei três usos distintos do *onde*: sem antecedente ou sem referência a um termo anterior da sentença, ao qual chamei de **F.Lex**; o uso do item como um anafórico, ao qual chamei de **F.Gra1**; e o uso como conectivo, pelo qual o item evidencia relações entre idéias na sentença. A este último denominei de **F.Gra2**.

Baseando-se na hipótese de que o uso polissêmico do *onde* não constitui uma inovação no sistema lingüístico, mas a efetivação de um processo de mudança iniciado

há alguns séculos, Coelho (2001) faz uma análise descritivo-quantitativa do item em *corpus* do português ducentista e do português contemporâneo, considerando que o seu emprego vai além do valor locativo preceituado pela tradição gramatical.

Coelho divide sua análise em duas partes: a primeira, descritiva, apresenta os diversos usos do *onde* no *corpus* do português ducentista, composto por 427 poemas das *Cantigas de Santa Maria*, e do português contemporâneo, composto por textos de gêneros diversos (imprensa, acadêmico e literário), escritos em português padrão. A segunda parte é constituída da quantificação dos dados elencados e analisados na primeira, fazendo-se com isso uma comparação entre as duas épocas.

No português ducentista, Coelho encontrou 15 ocorrências do *onde/u*, sendo 26,7% representados pelo valor locativo e os outros 73,3% apresentam valor não-locativo. Contudo, dentre as ocorrências que ela atribui a esse valor, uma delas tem como referente um nome de pessoa. Tal ocorrência é a seguinte:

(12) *Os crerigos en mui bon son  
cantando “Kyrieleyson”,  
viron jazer aquel baron,  
u fez Deus demonstrança.*

(Cantiga 24)

O item nessa ocorrência retoma o termo *baron*. Semanticamente, é, portanto, um pronome relativo de referência não-locativa. Reestruturando a sentença, a autora propõe a seguinte paráfrase: “Deus fez demonstração naquele varão”. Segundo ela, “O valor locativo é claro, embora o emprego do advérbio locativo *onde* para se referir a um antecedente pessoa não seja previsto pelos gramáticos normativistas.” (Coelho, *op. cit.*:

47). Parece que, nesse caso, aquilo que a autora chama de locativo decorre da metáfora do recipiente (ou metáfora do *container*), sobre a qual falaremos no próximo capítulo.

Coelho encontrou os seguintes valores do *onde* não-locativo no *corpus* do português ducentista: idéia de procedência, regido pela preposição *de*, tempo; instrumento; explicação; causa; adição; partícula expletiva; finalidade; marcador conversacional – equivalente a *Enisso*, e um uso ao qual a autora não atribuiu um nome específico, mas que chamarei de ‘evento’, pois o *onde* foi usado como pronome relativo retomando a palavra *morte*.

(13) *Vencer dev'a Madre daquel que deitou  
Locifer do Ceo, e depois britou  
o ifern'e os santos dele sacou,  
e venceu a mort'u por nos foi morrer.*

(Cantiga 27)

O *corpus* do português contemporâneo foi composto por textos de imprensa, textos acadêmicos e textos literários. Nestes, a autora verificou que o uso não-locativo do *onde* não é tão abundante quanto no século XIII: as ocorrências mais frequentes do item foram aquelas com valor locativo (embora ainda seja muito usado polissemicamente). Dentre as ocorrências não-locativas, Coelho encontrou os seguintes valores: instrumento; tempo; espaço nocional; articulador do plano textual – equivalente a uma expressão preposicionada com um pronome relativo (*pelo qual, através do qual, em que, sobre o qual*); posse – equivalendo a *cujó*, pronome demonstrativo; oposição; conclusão/consequência; causa; equivalente a *então*.

A terminologia adotada por Coelho é diferente da que empregamos, isto é, muito do que a autora chama de valor locativo, foi classificado nesta pesquisa como espaço nocional, evento, tempo etc. E algumas ocorrências a que ela atribui o valor de articulador do plano textual, classifiquei como *Onde* conectivo, ou F.Gra2.

Na segunda parte de sua análise, Coelho encontrou os seguintes resultados: no português ducentista, o valor não-locativo do item era predominante; no contemporâneo, com exceção do texto acadêmico, predomina o valor locativo do *onde*. Segundo a autora, essa inversão deve-se à força da tradição gramatical, que não existia no século XIII.

Partindo da hipótese de que o *onde* atua na organização do discurso, como conector que liga segmentos discursivos, Marinho (2002) investiga o funcionamento do item em textos acadêmicos, adotando como referencial teórico o Modelo de Análise Modular, desenvolvido na Universidade de Genebra.

Marinho mostrou que, além de funcionar como elemento que remete um termo a seu antecedente<sup>9</sup> – isto é, usado anaforicamente –, o *onde* funciona “também como elemento que liga entidades lingüísticas cujos conteúdos semânticos mantêm entre si relações argumentativas” (Marinho, *op. cit.*: 26). Dessa forma, a autora mostrou a ampliação no campo de atuação do item, que passou a desempenhar duas funções, uma anafórica e outra conectiva.

Na função conectiva, Marinho observa, a partir de exemplos de seu *corpus*, que o *onde* é usado de formas bem diferentes – introduzir conclusão/resultado ou

---

<sup>9</sup> Marinho analisou a forma *onde* no seu uso relativo, isto é, as ocorrências do item com antecedente expreso, e no seu uso aqui denominado conectivo. O emprego do item sem antecedente explícito – que aqui considero a forma lexical do *onde* – não foi objeto de análise pela autora, que no entanto o considerou um relativo sem antecedente.

introduzir uma causa, o que, segundo a autora, “pode causar algum transtorno para a interpretação do enunciado em que o *onde* se encontra, na medida em que elas não permitem precisar o estatuto do constituinte discursivo, nem servem para guiar o interlocutor na constituição do contexto de interpretação.” (Marinho, *op. cit.*: 87).

A proposta da autora para o fato de um único conector apresentar naturezas tão diversas (no caso, conclusivo e causal) é o fato de o *onde* apresentar instruções de naturezas diferentes e de níveis diferentes. As instruções dizem respeito às propriedades gramaticais da palavra (lexicais, morfossintáticas e semânticas) que definem “os procedimentos que devem ser seguidos para a interpretação dos enunciados.” (Marinho, *op. cit.*: 79).

Com isso, a autora quer dizer que o *onde* assume dois papéis: relativo e conectivo, pois existem duas instruções para o item:

“(...) Se o *onde* funciona como um elemento que introduz um constituinte, (...), e que se refere a uma informação presente explícita ou implicitamente em constituinte anterior (que seria o seu antecedente), pode-se formular esse procedimento como requerendo a aplicação da instrução: **retomar uma informação dada anteriormente (explícita ou implicitamente) estabelecendo com ela um elo de (cor)referência**. Uma vez que a informação retomada pelo *onde* tende a apresentar um semantismo locativo, essa instrução pode ser assim expressa: **retomar uma informação dada anteriormente (explícita ou implicitamente) e estabelecer com ela um elo de (cor)referência, fundado numa noção de lugar**.

Se o *onde* atua como um elemento que, num emprego argumentativo, interpretado em função das informações de ordem

referencial, introduz uma conclusão ou uma conseqüência em relação a uma informação presente no contexto ou dele inferida, pode-se formular esse procedimento como requerendo a aplicação da seguinte instrução: **apresentar uma conclusão em relação a uma informação dada anteriormente, a qual é por ele retomada** ou, de maneira simplificada, **retomar uma informação dada anteriormente apresentando-a como uma causa**. E se ele introduz uma causa ou um motivo em relação a uma informação precedente que se apresenta como um resultado ou conclusão, pode-se conceber essa sua atuação em termos da seguinte instrução: **apresentar uma causa em relação a uma informação dada anteriormente, a qual é por ele retomada** ou **retomar uma informação dada anteriormente apresentando-a como uma conclusão**.” (Marinho, *op. cit.* 89-90) [grifos da autora]

Fica claro que a autora, assim como Kersch (*op. cit.*), considera o uso do *onde* sem antecedente expresso como relativo. Na introdução deste trabalho, explico por que considero o *onde* sem antecedente textual um uso diferente daquele com antecedente expresso e, por isso, classifico os dois usos de formas diferentes: o *onde* não-anafórico o categoriza lexicalmente e o anafórico, gramaticalmente.

Outra importante característica do *onde* constatada por Marinho é o fato de o item apresentar, em muitos casos, um papel ao mesmo tempo de relativo quanto de conectivo. A autora verifica essa dupla função na seguinte ocorrência:

- (14) *Não é preciso “ensinar” gramática. Deve-se dar ao aluno de 1º e 2º grau a oportunidade de crescer linguisticamente, através da prática constante em aulas que sejam um prazer e uma descoberta a cada instante, onde tenham oportunidade de*



*manifestação individual espontânea, sem ser reprimido nem humilhado por constantes correções de seus erros.*<sup>10</sup>

Nessa ocorrência, o *onde* pode ser interpretado tanto como um relativo quanto um conectivo. Para interpretá-lo como relativo, é necessária uma reconstrução da sentença da seguinte forma:

(14.a) *Não é preciso “ensinar” gramática. Deve-se dar ao aluno de 1º e 2º grau a oportunidade de crescer linguisticamente, através da prática constante em aulas que sejam um prazer e uma descoberta a cada instante, nas quais tenham oportunidade de manifestação individual espontânea, sem ser reprimido nem humilhado por constantes correções de seus erros.*

Ou seja, o *onde* pode ser interpretado, nessa ocorrência como um relativo que retoma o termo *aulas*.

Além dessa interpretação, pode-se também fazer uma outra, de natureza diferente: o *onde*, nesse caso, pode ser interpretado como um conectivo, estabelecendo uma idéia, segundo Marinho, de finalidade ou conseqüência<sup>11</sup>:

(14.b) *Não é preciso “ensinar” gramática. Deve-se dar ao aluno de 1º e 2º grau a oportunidade de crescer linguisticamente, através da prática constante em aulas que sejam um prazer e uma descoberta a cada instante, de modo que tenham oportunidade de manifestação individual espontânea, sem ser reprimido nem humilhado por constantes correções de seus erros.*

---

<sup>10</sup> (Marinho, *op. cit.*: 133).

<sup>11</sup> Marinho observa que “Existe uma aproximação entre esses dois tipos de relação – final e consecutiva – quando se apresenta uma conseqüência que se associa a uma finalidade. Bechara (1978) cita que dessa associação resultam cruzamentos consecutivos-finais na construção da frase, responsáveis pelo aparecimento de locuções como de modo a, de maneira a, cujo emprego não é bem visto pelos gramáticos.” (op. cit.: 135).

Essa outra interpretação mostra que o item tem, de fato, um papel ambíguo de relativo ou de conectivo.

Marinho explica, enfim, que o *onde* é um elemento “capaz de compactar a estrutura em que se encontra, visto que através dele é possível uma condensação de informações (a retomada de um referente e, ao mesmo tempo, a inferenciação de uma relação argumentativa)” (Marinho, *op. cit.*: 272). Segundo a autora, essa característica do *onde* de compactador de informações da estrutura lingüística pode ser “a grande motivadora de seu emprego em contextos argumentativos (...)” (Marinho, *op. cit.*: 272).

Souza (2003) faz um estudo do item na fala de Salvador, conjugando o modelo variacionista e o modelo funcionalista em sua análise.

A autora considerou vários contextos e propriedades lingüísticos – foricidade, referenciação, tipos de frases (afirmativa, interrogativa direta e indireta), tipos de oração (relativas, adverbiais locativas, substantivas, orações com *onde* interrogativo, frases feitas e outras estruturas nas quais o item ocorre como “nexo coesivo”), a correlação com preposições (neste caso, o objetivo foi verificar se as preposições são usadas nos contextos em que são requeridas e se usadas adequadamente) e por último foi analisada a repetição do item.

Os resultados de Souza (*op. cit.*) mostraram que o *onde* com valor locativo possui percentuais elevados na fala de Salvador. Dos usos não-locativos, o que apresentou maior percentual foi o *onde* nocional, ao qual a autora chamou de “*onde* noção”. As ocorrências do item no uso ao qual chamo de F.Gra2 – ou *Onde* conectivo – não foram quantificadas, mas, de acordo com a autora, “são vistas como relevantes, por evidenciarem usos mais abstratos, e um comportamento (...) que confere um outro

estatuto ao ONDE, quando esse item assume (...) características de elemento do discurso, ou conjunção” (Souza, *op. cit.*: 147).

Numa abordagem sociolingüística, Araujo (2007) analisou o comportamento do *onde* e correlatos no português oral de Belo Horizonte, a fim de verificar se existe variação entre esse item e suas variantes preposicionadas. Os contextos lingüísticos analisados por Araújo foram: o contexto sintático, a natureza do antecedente, presença de clivagem e o valor semântico dos itens.

As ocorrências dos itens no valor não-locativo não foram registradas na análise quantitativa, pois o foco do autor foi na variação entre os itens com o valor locativo.

Dentre os aspectos lingüísticos verificados por Araujo, destacam-se:

- 1) a ocorrência das formas inovadoras *naonde* e *daonde*,
- 2) o uso de *onde* em diferentes valores semânticos – ‘lugar em que’, ‘lugar a que’, ‘lugar por que’ e ‘lugar de que’.

Esses dois aspectos observados pelo autor sinalizam que, no caso do *aonde*, o segmento *a* inicial não possui o valor de uma preposição com sentido de movimento. Ou seja, o *a* do *aonde* não é uma preposição e esse vocábulo não possui o sentido de ‘para onde’, como é postulado pela tradição gramatical. Isso pode ser comprovado pelas formas encontradas por Araújo, que mostram que o *aonde* vem incorporando preposições (no caso, as preposições *em* e *de*) e que o *onde* também é usado com a acepção de ‘lugar a que’ (além de outras verificadas pelo autor).

Segundo Cambraia (2002), em seu estudo sobre o vocábulo *aonde*, esse item sempre apresentou os valores semânticos de ‘lugar em que’ e ‘lugar a que’. Além disso, o *onde*, no *corpus* por ele analisado, também apresentou o valor de ‘lugar a que’. Isso mostra que o *a* inicial do vocábulo não marca a oposição semântica ‘lugar a que’ *versus* ‘lugar em que’ entre os dois itens. De acordo com Cambraia, o *aonde* surgiu na língua para reforçar os valores adquiridos pelo *onde* no português arcaico.

Isso mostra uma variação existente não entre o *onde* e todas as suas variantes preposicionadas, mas entre o *onde* e o *aonde*.

Essas e outras questões serão discutidas no decorrer deste trabalho. Neste capítulo, meu objetivo foi apenas apresentar os resultados já encontrados na literatura sobre o *onde*, naquilo que me interessa para este estudo, sobre o *aonde*.

## **CAPÍTULO 3: ANÁLISE QUANTITATIVA DO *ONDENOS CORPORA* E DISCUSSÃO DOS DADOS**

Neste capítulo, será apresentada a quantificação dos dados com sua respectiva análise e discussão. Os *corpora* utilizados constituem-se de textos divididos em três períodos da língua portuguesa – arcaico, moderno e contemporâneo. Para cada período foram eleitos quatro textos de gêneros diversos. A análise desses dados será feita de acordo com os critérios apresentados na introdução.

O *corpus* do período arcaico compreende 33.601 palavras, o do período moderno 52.260 palavras e o do contemporâneo compreende 33.487 palavras.

Primeiramente, foram quantificadas as ocorrências do *onde* nos três períodos do português, sendo essas ocorrências classificadas em **F.Lex**, **F.Gra1** e **F.Gra2**. Com essa quantificação, foi possível verificar em que estágio de gramaticalização se encontra o *onde*.

Sobre a metodologia usada nessa quantificação, convém fazer alguns comentários.

Vitral (2006), em seu artigo *O papel da frequência na identificação de processos de gramaticalização*, traça diretrizes teóricas a fim de desenvolver uma metodologia quantitativa que permita identificar processos de gramaticalização. Esse autor analisa o percurso da forma *ter* nos períodos arcaico, moderno e contemporâneo e estabelece vários critérios de identificação do fenômeno. Dentre esses critérios, destaca a frequência de um item em processo de gramaticalização. Segundo ele, a frequência de

uma forma em suas funções lexical e gramatical é um “instrumento decisivo que nos permite afirmar estar em curso um processo de gramaticalização”.

O critério da frequência é dividido em três procedimentos principais: (i) análise da frequência total do item, comparando-se os valores de cada período analisado; (ii) análise da frequência do item na função gramatical em relação ao total das ocorrências, comparando-se os resultados de cada período; (iii) análise da frequência do item na função lexical em relação ao total das ocorrências, comparando-se os resultados de cada período.

De acordo com esses critérios, um processo prototípico de gramaticalização apresenta as seguintes características: (i) a frequência total do item aumenta; (ii) a frequência do item na função gramatical também aumenta; (iii) a frequência do item na função lexical diminui.

No estudo de Vitral (*op. cit.*), as formas lexical e gramatical do item *ter* podem ser exemplificadas com as seguintes sentenças (os exemplos são do próprio autor):

**[F.Lex]** – *Ele tem um carro novo.*

**[F.Gra]** – *Ele tem comprado bugigangas.*

Foram aferidas as ocorrências das duas formas nos três períodos da língua e constatou-se, como esperado, que o total de ocorrências aumentou de um período a outro, as ocorrências da função gramatical aumentaram e as da função lexical diminuiram.

Essa mudança pode ser visualizada da seguinte forma:

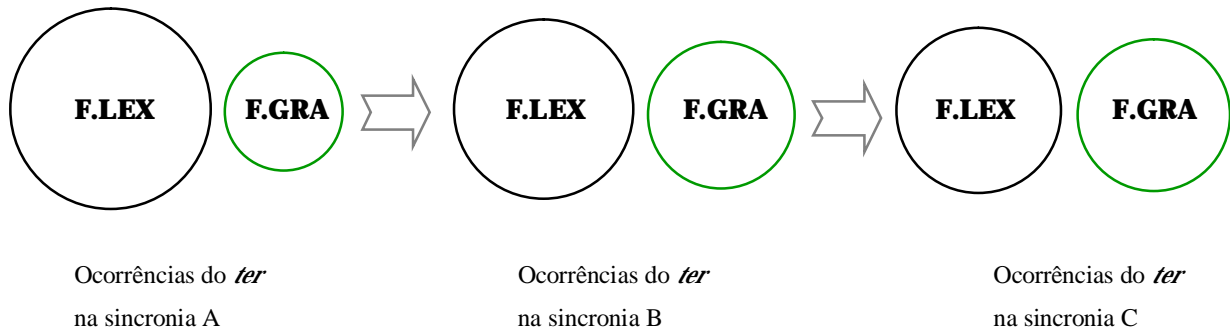


Diagrama 1: Percurso das formas lexical e gramatical do item *ter*; conforme Vitral (2006).

Esse diagrama mostra o percurso prototípico de um item em processo de gramaticalização, em relação à sua frequência. Na sincronia A, as ocorrências de F.Lex superam aquelas de F.Gra ( $F.Lex > F.Gra$ ). Na sincronia B, há um aumento das ocorrências totais ( $F.Lex + F.Gra$ ), e os usos de F.Lex, embora ainda predominantes, diminuem, e os de F.Gra aumentam, apontando para uma tendência à expansão do processo de gramaticalização. Na sincronia C, o total global das ocorrências aumenta ainda mais e a frequência de F.Lex diminui, embora ainda seja a maior parte das ocorrências. Em contrapartida, os usos de F.Gra aumentam.

O percurso prototípico de um item em gramaticalização é, então, um aumento gradativo da forma gramatical e uma queda também gradativa da forma lexical.

O autor distinguiu, dentro da função lexical (F.Lex), usos mais concretos e usos mais abstratos, sendo o uso concreto aquele que representa a acepção inicial do item. Essa acepção inicial foi classificada através de dicionários de etimologia.

O que o autor verificou foi que os usos abstratos da forma *ter* foram mais frequentes que os concretos desde o período arcaico. Ao final da última sincronia, *ter* F.Lex [+abstrato] ocorreu em 97,02% das ocorrências, e o *ter* F.Lex [+concreto] em

apenas 2,98%. Ou seja, embora não se tenha verificado a predominância de F.Gra, o percurso do *ter* aponta para a expansão do seu processo de gramaticalização, pois os usos abstratos da forma lexical aumentaram a cada período.

O diagrama abaixo mostra o percurso da forma *ter* F.Lex [+concreto] e [+abstrato]:

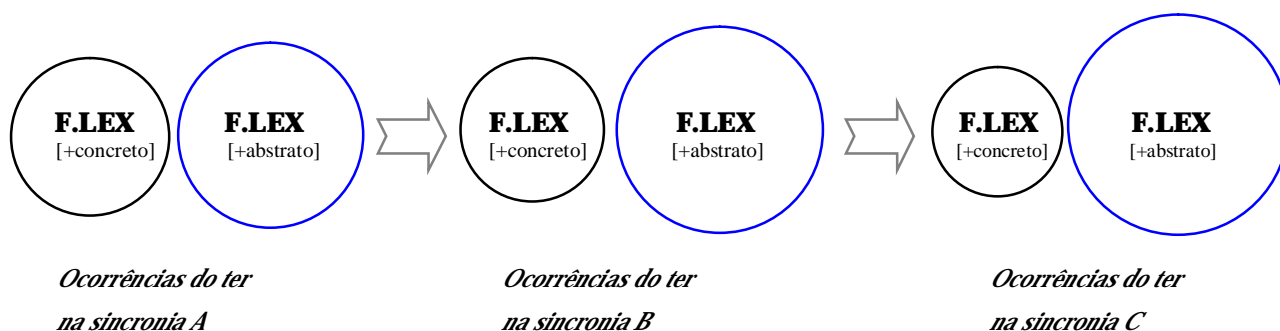


Diagrama 2: Percurso da forma lexical [+concreto] e [+abstrato] do item *ter*; conforme Vitral (2006).

Essa foi a trajetória observada pelo autor no seu estudo do verbo *ter*; para o qual a metodologia se mostrou adequada.

No entanto, é preciso levar em conta que ele trabalha com um item que apresenta, em sua análise, apenas duas formas de uso – uma lexical e uma gramatical (*ter* como verbo pleno e *ter* como verbo auxiliar, respectivamente). Como este estudo analisa um item que apresenta três usos distintos na língua (um lexical e dois gramaticais), sua metodologia não se mostra totalmente adequada, demandando adaptações.



Seguindo as diretrizes de Vitral (*op. cit.*), pode-se estabelecer o comportamento que se espera do *onde*, caso se enquadre em uma trajetória prototípica de gramaticalização:

- a) Aumento da frequência total do *onde*,
- b) Aumento da frequência do *onde* gramatical (F.Gra1 e F.Gra2);
- c) Diminuição da frequência do *onde* lexical (F.Lex);
- d) Aumento da frequência do *onde* relativo (F.Gra1) [+abstrato];
- e) Diminuição da frequência do *onde* relativo (F.Gra1) [+concreto].

Esse seria o comportamento esperado do *onde*, caso sua trajetória de mudança fosse semelhante à do verbo *ter*. Mas, como será mostrado mais adiante, o item *onde* apresenta um caminho de mudança que envolve outras questões.

Na nossa análise, foram quantificadas as ocorrências do *Onde*F.Lex, do *Onde* F.Gra1 e do *Onde*F.Gra2. Os procedimentos adotados foram os seguintes:

1º) análise do número total de ocorrências do *onde* nas três funções – F.Lex, F.Gra1 e F.Gra2 – em cada período;

2º) análise da frequência do *Onde* F.Gra1 [+concreto] e [+abstrato], em cada período.

O segundo procedimento é semelhante ao adotado por Vitral no seu estudo da forma lexical do *ter*. No entanto, no seu estudo, o autor o aplicou à função F.Lex do verbo, que foi dividida em F.Lex [+concreto] e F.Lex [+abstrato]. Aqui, esse

procedimento foi aplicado à primeira função mais gramatical, isto é, F.Gra1, por considerar que nela os usos concreto e abstrato do *onde* estejam mais evidenciados (cf. pág. 23). Como uso concreto, considere aquele em que o item é usado com referência a um lugar físico-territorial. Os usos abstratos são todos os outros em que o item foi usado como relativo com referência a espaço nocional, tempo, evento, indicando uma relação genitiva etc.

Esses procedimentos mostrarão em que estágio da gramaticalização se encontra o item, isto é, levando-se em conta a trajetória

### 3. ***Onde*Adverbial** > ***Onde*Relativo** [+concreto] > ***Onde*Relativo** [+abstrato] > ***Onde*Conectivo**,

pretende-se aferir, diacronicamente, a frequência do item nos três usos e ver o grau de espraiamento das formas mais gramaticais.

Após a análise do *corpus* escrito, foram analisadas as ocorrências do item *onde* em *corpus* oral do dialeto mineiro a fim de: (a) buscar a frequência da forma nessa modalidade da língua e (b) com essa frequência, tentar preencher a carência de dados na escrita, já que, como se verá, não houve ocorrência de F.Gra2 nos textos escritos contemporâneos. Na seção 3.2. *Frequência do onde no corpus oral*, explicarei mais detalhadamente o motivo de seu uso neste estudo.

Essa metodologia foi aplicada, portanto, para aferir o grau de espraiamento das formas mais gramaticais do *onde*. Além disso, como já foi dito na introdução, objetivou-se investigar se, ao se gramaticalizar, o item desempenha as três funções distintas ou se

vem se especializando em alguma delas. No caso de o *onde* se especializar nas funções mais gramaticais isto é, F.Gra1 e F.Gra2, teve-se como hipótese inicial que o *aonde* passaria a exercer a função menos gramatical, ou seja, a adverbial.

### **3.1. FREQUÊNCIA DO *ONDE* NO *CORPUS* ESCRITO**

Os dados do *onde* no *corpus* escrito estão apresentados em tabelas e gráficos nas subseções seguintes. Primeiramente, em 3.1.1, é apresentada a distribuição total das ocorrências do item em cada função, ou seja, F.Lex, F.Gra1 e F.Gra2. Nas outras subseções, apresento a distribuição do *onde* em cada período do português – arcaico, moderno e contemporâneo. Serão mostradas também as ocorrências do item em F.Gra1. Ou seja, quando funciona como um relativo, mostrarei a quantificação dos usos locativo, nocional, temporal, genitivo etc. A esses usos de F.Gra1 estou chamando de ‘acepções’. Essa quantificação tem por objetivo aferir as ocorrências do item na função relativa, mostrando, dessa forma, os usos [+concreto] e [+abstrato]. Por [+concreto] considere apenas a acepção locativa e por [+abstrato] todas as outras acepções do *onde*.

Na introdução de cada seção, apresento um quadro com os nomes dos textos usados em cada período, seguidos de algumas informações sobre eles: data, número de palavras, a sigla utilizada para cada texto e uma breve descrição.

### 3.1.1. FREQUÊNCIA TOTAL DO *ONDE*

A frequência total do *onde*, distribuída entre as três funções, é mostrada na tabela e no gráfico a seguir:

OCORRÊNCIAS TOTAIS DO <i>ONDE</i>						
	F.Lex	%	F.Gra1	%	F.Gra2	%
	22	32,4	45	66,2	1	1,5
<b>Total</b>	<b>68</b>					

Tabela 1: Distribuição do *onde* por função.

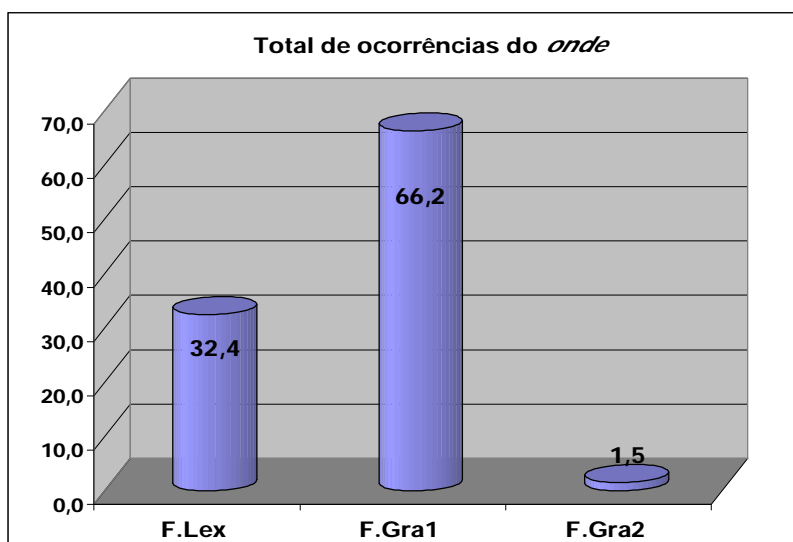


Gráfico 1: Distribuição do *onde* por função.

Das 68 ocorrências do item no *corpus* escrito, a função em que houve o maior número de ocorrências foi F.Gra1: 66,2 % contra 32,4 % de F.Lex e 1,5% de F.Gra2, que apresentou apenas 1 ocorrência (cf. (15) abaixo), o que já mostra que a segunda etapa da gramaticalização do *onde* ainda não se consolidou na escrita.

- (15) (...) *que havião outros Ryos mais que no tempo das agoas crescião e nelles havia o mesmo perigo e que toda a Freguezia era montuosa onde a mayor parte dos caminhos erão intransitaveis e que passavam por logares ermos q. muitas vezes estavão sujeitos aos Escravos fugidos que insultavão os Passageiros e em varias partes tinha havido invazoens do gentio q. sahia do sertão a roubar e matar; (...)*

Esse tipo de ocorrência, de acordo com Marinho (*op. cit.*), apresenta ambigüidade de interpretação. Sobre isso falarei na subseção *3.1.3. Freqüência do onde no Português Moderno*.

É necessário ainda mostrar a distribuição do item em F.Gra1, isto é, a quantificação das acepções concretas e abstratas do *onde*. A divisão foi feita apenas entre ‘locativo’ e ‘outras’, pois, como já foi explicado, o uso concreto foi considerado apenas a acepção locativa e todas as outras – nocional, temporal, genitivo etc. – foram consideradas abstratas. Portanto, a classificação considerada é: uso locativo – *Onde* F.Gra1 [+concreto]; todos os outros usos – *Onde*F.Gra1 [+abstrato].

ACEPÇÕES DO <i>ONDE</i> F.Gra1 - TOTAL GERAL		
ACEPÇÕES	ONDE/HU/U/HOMDE	%
[+LOCATIVO]	29	64,44
[-LOCATIVO]	16	35,56
<b>Total</b>	<b>45</b>	<b>100,00</b>

Tabela 2: Distribuição total do *onde*F.Gra1 por acepção.

A quantificação total mostra que o *Onde* F.Gra1 predomina como um locativo, sendo usado em 64,44 % das 45 ocorrências do *corpus* escrito. Os usos classificados como abstratos têm 35,56 % do total das ocorrências, sendo 15 ocorrências na acepção ‘nocional’ e apenas 1 na acepção ‘temporal’. Na análise de cada período serão apresentados alguns trechos exemplificando essas ocorrências.

Passemos agora à análise dos dados de cada período, para verificar como esses usos estão distribuídos.

### 3.1.2. FREQUÊNCIA DO *ONDE* PORTUGUÊS ARCAICO

O *corpus* deste período compõe-se de 33.601 palavras distribuídas da seguinte forma:

<b>Período Arcaico</b>				
<b>TEXTO</b>	<b>DESCRIÇÃO</b>	<b>DATAÇÃO</b>	<b>Nº DE PALAVRAS</b>	<b>SIGLA</b>
Livro de Linhagens, MATTOSO, 1983	Trecho do livro de Linhagens	Meados do século XIV	6.858	LN
Conselhos de Duarte DIAS, 1982	Cartas de D. Pedro e do Conde de Arraiolos	1426 a 1434	9.207	DD
Crônica de D. João LOPES. In: COHEN, 1999	Trecho da crônica do rei Dom João	1437/1450	9.683	DJ
Vereações do Funchal DA COSTA. In: CEHA, 1994	Atas da Câmara de vereadores da cidade de Funchal, Portugal	1485 e 1486	7.853	VR

Quadro 3: Constituição do *corpus* – **Período Arcaico**.

Os dados da forma *onde* no português arcaico estão apresentados na tabela seguinte divididos por função.

<b>TOTAL DE OCORRÊNCIAS DO <i>ONDE</i> - PERÍODO ARCAICO</b>									
	<b>F.Lex</b>	<b>%</b>	<b>Fr. Rel</b>	<b>F.Gra1</b>	<b>%</b>	<b>Fr. Rel</b>	<b>F.Gra2</b>	<b>%</b>	<b>Fr. Rel</b>
	9	25,7	0,27	26	74,3	0,77	0	0,0	0,00
<b>Total</b>	<b>35</b>								

Tabela 3: Distribuição do *onde* por função – **Período Arcaico**

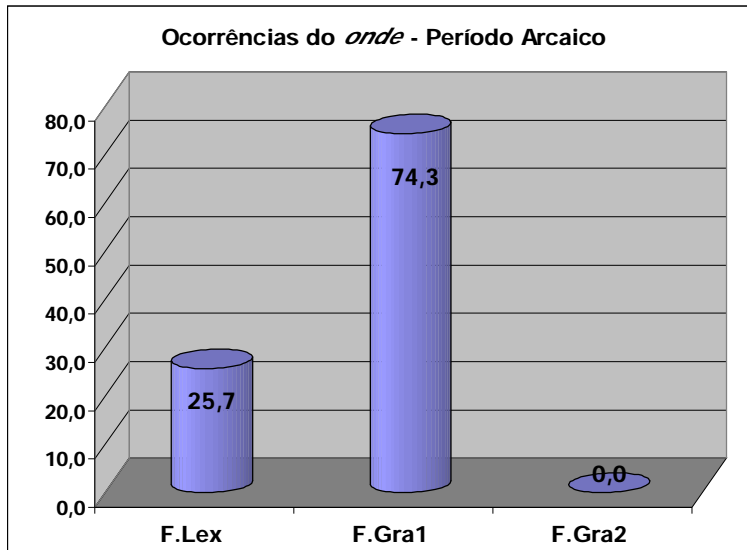


Gráfico 2: Distribuição do *onde* por função – **Período Arcaico**.

No período arcaico, o uso do item em F.Gra1 já se mostra bem superior que em F.Lex: respectivamente, 74,3 % e 25,7 %. Isso demonstra que a primeira etapa do processo de gramaticalização (***Onde* adverbial > *Onde* relativo**) já se encontra em estágio avançado, permitindo-nos afirmar que esse processo se iniciou numa época anterior ao período sob análise. Não foi registrada nenhuma ocorrência do item na função mais gramatical, isto é, F.Gra2. Abaixo, listo alguns trechos com ocorrências deste período. O item foi sublinhado para facilitar a sua identificação pelo leitor, e o texto do qual foi retirada a ocorrência está indicado entre parênteses com a sigla do quadro 3.

- (16) *Bem sabeis senhor como em uosa terra ha muy poucos caualos o que he grande mjingoa a terra onde os não ha pera os feitos da guerra, e parece me senhor que seria bem ordenardes como os em ela ouuese (...)(DD)*

- (17) *E com esto vos rogo que uos façaes prestes, sem poer em ello deteença alguma. E nom uos anojees por seer pouco, ca prazendo a Deus, vos hirees a terra onde achares todo o que uos comprir. (DJ)*
- (18) *E disse a gram voz: "Ai Deus, poder-m'iades dizer u ficou?"(LN)*
- (19) *Item ho varejador trarra a vara e andara per todas as tauernas e casas onde uender vinho attauernado e lanHara a uara a tonell ou pipa ou quarto e asentara em sseu caderno o dono da tauerna e o dja em que for posto e o preHo dos dictos ujnhos a que fforom postos e no dja que esto fizer ssera obrigado o lleuar ao espriuam do liuro do rreHebimento pera o aver elle asentar em seu liuro segundo seu rregimento e auera por seu trabalho quatro mjil rrs. (VR)*
- (20) *(...) e este mesmo poder que dou ao dicto Bras Afonso na dicta Ilha da Madeira lhe dou jssso mesmo nas mjinhas Ilhas do Porto Santo e Deserta onde lhe mando que vaa prouuer nas cousas da justia e boom rregimento dellas (...) (VR)*
- (21) *Vaasquo Louremço o alcaide se foy com os seus a Pomte de Lima, homde seu jrmaão Lopo Gomez estaua. (DJ)*

Em relação à frequência relativa<sup>12</sup>, temos 0,27 % para F.Lex e 0,77 % para F.Gra1. Esses valores serão relevantes na análise diacrônica, ou seja, ao serem comparados com os valores dos outros períodos.

Entre os usos [+concreto] e [+abstrato] de F.Gra1, temos os seguintes resultados:

---

<sup>12</sup> A frequência relativa foi obtida dividindo-se a frequência de cada função pelo total de palavras de cada período e multiplicando-se esse valor por mil. O resultado encontrado deve ser interpretado como a probabilidade de ocorrência da função a cada mil palavras em um texto, o que diz respeito à produtividade do item.



ACEPÇÕES DO <i>ONDE</i> F.Gra1 - ARCAICO		
ACEPÇÕES	Ocorrências	%
[+LOCATIVO]	20	76,92
[-LOCATIVO]	6	23,08
<b>Total</b>	<b>26</b>	<b>100,00</b>

Tabela 4: Distribuição do *onde* F.Gra1 [+concreto] e *onde* F.Gra1 [+abstrato] – **Período Arcaico**.

Os dados mostram que o uso locativo ainda é bem superior que os outros usos. No período arcaico, em 76,92 % das ocorrências de F.Gra1, o item foi usado como relativo [+concreto] e apenas em 23,08 % ele foi usado como relativo [+abstrato]. Isso significa que, embora o item seja predominante em F.Gra1, o uso concreto ainda é o mais usado. As seis ocorrências do *onde* [+abstrato] foram 5 na acepção nocional e 1 na temporal. Abaixo, encontram-se algumas dessas ocorrências:

- (22) *E os que morrêremos hoje seeremos com el no seu reino celestial, u ha moradas tam nobres que se nom podem dizer por línguas. (LN)*
- (23) *(...) da qual o dicto LanHarote Alvarez apelou e lhe nom froy rrecebida depos por agrauo e lho nom rreceberom pydjo que lhe mandasem dar hé estromento e elles officjaes disserom nom sse ja duujda na antrelinha onde djz dozentos rs. que eu o ffiz por verdade. (VR)*
- (24) *E el rei dom Afonso de Portugal era de grandes feitos, e quanto mais olhava polos Mouros, tanto lhi mais e mais crecia e esforçava o coração, como home que era de grandes dias, e tiinha que Deus lhi fezera gram mercee em o chegar aquel tempo u podia fazer emmenda de seus pecados por salvaçom de sa alma e receber morte por Jhesu Christo. (LN)*
- (25) *O quall recebimento hordenarom desta guissa: Todallas naaos que eram no rio muyto çedo pella menhãa foram apendoadas de bandeiras e estemdartes, e postos muytos ramos verdes em çertos logares homde cada huum emtendia que melhor podiam parecer. (DJ)*

Veremos agora a distribuição dos dados no período moderno.

### 3.1.3. FREQUÊNCIA DO *ONDE* PORTUGUÊS MODERNO

A composição do *corpus* do português moderno foi feita conforme o seguinte quadro:

<b>Período Moderno</b>				
<b>TEXTO</b>	<b>DESCRIÇÃO</b>	<b>DATAÇÃO</b>	<b>Nº DE PALAVRAS</b>	<b>SIGLA</b>
Aves Ilustradas	Texto moral e fábulas para religiosas.	1738	10.807	AV
Documentos de Barra Longa COHEN et al., 1998	Textos cartoriais de Barra Longa, Monas Gerais.	1736-1786	6.858	BL
Antonil. In: CEHA 1994 Brasil	Tratado sobre como conduzir um engenho de cana no Brasil.	1711	10.380	AN
Garção, Obras Completas, SARAIVA 1982	Pronunciamentos proferidos na Arcádia Lusitânia.	1757	24.215	GR

Quadro 4: Constituição do *corpus* – **Período Moderno**.

O total de palavras deste período é 52.260. Os dados do português moderno estão apresentados nas tabelas e gráficos seguintes.

<b>TOTAL DE OCORRÊNCIAS DO <i>ONDE</i> - PERÍODO MODERNO</b>									
	<b>F.Lex</b>	<b>%</b>	<b>Fr. Rel</b>	<b>F.Gra1</b>	<b>%</b>	<b>Fr. Rel</b>	<b>F.Gra2</b>	<b>%</b>	<b>Fr. Rel</b>
	1	12,5	0,02	6	75,0	0,11	1	12,5	0,02
<b>Total</b>	<b>8</b>								

Tabela 5: Distribuição do *onde* por função – **Período Moderno**.

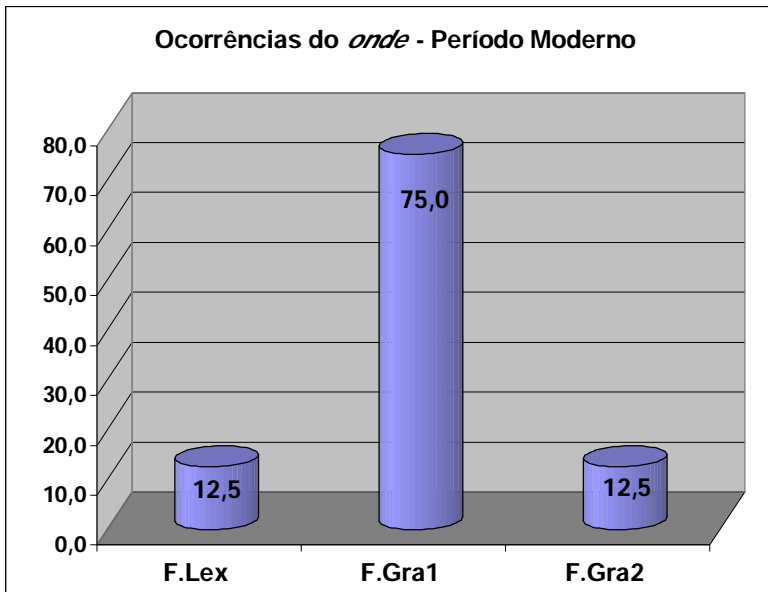


Gráfico 3: Distribuição do *onde* por função – **Período Moderno**

Como mostra a tabela, o item apresentou apenas 8 ocorrências no *corpus* do período moderno. Os resultados mostram que o item foi bem mais freqüente em F.Gra1. Aparentemente, este fato aponta para a consolidação da mudança do *onde* na primeira etapa da trajetória, ou seja, de F.Lex > F.Gra1. No entanto, é preciso considerar a queda das ocorrências totais do *onde* no período moderno, o que não está de acordo com o esperado para um item em gramaticalização, em relação à freqüência.

Como já foi dito, espera-se que um item sob esse processo aumente sua freqüência global de uma sincronia a outra. E o que aconteceu, do arcaico para o moderno, foi que as ocorrências do *onde* caíram consideravelmente: de 35 ocorrências num universo de 33.601 palavras, para 8 num total de 52.260 palavras. Em termos de freqüência relativa, esses valores são 1,04‰ no arcaico e 0,15‰ no moderno.

Esse fato não deve ser entendido como uma mudança do *onde* no sentido de não se gramaticalizar. O que o explica é a alta freqüência do *aonde* neste período. Mais

adiante irei analisar em conjunto as ocorrências do *aonde* e das variantes preposicionadas do *onde* (*por onde, per onde, per hu, donde* etc.). Por enquanto, veremos o funcionamento apenas do *onde* no período moderno.

Foram registradas no *corpus* apenas 1 ocorrência em F.Gra2 (cf. (29) abaixo) e outra em F.Lex (cf. (26) abaixo). Os valores da frequência relativa foram 0,02‰ para F.Lex e para F.Gra2, e 0,11‰ para F.Gra1. Comparando-se esses resultados com os do período arcaico, vemos que a frequência relativa de F.Lex diminuiu consideravelmente (0,27‰ para 0,02‰), assim como a de F.Gra1, que passou de 0,77‰ para 0,11‰. Esses valores não condizem com as características da gramaticalização em relação à frequência, mas, como já foi dito, isso será explicado ao se analisar o *aonde* juntamente com o *onde*.

Abaixo, transcrevo algumas dessas ocorrências, com o item grifado.

- (26) (...) *alem de outros Benezes que havião de suffragios e pé de Altar, e que podia ficar a nova Freguezia com mil e oito sentas peços até duas mil e q. todas costumavão pagar conhencença e que podia estabelecer na Capella de São José da Barra Longa onde se achava Pya Baptismal e Santos Oleos,(...)* (BL)
- (27) *Cumprace como Sua Magestade manda e se Registe na Secretaria deste Governo e honde mais tocar. Villa Rica 7 de Fevereiro de 1753. Jose Antonio Freire de Andrada - Registada a fs. 40 do Lo. Registo de Provisoens Reaes de officios e mercez que serve nesta Secretaria Villa Rica em 7 de Fevereiro de 1753 Joze Cardozo Pelleja - Cumprace e Registece Villa Rica dese de Fevereiro de 1753.* (BL)
- (28) *Com efeito, nada tem disso um naufrágio, a caída de uma casa e outros desastres semelhantes: é verdade que então nos compadecemos, mas nesta compaixão não tomamos maior parte do que aquela a que simplesmente nos obriga a humanidade. Mas, nos incidentes que nascem uns dos outros, a ideia do espectador, movida e cheia do objecto, vê justamente a causa e fim daquele horroroso successo; e desta duplicada vista seguem infalivelmente a surpresa e as paixões: e por isso há tanto de maravilhoso na*

*Sagrada Escritura, **onde** são tão frequentes os sucessos extraordinários, produzidos sempre de incidentes que nascem uns dos outros contra a expectação dos leitores. (GR)*

- (29) (...) *que havião outros Ryos mais que no tempo das agoas crescião e nelles havia o mesmo perigo e que toda a Freguezia era montuosa **onde** a mayor parte dos caminhos erão intransitaveis e que passavam por logares ermos q. muitas vezes estavão sujeitos aos Escravos fugidos que insultavão os Passageiros e em varias partes tinha havido invazoens do gentio q. sahia do sertão a roubar e matar; (...)* (BL)

O trecho contido em (29) apresenta a única ocorrência de F.Gra2. Essa ocorrência é, na verdade, ambígua. Ela é um exemplo do que Marinho expôs em seu trabalho e sobre o qual foi falado na seção *O que dizem os lingüistas: a perspectiva descritiva*, no capítulo 2. As duas interpretações possíveis tornam-se evidentes nas paráfrases seguintes:

(29.a) *"(...) que havião outros Ryos mais que no tempo das agoas crescião e nelles havia o mesmo perigo e que toda a Freguezia era montuosa **na quale nela** a mayor parte dos caminhos erão intransitaveis e que passavam por logares ermos q. muitas vezes estavão sujeitos aos Escravos fugidos que insultavão os Passageiros e em varias partes tinha havido invazoens do gentio q. sahia do sertão a roubar e matar; (...)"*

(29.b) *"(...) que havião outros Ryos mais que no tempo das agoas crescião e nelles havia o mesmo perigo e que toda a Freguezia era montuosa **de forma que** a mayor parte dos caminhos erão intransitaveis e que passavam por logares ermos q. muitas vezes estavão sujeitos aos Escravos fugidos que insultavão os Passageiros e em varias partes tinha havido invazoens do gentio q. sahia do sertão a roubar e matar; (...)"*

Diante da ambigüidade da ocorrência, restavam-me duas opções: excluí-la da quantificação do *corpus* ou classificá-la em um dos dois rótulos – F.Gra1 ou F.Gra2. Prefiri classificá-la como conectivo, por entender que mais evidente que a relação anafórica entre termos está a relação conectiva entre idéias. Optei, portanto, pela

interpretação de (29.b), por achar que a relação de consequência esteja mais evidente, embora reconheça que existe a possibilidade de interpretar o item como um relativo.

Em relação aos usos [+concreto] e [+abstrato] do item na função relativa, temos os seguintes resultados:

<b>ACEPÇÕES DO <i>ONDE</i> F.Gra1 - MODERNO</b>		
<b>ACEPÇÕES</b>	<b>Ocorrências</b>	<b>%</b>
[+LOCATIVO]	5	<b>83,33</b>
[-LOCATIVO]	1	<b>16,67</b>
<b>Total</b>	<b>6</b>	<b>100,00</b>

Tabela 6: Distribuição do *onde* F.Gra1 [+concreto] e *onde* F.Gra1 [+abstrato] – **Período Moderno**.

Ao contrário do que se esperava, esses resultados mostram alta do uso concreto do *Onde* F.Gra1, isto é, em relação ao período arcaico, o uso locativo do item aumentou (ver tabela 4, na página 50). No entanto, como esse aumento não foi grande – de 76,92% para 83,33% – podemos afirmar que o uso do *Onde* F.Gra1 [+concreto] se manteve praticamente com a mesma frequência de uso. A única ocorrência abstrata, transcrita em (28) acima, foi na acepção nocional.

Vejamos agora a distribuição do item no período contemporâneo.

### **3.1.4 FREQUÊNCIA DO *ONDE* PORTUGUÊS CONTEMPORÂNEO**

A constituição do *corpus* do português contemporâneo foi feita da seguinte forma:

<b>Período Contemporâneo</b>				
<b>TEXTO</b>	<b>DESCRIÇÃO</b>	<b>DATAÇÃO</b>	<b>Nº DE PALAVRAS</b>	<b>SIGLA</b>
Sarapalha, ROSA, 1946	Conto literário	1946	6.172	SA
A relativização da verdade em Heródoto, MORELO, 2000	Trecho de dissertação de mestrado, com citações	2000	10.724	HR
Diversos, VERISSIMO	Crônicas do escritor Luis Fernando Verissimo	Final do século XX (várias datas)	6.589	VE
Diversos, Jornal HOJE EM DIA	Matérias e crônicas sobre futebol e política	Final do século XX (várias datas)	10.002	HD

Quadro 5: Constituição do *corpus* – **Período Contemporâneo**.

Este período compõe-se de um *corpus* de 33.487 palavras. Foram computadas 25 ocorrências do item, distribuídas da seguinte forma:

<b>TOTAL DE OCORRÊNCIAS DO ONDE - PERÍODO CONTEMPORÂNEO</b>									
	<b>F.Lex</b>	<b>%</b>	<b>Fr. Rel</b>	<b>F.Gra1</b>	<b>%</b>	<b>Fr. Rel</b>	<b>F.Gra2</b>	<b>%</b>	<b>Fr. Rel</b>
	12	48,0	0,36	13	52,0	0,39	0	0,0	0,00
<b>Total</b>	<b>25</b>								

Tabela 7: Distribuição do *onde* por função – **Período Contemporâneo**.

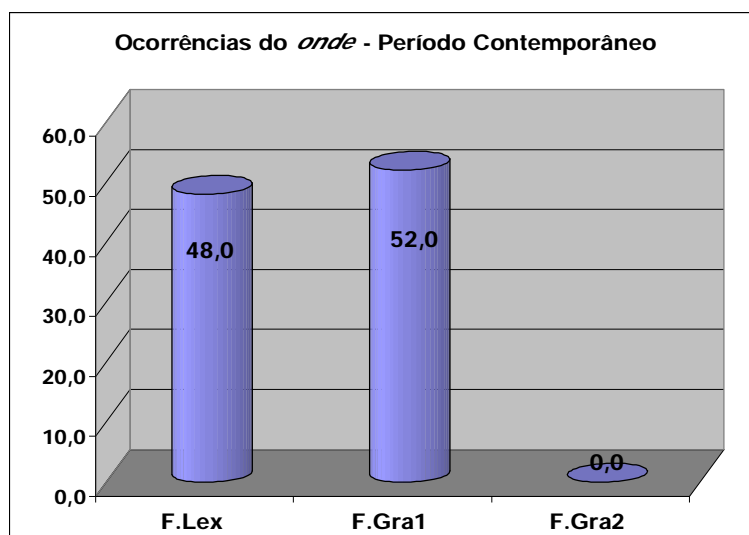


Gráfico 4: Distribuição do *onde* por função – **Período Contemporâneo**.

Os dados do português contemporâneo mostram uma mudança na trajetória do item que não era esperada: o uso em F.Lex aumentou em relação aos outros períodos e o uso em F.Gra1 diminuiu, mantendo-se ambos em equilíbrio nos dados do *corpus* contemporâneo. Por outro lado, não houve nenhuma ocorrência de F.Gra2, o que mostra que a segunda etapa da gramaticalização do *onde*, isto é, a mudança F.Gra1 > F.Gra2 não é um fenômeno produtivo na língua, como muitos deixam entender. O que se poderia questionar é se essa baixa produtividade não se deve a uma normalização dessa modalidade, isto é, se não existiria a força da tradição gramatical por trás dessa baixa produtividade do uso em F.Gra2. A análise do *corpus* oral poderá dizer se essa hipótese procede ou não.

Analisando a frequência relativa do item em cada uma das funções, temos: F.Lex – 0,36%; F.Gra1 – 0,39% e F.Gra2 – 0,00%. Mais adiante, esses valores serão comparados com as sincronias anteriores. Alguns exemplos desses usos no português contemporâneo estão transcritos a seguir:

- (30) *A predominância da fonte oral enquanto elemento constitutivo da obra Histórias (...) possibilita a preservação do esquecimento, pela forma escrita, e a ampliação do conhecimento através dos contos e lendas populares **onde** fantasia e realidade se confundem, não porque fogem à verdade, mas porque, como diz Homero na Odisséia, *nóon égno: o que importa é conhecer o pensamento de muitas gentes.* (HR)*
- (31) *A organização do discurso escrito é paralela a uma análise mais cerrada, um ordenamento mais estrito da matéria conceitual. Na e pela literatura escrita instaura-se esse tipo de discurso **onde** o *lógos* não é somente palavra, (...)* (HR)
- (32) *Só para esclarecer a oposição, que ouviu o galo cantar e não sabe **onde**, a Brasil Sul é velha conhecida em Brasília como parte do cartel que gerou escândalos no Ministério da Saúde no fornecimento de inseticidas.* (HJ)



- (33) *Como era mesmo que ela era?!... Morena, os olhos muito pretos... Tão bonita!... Os cabelos muito pretos... Mas não paga a pena querer pensar onde é que ela pode estar a uma hora destas... Quando fugiu, que baque!(SA)*
- (34) *Está bem, seus elitistas. Acabou. Onde é que vocês pensam que estão, no século XVIII?(VR)*
- (35) *Eu sei onde está essa aliança. Perdida no tapete felpudo de algum motel. Dentro do ralo de alguma banheira redonda. Seu sem-vergonha!(VR)*

Veremos agora os usos [+concreto] e [+abstrato] do item na sua função F.Gra1, ou seja, como um relativo. Esses usos de F.Gra1 estão distribuídos no *corpus* contemporâneo da seguinte forma:

ACEPÇÕES DO <i>ONDE</i> F.Gra1 - CONTEMPORÂNEO		
ACEPÇÕES	Ocorrências	%
[+LOCATIVO]	4	30,77
[-LOCATIVO]	9	69,23
<b>Total</b>	<b>13</b>	<b>100,00</b>

Tabela 8: Distribuição do *onde* F.Gra1 [+concreto] e *onde* F.Gra1 [+abstrato] – **Período Contemporâneo.**

O que se vê agora é uma inversão dos usos de F.Gra1: até o período moderno, predominava F.Gra1 [+concreto]. No período contemporâneo, o uso [+concreto] tem 30,77% enquanto o uso [+abstrato] de F.Gra1 tem 69,23%, que estão representados, neste período, apenas pelo *onden*cional. Isso nos permite dizer que o item funciona, na contemporaneidade, predominantemente como um relativo de referência não-locativa. Em outras palavras, usado como um relativo, ele é preferido com usos mais abstratos do

que com o uso locativo. Algumas ocorrências da função relativa estão transcritas abaixo:

- (36) *Se o pensamento político grego moldava a democracia em torno do lógos, os rituais davam existência a zonas mágicas **onde** os poderes do mythos agia por gestos, como dançar, beber e cantar, que celebravam o compromisso recíproco entre os participantes. (HR)*
- (37) *Tucídides, o historiador ateniense, aponta sua desconfiança em relação à presença da influência da tradição oral na obra Histórias e afirma sua disposição em implementar um método **onde** o rigor no tratamento às fontes e a objetividade ao relatar os acontecimentos ficam evidentes nas primeiras linhas da Guerra do Peloponeso. (HR)*
- (38) *O escritor só não relatou que Coutinho entregou a turma porque foi rechaçado da reunião do Hotel Naoun, em Brasília, **onde** a armação foi feita. O empresário queria um naco do negócio para a Brasil Sul. (HJ)*
- (39) *Cinco minutos depois, quando o cidadão se ergueu do chão, **onde** estivera mordendo o carpete, e ligou de novo, ouviu um "Alô" de homem. (VR)*

A partir de agora, apresentarei os dados diacronicamente, isto é, será mostrada a trajetória do item nas três sincronias – português arcaico, moderno e contemporâneo.

Primeiramente, apresento a trajetória do total de ocorrências do *onde*. Em seguida, veremos a trajetória do item em cada uma das funções.

OCORRÊNCIAS TOTAIS DO <i>ONDE</i>									
	ARCAICO	%	Fr. Rel	MODERNO	%	Fr. Rel	CONTEMPORÂNEO	%	Fr. Rel
	35	51,5	1,04	8	11,8	0,15	25	36,8	0,75
<b>Total</b>	68								

Tabela 9: Distribuição total do *onde* entre os três períodos do português.

Relativamente aos percentuais, vemos que o item apresentou maior número de ocorrências no português arcaico (51,5%), seguido do período contemporâneo (36,8%). Houve, portanto, um decréscimo na frequência do item da primeira à última sincronia. O período moderno foi o que apresentou o menor número de ocorrências do item: 11,8%. Como se verá mais adiante, isso se deve à alta frequência de uso do *aonde* nesse período.

A seguir, apresento o gráfico em que se mostra a frequência relativa do item nos três períodos. Os valores devem ser interpretados como a sua produtividade em cada uma das sincronias.

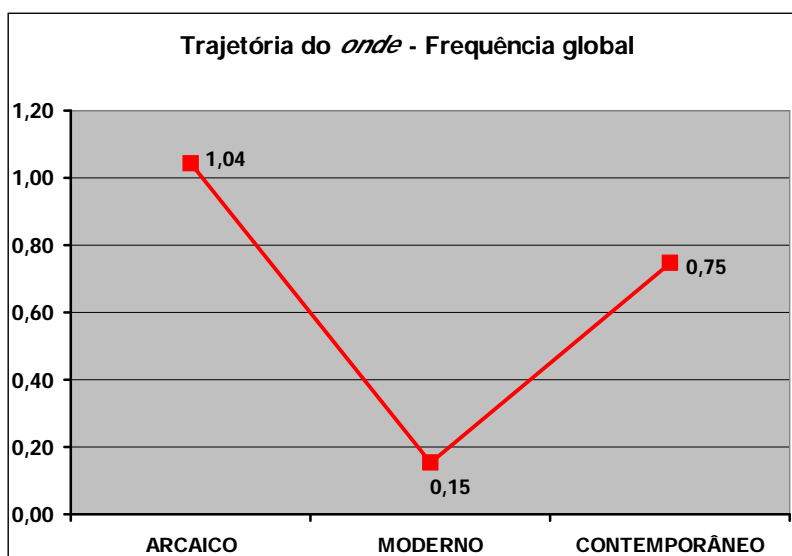


Gráfico 5: Trajetória da frequência global do *onde* entre os três períodos do português.

Os dados mostram que o *onde* diminuiu sua produtividade ao final da última sincronia: 1,04‰ no arcaico, 0,15‰ no moderno e 0,75‰ no contemporâneo. Essa queda da frequência global do item não condiz com o que se espera de um processo prototípico de gramaticalização (cf. Vitral, 2006). Segundo esse autor, o item sob esse processo aumenta sua frequência, pois passa a desempenhar funções gramaticais, além da função lexical. Além disso, ao ter seus valores semânticos ampliados, o item será mais requisitado e, portanto, mais frequente. No entanto, não foi o que aconteceu no *corpus* analisado.

Vejamos agora a produtividade do *onde* nos três períodos em cada uma das funções:

TRAJETÓRIA DA FREQUÊNCIA RELATIVA DO <i>ONDE</i>							
	F.Lex	Fr. Rel	F.Gra1	Fr. Rel	F.Gra2	Fr. Rel	Total/período
ARCAICO	9	0,27	26	0,77	0	0,00	1,04
MODERNO	1	0,02	6	0,11	1	0,02	0,15
CONTEMPORÂNEO	12	0,36	13	0,39	0	0,00	0,75
Total de ocorrências	68						

Tabela 10: Trajetória da frequência relativa do *onde* por função.

Para melhor visualização, apresento esses resultados no gráfico a seguir:

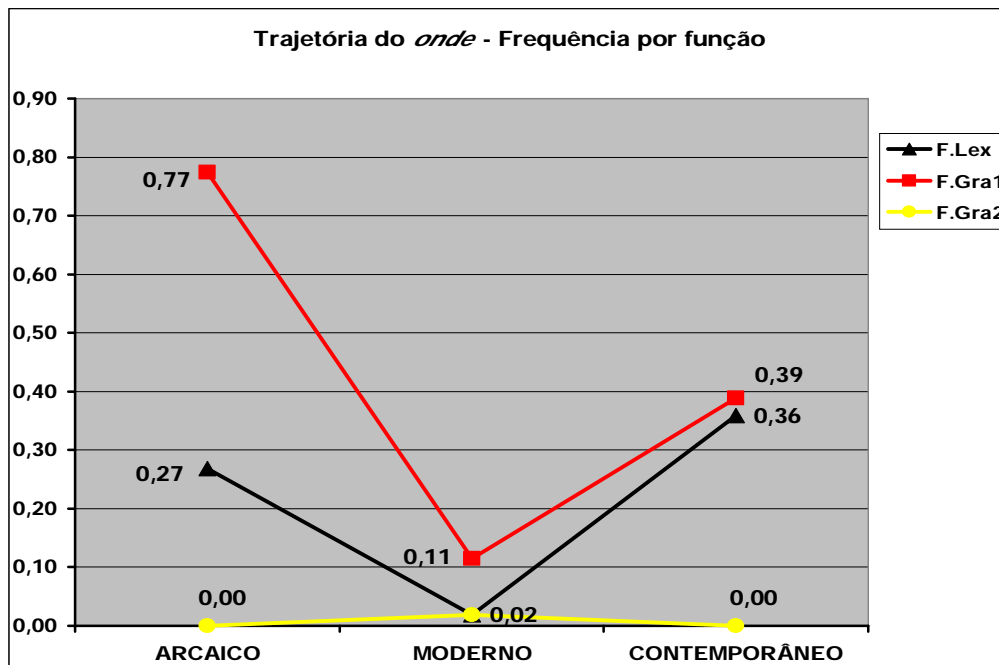


Gráfico 6: Trajetória da frequência do *onde* por função.

Com esses resultados, podemos analisar a trajetória do *onde*, relativamente à sua produtividade nas três funções. Como já vimos, houve queda da frequência global do item ao final da terceira sincronia, o que não era esperado. Agora podemos ver que a forma lexical, isto é, F.Lex, não diminuiu conforme se esperava; ao contrário, essa frequência aumentou – de 0,27% no arcaico para 0,36% no contemporâneo. Além disso, F.Gra1 apresentou queda, quando se esperava um aumento – de 0,77% para 0,39%. Em relação a F.Gra2, pode-se dizer que essa é uma forma muito pouco produtiva na escrita, pois houve apenas 1 ocorrência no período moderno.

Portanto, esses dados mostram que o *onde* não trilha um percurso prototípico de gramaticalização, de acordo com a metodologia proposta por Vitral (2006), segundo a qual: (i) o item aumenta sua frequência global; (ii) a frequência da forma lexical diminui; e (iii) a frequência da forma gramatical aumenta.

A esse respeito, cabe lembrar aqui o princípio da estratificação, de Hopper (1991), sobre o qual falamos no capítulo 1.

Por esse princípio admite-se a existência, numa mesma sincronia, de formas que se equivalem do ponto de vista funcional, ou comunicativo. Ou seja, a gramaticalização de uma forma a coloca junto com outras formas gramaticais que têm o mesmo valor de verdade da forma nova.

No caso do *onde*, seu uso aqui denominado relativo, isto é, F.Gra1, é equivalente às formas *em que, no qual* (e variantes de gênero e número). Existe, portanto, uma convivência entre essas formas e o *Onde* F.Gra1. Na função conectiva, ou seja, F.Gra2, o *onde* convive com formas como *sendo que, já que, visto que, por isso, por causa disso*, entre outras.

Dessa forma, o *onde*, em seu processo de gramaticalização, convive com outras formas que são funcionalmente equivalentes a ele. E essa convivência, ao que parece, impede a expansão de suas formas gramaticalizadas, isto é, o *Onde* F.Gra1 e o *Onde* F.Gra2. Para verificar a validade desta hipótese, foram apresentadas algumas considerações sobre essas formas a partir de dados do *corpus* aqui utilizado. Estas considerações serão mostradas na subseção *3.3. Análise comparativa entre o onde e possíveis formas concorrentes*.

Iremos agora apresentar a trajetória do *Onde* F.Gra1 nos usos [+concreto] e [+abstrato], nos três períodos do português. Essa trajetória pode ser visualizada no gráfico abaixo, que mostra que o caminho [+concreto] > [+abstrato] foi trilhado pelo item na sua função relativa:

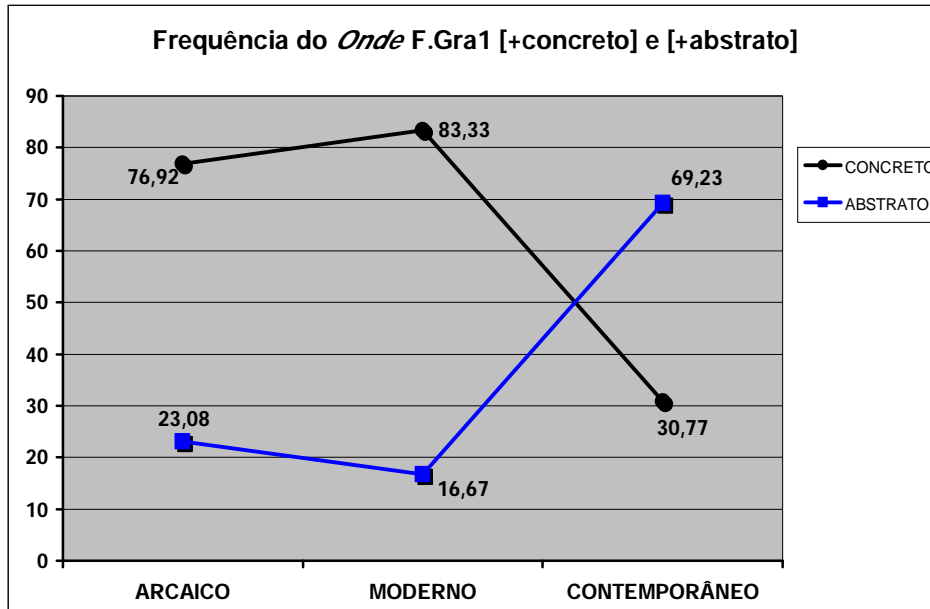


Gráfico 7: Trajetória do *onde* F.Gra1 [+concreto] e *onde* F.Gra1 [+abstrato].

A partir desse gráfico, podemos ver que, como se esperava, a frequência do *onde* F.Gra1 [+abstrato] aumentou ao final da última sincronia. Simetricamente, temos queda do uso [+concreto] nessa função. Por outro lado, no português moderno a produtividade de F.Gra1 [+concreto] aumentou e a de F.Gra1 [+abstrato] diminuiu, em relação ao período arcaico. E esse aumento vale também para o *aonde*, que no português moderno foi bem mais produtivo que o *onde* e suas variantes preposicionadas e apresentou maior número de ocorrências em F.Gra1 [+concreto]. Isso será mostrado na subseção 3.3.1. *Análise comparativa entre o onde, suas variantes preposicionadas e o aonde no período moderno.* Já no português contemporâneo, os usos abstratos superam o uso concreto do item, confirmando a mudança *Onde* F.Gra1 [+concreto] > *Onde* F.Gra1 [+abstrato].

Sistematizando os resultados encontrados até aqui, temos:

- a. A frequência total do item diminuiu ao final da última sincronia: de 1,04‰ no arcaico para 0,75‰ no contemporâneo;

- b. O *onde* é produtivo em sua função lexical, pois detém, no período contemporâneo, quase a metade dos usos (48%), junto com F.Gra1, que possui 52% das ocorrências desse período. Em termos de frequência relativa, esses números são, respectivamente, 0,36‰ e 0,39‰;
- c. O uso lexical do item apresentou aumento ao final da terceira sincronia (0,27‰ – 0,02‰ – 0,36‰), e F.Gra1 apresentou queda (0,77‰ – 0,11‰ – 0,39‰);
- d. O item transitou de uma categoria gramatical de referência locativa para referência não-locativa, o que pode ser comprovado pela mudança de uso de F.Gra1 [+concreto] e F.Gra1 [+abstrato];
- e. O uso na função mais gramatical, isto é, F.Gra2, longe de estar consolidado na língua, tem baixa produtividade, pois houve apenas 1 ocorrência no *corpus* do período moderno e nenhuma ocorrência nos outros períodos.

As conclusões (a), (b) e (c) mostram que o item não se enquadra na trajetória prototípica de gramaticalização, na qual se espera o aumento da frequência total e de usos mais gramaticais, e a queda de usos menos gramaticais; (d) mostra que uma etapa da mudança do *onde* parece estar consolidada na contemporaneidade e (e) mostra que uma outra etapa da sua mudança não avançou no português (pelo menos na escrita), embora muitos estudos a vêem como um caminho consolidado. Digo “não avançou” por saber que já se tem registro desse uso desde o português arcaico. Portanto, não se trata de vê-lo como “inovador” ou “incipiente”, mas de olhá-lo sob o prisma da efetivação ou não da mudança.

Iremos agora analisar o comportamento do item no português oral brasileiro.



### 3.2. FREQUÊNCIA DO *ONDE* CORPUSORAL

Nesta seção, será apresentada a quantificação dos dados da oralidade. O *corpus* oral foi constituído de entrevistas feitas com informantes da cidade de Itaúna, Minas Gerais. Foram dezesseis informantes de 15 a 40 anos, sendo oito do sexo feminino e oito do sexo masculino. As entrevistas foram feitas de acordo com os critérios da Sociolingüística Variacionista.

Nessa amostra foram analisadas as ocorrências do *onde*, classificadas em **F.Lex**, **F.Gra1** e **F.Gra2**, como no *corpus* escrito. Algumas dessas ocorrências foram excluídas da quantificação: três delas formadas pela expressão ‘fazer por onde’ – em um delas, o registro da fala do informante não estava claro (*faz / onde*), mas, de qualquer forma, preferi excluí-la também. O motivo de não usar essas ocorrências na quantificação é o fato de, nelas, a forma *onde* poder ser analisada, talvez, como um caso de lexicalização. E como esse fenômeno não constitui objeto deste estudo, não me ocuparei desse tipo de ocorrência.

Outro tipo de ocorrência que foi eliminada foram aquelas em que o contexto lingüístico propiciava a ocorrência de crase, isto é, o vocábulo anterior ao item terminava em *a*. Não foi possível, dessa forma, determinar se o item usado pelo falante foi o *onde* ou o *aonde*. Essas exclusões totalizaram 6 ocorrências e foram todas classificadas como F.Lex. Como a predominância nos dados orais foi da função lexical, a inclusão dessas ocorrências só aumentaria os percentuais de F.Lex, que já foi bem alto. Ou seja, essa exclusão não acarretou uma mudança de resultados, em termos de produtividade dessa função.

Os trechos que contêm esses usos são os seguintes:

- (40) (...) *é, quando a gente estuda, faz / onde e consegue fica bom de mais...*
- (41) *Depositou nele, eu acho que ele tem que fazer por onde não decepcionar*
- (42) *Eu acho que mais uns quatro meses já dá para mostrar bastante serviço e fazer por onde da confiança que o povo depositou*
- (43) *Você estudava aonde?*
- (44) (...) *. . . a gente quando eu era menor a gente ia muito para lá , só que depois a gente... foi mais para a sua casa lá , lá onde que o seu pai tinha casa.*
- (45) (...) *era lá na praça. O salão do meu avô era onde é o Banco do Brasil , ali era do meu avô.*
- (46) *E o passarinho fica onde?*
- (47) *Estava, começou a inchar demais, e não tinha onde ir, aí que foi ao médico.*
- (48) *Uma coisa muito simples assim, mas ela tinha uns 11 anos mais ou menos, em Itaúna, e ela pegou o ônibus para vir embora para casa, só que ela desceu no lugar errado, e ela não sabia onde que ela desceu não.*

O uso de um *corpus* da modalidade oral se justifica, principalmente, por dois motivos: (i) em outros trabalhos, verificou-se a inexistência do *Onde* conectivo em coletas quantitativas de dados orais do português. Ou seja, embora já se tenha verificado a existência do *Onde* F.Gra2 na fala, ainda não se mostrou, quantitativamente, o grau de expansão que esse item apresenta na língua; (ii) como já se demonstrou em alguns trabalhos que o *Onde* F.Gra2 é condicionado por contextos dissertativos/argumentativos, não se esperou que nesta pesquisa sua frequência fosse alta – o que, de fato, aconteceu –, pois os *corpora* possuem textos de gêneros diversos, e não apenas dissertativos.

O que se pretende, então, com o *corpus* oral é: (a) buscar a frequência da forma nessa modalidade da língua e (b) com essa frequência, tentar preencher a carência de dados na escrita, já que, como foi visto, não houve ocorrência do *Onde* F.Gra2 nos textos escritos contemporâneos.

Além desses dois motivos principais, queremos também verificar como o item se comporta na oralidade, nos outros dois usos – F.Lex e F.Gra1. Isso porque os resultados encontrados fogem, em sua maior parte, do que se esperava sobre o comportamento do *onde*. Queremos averiguar se esse comportamento atípico do item diz respeito ao seu uso na escrita ou se está relacionado a uma outra questão, qual seja, a da concorrência do *onde* com outros itens na língua.

As tabelas e gráficos a seguir mostram a distribuição total das ocorrências do *onde* no *corpus* oral, por função:

OCORRÊNCIAS DO <i>ONDE</i> - <i>Corpus oral</i>									
	F.Lex	%	Fr. Rel	F.Gra1	%	Fr. Rel	F.Gra2	%	Fr. Rel
	31	73,8	0,26	11	26,2	0,09	0	0,0	0,00
Total	42								

Tabela 11: Distribuição do *onde* por função – *Corpus Oral*.

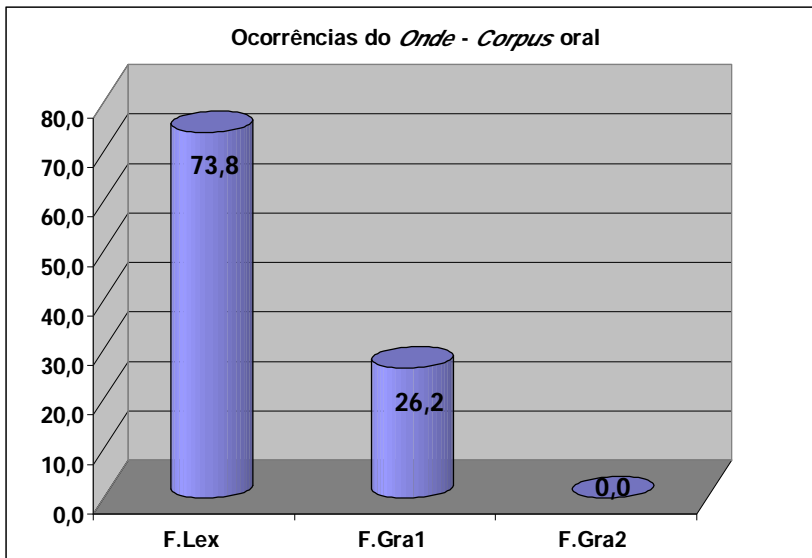


Gráfico 8: Distribuição do *onde* por função – *Corpus oral*.

Como se vê, os dados de fala mostram que o *onde* é produtivo como um item lexical, com 73,8% das ocorrências. Na função F.Gra1, foram 26,2% e em F.Gra2 não houve nenhuma ocorrência com o *onde*. Como se verá na próxima seção, as ocorrências com esse uso foram apenas com o *aonde*.

Todas as ocorrências do *Onde* relativo, ou seja, em F.Gra1 foram no uso locativo, ou seja, em 100% das ocorrências o *Onde* F.Gra1 ocorreu no uso [+concreto]. Essa talvez seja a principal diferença entre a oralidade e a escrita contemporânea, na qual os usos relativos do item ocorreram majoritariamente em acepção abstrata. Algumas dessas ocorrências estão listadas a seguir. Os trechos iniciados com a barra (/) indicam a fala do entrevistado, e aqueles iniciados com hífen (-) indicam a fala do entrevistador.

- (49) / *Eu sempre gostei de jogar minha bolinha, sempre joguei, é, vício eu nunca tipo, por que eu quis, sempre fui onde que eu quis, né? apesar de que hoje tá perigoso, mas, foi bem aproveitado*

- (50) /(...) o cachorro é engraçado, você vê assim, a pessoa pode estar onde for que tem um cachorrinho junto né? cê vai aí, o pessoal mais pobre, mora debaixo da ponte tem um cachorro
- (51) /(...) espaço tipo assim por exemplo aqui na, no bar das graças por exemplo, é, atrás do Campo, tem um lugar ali onde eles podem fazer alguma área de lazer porque tem muita criança aqui no bairro das graças.
- (52) - E sobre você assim, como é que foi a sua educação, onde você estudou aqui em itaúna.
- (53) / Ele já ia para um, não sei se é uma festa, uma noite, não sei onde ele estava indo não, ele foi assaltado
- (54) / Não, pedra não, tem uns doidos, aqui coitadinho até onde eu estou trabalhando, no Sindicato, esse cara trabalha lá.

Veremos agora a produtividade das três funções na oralidade. Para melhor visualização, apresento esses resultados no gráfico abaixo:

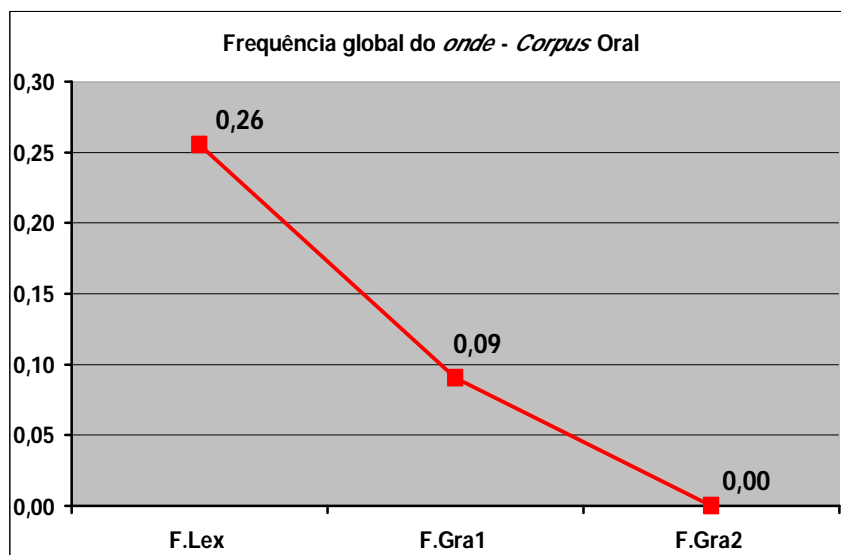


Gráfico 9: Frequência global do *onde* por função – **Corpus Oral**

O gráfico nos mostra a alta produtividade, no *corpus* utilizado, do *Onde*F.Lex em relação ao *Onde*F.Gra1. O *Onde*F.Gra2 não apresentou nenhuma ocorrência, assim como nos dados escritos contemporâneos.

Esses resultados confirmam que o uso do item como conectivo é, de fato, pouco produtivo na língua, embora seu uso seja verificado desde o português arcaico. Isso significa que o fato de não se ter verificado nenhuma ocorrência nos *corpora* escritos não é por uma questão de normalização dessa modalidade, já que a fala – mais “imune” a essa normalização – também não apresentou o *Onde*F.Gra2.

Por outro lado, a baixa produtividade de F.Gra1 na fala, se comparada com a sua produtividade na escrita, pode indicar que essa função esteja sendo desempenhada, na oralidade, por itens concorrentes, isto é, com o mesmo valor de verdade.

Para discutir esta hipótese, examinaremos na próxima subseção as possíveis formas concorrentes do *onde* e como a produtividade dessas formas pode interferir na expansão do item em seu processo de gramaticalização. Analisaremos primeiro o item *aonde*, na fala e na escrita, juntamente com o *onde* e suas variantes preposicionadas (*por onde, de onde, donde, para onde etc.*). Em seguida, apresentaremos algumas formas que podem ser concorrentes do *onde* naquelas funções em que o item não foi produtivo, isto é, F.Gra1 na modalidade oral, e F.Gra2 nas duas modalidades.

### 3.3. ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE O *ONDE* POSSÍVEIS FORMAS CONCORRENTES

Esta subseção apresenta a terceira etapa do estudo quantitativo sobre o qual se falou na introdução, isto é, será comparada aqui a frequência do *onde* com formas que possam afetar o seu percurso de mudança no processo de gramaticalização.

Os resultados apresentados sobre o *onde* refutam a hipótese inicial de que o *aonde* assumiria o papel de F.Lex, caso esta função deixasse de ser desempenhada pelo *onde*. Isso porque, como mostraram os dados, o *onde*F.Lex ainda é produtivo na língua. Ainda assim, veremos que a análise comparativa entre os dois itens esclarecerá alguns resultados obtidos até aqui.

Retomando os dados sobre o *onde*, concluímos que:

- a. Em sua função lexical, o item ainda é produtivo na atualidade, tanto na escrita contemporânea (0,36‰) quanto na oralidade (0,26‰). É importante lembrar que essa produtividade aumentou na escrita, da primeira à última sincronia (0,27‰ no arcaico e 0,36‰ no contemporâneo);
- b. Na escrita, houve queda da sua frequência em F.Gra1 (de 0,77‰ no arcaico para 0,39‰ no contemporâneo); na fala, esse uso do *onde* é muito pouco produtivo (0,09‰).
- c. Ainda na escrita, o item transitou de uma categoria gramatical de referência locativa para referência não-locativa, o que pode ser comprovado pela mudança de uso de F.Gra1 [+concreto] e F.Gra1 [+abstrato]; no entanto, na fala o uso relativo do *onde* foi apenas com a referência locativa, portanto apenas F.Gra1 [+concreto].

- d. Na função conectiva, isto é, F.Gra2, o item é muito pouco produtivo, pois houve apenas uma ocorrência no *corpus* escrito e nenhuma no *corpus* de fala.

Alguns desses resultados não atendem ao que se esperava do comportamento do *onde*, sobretudo o fato de ele ter-se tornado mais produtivo em F.Lex e menos produtivo em F.Gra1.

Como já foi dito, para compreender esses resultados, discutiremos a hipótese de que os índices de produtividade esperados no processo de gramaticalização do *onde* são influenciados pela produtividade de formas concorrentes, que, ao desempenharem as mesmas funções deste, restringem o aumento esperado de sua produtividade.

Na primeira subseção, será apresentada a comparação entre o *onde*, suas variantes preposicionadas e o *aonde* no período moderno e na fala, a fim de esclarecer alguns resultados encontrados até aqui. Em seguida, apresentaremos algumas considerações sobre o pronome relativo *que* e, em seguida sobre a forma *então* e alguns itens conjuncionais já legitimados na modalidade escrita.

### **3.3.1. ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE O *ONDE*, SUAS VARIANTES PREPOSICIONADAS E O *AONDE* NO PERÍODO MODERNO**

O período moderno foi o único em que houve ocorrência do *aonde*. Foi nele também em que houve uma queda inesperada no uso do *onde*. A análise dos seguintes resultados poderá esclarecer o comportamento atípico do *onde* nesse período.



A tabela e gráfico seguintes mostram a distribuição dos itens no período em questão. Sob o rótulo de ‘outros’ estão as variantes preposicionadas do *onde* (*donde, de onde, para onde, por onde*).

TOTAL DE OCORRÊNCIAS POR ITEM - PERÍODO MODERNO									
	ONDE	%	Fr. Rel	AONDE	%	Fr. Rel	OUTROS	%	F. Rel.
	8	13,3	0,15	38	63,3	0,73	14	23,3	0,27
<b>Total</b>	60								

Tabela 12: Distribuição do *onde*, *aonde* e ‘outros’ – **Período Moderno**

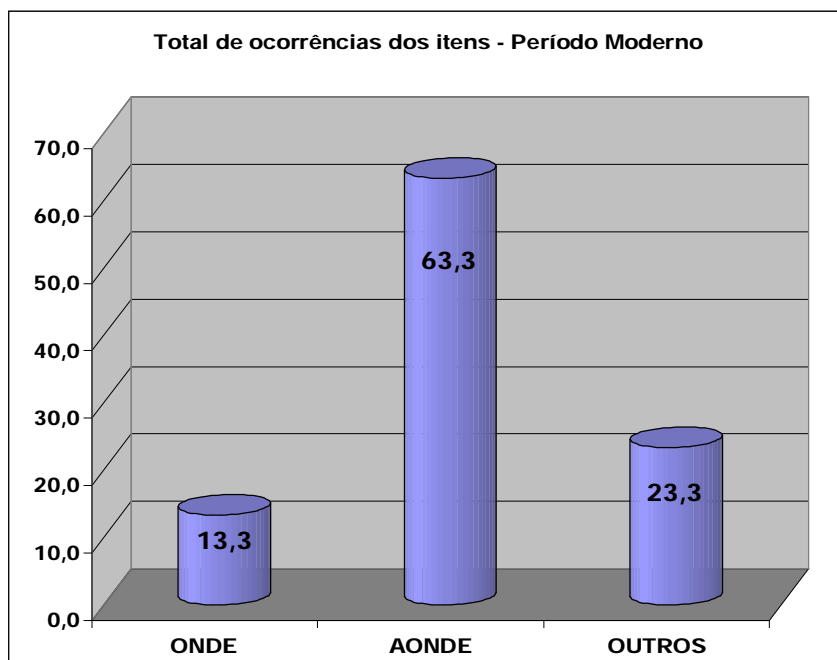


Gráfico 10: Distribuição do *onde*, *aonde* e ‘outros’ – **Período Moderno**

Como se vê, o período moderno apresentou, de um lado, baixa frequência do *onde* e de suas variantes preposicionadas e, de outro lado, alta frequência do item *aonde*, o que explica a baixa produtividade do *onde* neste período (apenas 8 ocorrências). É preciso destacar que o *aonde* foi usado tanto com o sentido de ‘lugar a que’, quanto com o

sentido de ‘lugar em que’. A frequência relativa mostra a queda de produtividade do *onde* e de ‘outros’ em relação ao período arcaico<sup>13</sup>, assim como a alta produtividade do *aonde* (0,73%).

Veremos agora a distribuição dos itens em cada uma das funções:

TOTAL DE OCORRÊNCIAS EM F.Lex - PERÍODO MODERNO									
	ONDE	%	Fr. Rel	AONDE	%	Fr. Rel	OUTROS	%	Fr. Rel
	1	3,2	0,02	22	71,0	0,42	8	25,8	0,15
<b>Total</b>	31								

Tabela 13: Distribuição dos itens na função lexical – **Período Moderno.**

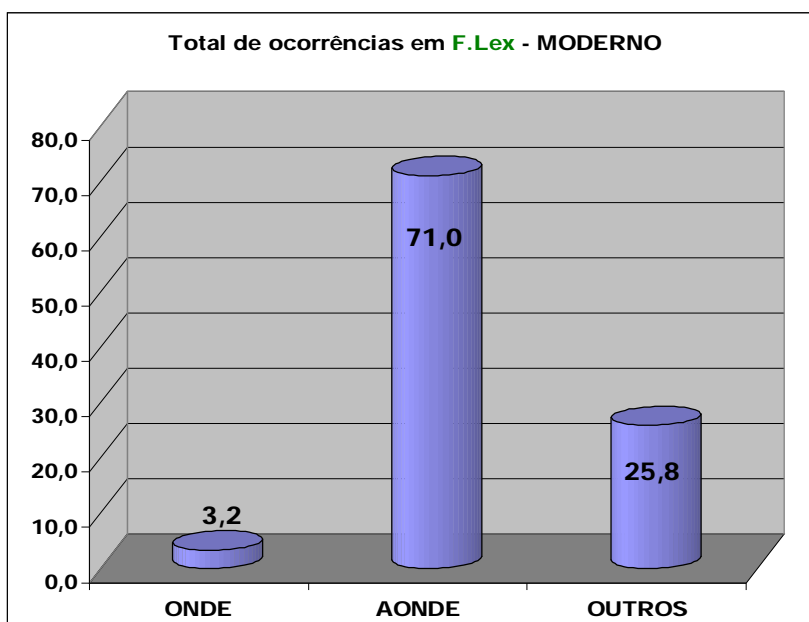


Gráfico 11: Distribuição dos itens na função lexical – **Período Moderno.**

<sup>13</sup> Embora não tenha sido apresentada a quantificação de *aonde* e ‘outros’ no arcaico e no contemporâneo, sua frequência relativa será mostrada mais adiante.

Esta foi a função em que houve o maior número de ocorrências do *aonde*. 71% das 31 ocorrências dos itens. Em termos de frequência relativa, o *aonde* apresentou 0,42‰, enquanto o *onde* caiu de 0,27‰ no arcaico para 0,02‰ no moderno.

Na função relativa, isto é, F.Gra1, a distribuição foi a seguinte:

TOTAL DE OCORRÊNCIAS EM F.Gra1 - PERÍODO MODERNO									
	ONDE	%	Fr. Rel	AONDE	%	Fr. Rel	OUTROS	%	Fr. Rel
	6	22,2	0,11	16	59,3	0,31	5	18,5	0,10
<b>Total</b>	27								

Tabela 14: Distribuição dos itens na função relativa – **Período Moderno**.

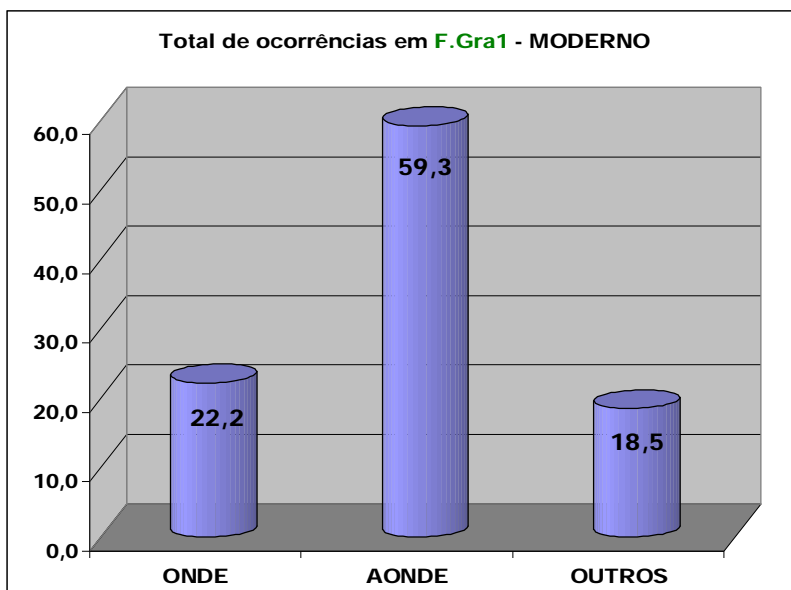


Gráfico 12: Distribuição dos itens na função relativa – **Período Moderno**.

Na função relativa, a predominância também foi do *aonde*, com 59,3%. Sua produtividade em F.Gra1 foi de 0,31‰ (em F.Lex foi de 0,42‰). As seis ocorrências do *onde*, em termos percentuais, totalizam 22,2% do *corpus* deste período, e ‘outros’ correspondem a 18,5%. Assim como na função lexical, em F.Gra1 a produtividade do

*onde* e de ‘outros’ caiu em relação ao período arcaico. A trajetória dos itens nas três funções será mostrada no gráfico 14 da página 75. Veremos agora como se distribuíram os usos [+concreto] e [+abstrato] dos itens no português moderno.

OCORRÊNCIAS DE FGRA1 POR ACEPÇÃO - MODERNO					
ACEPÇÕES	ONDE	AONDE	OUTROS	TOTAL	%
[+LOCATIVO]	5	12	3	20	74,07
[- LOCATIVO]	1	4	2	7	25,93
<b>Total</b>	27				100,00

Tabela 15: Distribuição dos itens na função relativa [+concreto] e [+abstrato] – **Período Moderno**

Como se vê, o uso [+concreto] apresentou uma pequena queda em relação ao arcaico, embora aquele ainda predomine neste período. Quando analisamos apenas o item *onde*, vimos que o uso locativo, portanto [+concreto] do item, havia aumentado (de 76,92% no arcaico para 83,33% no moderno). No entanto, com a quantificação de todos os itens em conjunto, vemos que, de fato, a acepção locativa diminuiu (no arcaico, 76,92%, no moderno, 74,07%).

É possível afirmar então que o *aonde* concorre com o *onde*, afetando sua produtividade no período moderno. O que nos faz afirmar que houve uma concorrência entre os dois itens nesse período é:

- (i) o fato de ter sido usado tanto no sentido de ‘lugar a que’ como no sentido de ‘lugar em que’, aliás, com larga predominância deste (92,1% das ocorrências, conforme mostra a tabela 16 abaixo), que é o sentido inerente ao *onde*,

OCORRÊNCIAS DE <i>AONDE</i> 'LUGAR A QUE' E 'LUGAR EM QUE' - PERÍODO MODERNO				
	LUGAR A QUE	%	LUGAR EM QUE / NO QUAL	%
	3	7,9	35	92,1
<b>Total</b>	<b>38</b>			

Tabela 16: Acepções 'lugar a que' e 'lugar em que' do *aonde* - **Período Moderno**

- (ii) o fato de existir uma relação simétrica entre os dois itens neste período: a queda de frequência do *Onde*F.Lex e do *Onde*F.Gra1 no período moderno ocorreu concomitantemente à alta produtividade do *aonde* nas mesmas funções.

Veremos agora a distribuição das formas na função conectiva, isto é, em F.Gra2.

TOTAL DE OCORRÊNCIAS EM F.Gra2 - PERÍODO MODERNO									
	ONDE	%	Fr. Rel	AONDE	%	Fr. Rel	OUTROS	%	Fr. Rel
	1	50,0	0,02	0	0,0	0,00	1	50,0	0,02
<b>Total</b>	<b>2</b>								

Tabela 17: Distribuição dos itens na função conectiva - **Período Moderno**

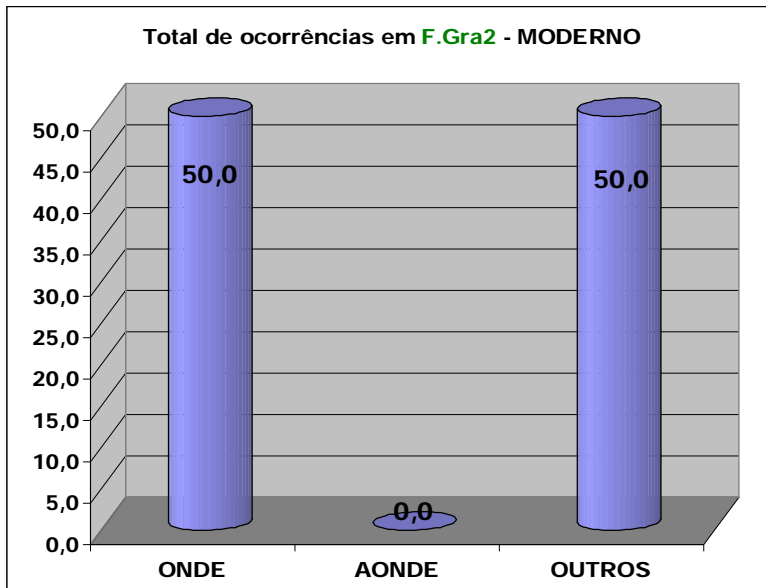


Gráfico 13: Distribuição dos itens na função conectiva – **Período Moderno.**

Houve apenas duas ocorrências de F.Gra2: uma com o *onde* e outra com a variante preposicionada *donde*. Como houve registro do *onde* F.Gra2 no português moderno concomitante com sua queda nas outras duas funções, os dados deste período pareciam apontar para uma mudança do *onde* no sentido de se especializar na função mais gramatical. Contudo, como já foi mostrado, os dados do português contemporâneo apontam que esse percurso não foi continuado pelo *onde*, que foi produtivo tanto em F.Lex quanto em F.Gra1 (0,36% e 0,39%, respectivamente), mas não apresentou nenhuma ocorrência em F.Gra2 no *corpus* escrito da contemporaneidade. Além disso, o *aonde* não apresentou nenhuma ocorrência nesse mesmo *corpus*.

O trecho com a ocorrência de F.Gra2 está reproduzido abaixo. A outra ocorrência foi mostrada na página 54 (cf. (29)), quando da análise do *onde*.

(55) (...) *O ter muita fazenda cria comumente nos homens ricos e poderosos desprezo da gente mais pobre e por isto Deus facilmente lha tira, para que se não sirvam dela para crescer em soberba. Quem chegou a ter título de senhor parece que em todos quer dependência de servos, e isto principalmente se vê em alguns senhores que têm lavradores em terras do engenho, ou de cana obrigada a moer nele, tratando-os com altivez e arrogância. **Donde** nasce o serem malquistos e murmurados dos que os não podem sofrer e que muitos se alegrem com as perdas e desastres que de repente padecem, pedindo os miseráveis oprimidos a cada passo justiça a Deus por se verem tão vexados e desejando ver aos seus opressores humilhados, para que aprendam a não tratar mal aos humildes, assim como o médico deseja e procura tirar fora a malignidade e abundância do humor pecante que faz o corpo indisposto e doente para lhe dar desta sorte não somente vida, mas também perfeita saúde.* (AN)

Com o gráfico abaixo, podemos visualizar melhor a relação de simetria entre o *onde* e o *aonde* no português moderno: queda de freqüência do *onde* e variantes preposicionadas de um lado e aumento de freqüência do *aonde* de outro:

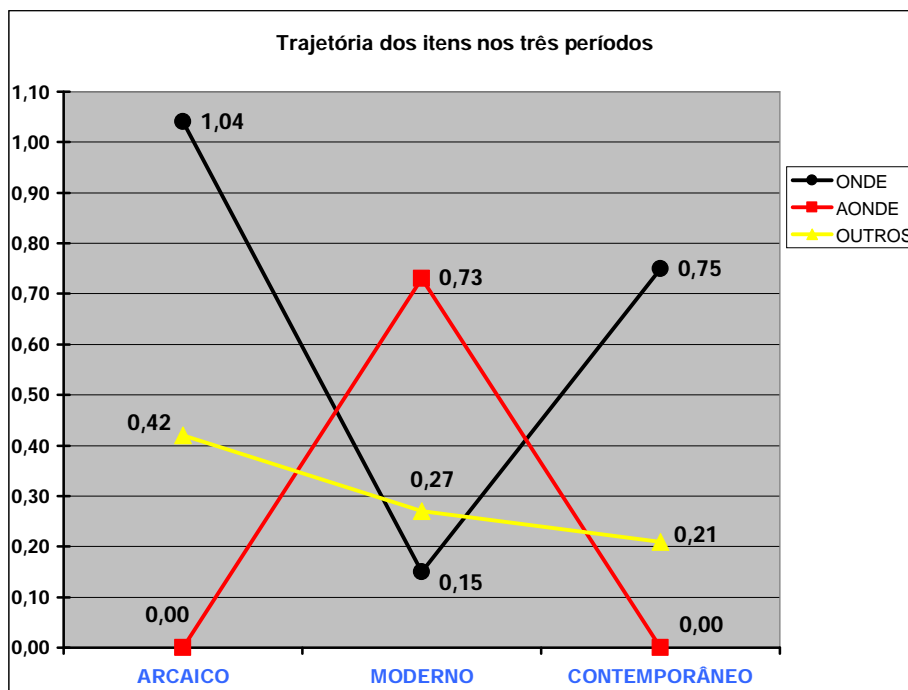


Gráfico 14: Trajetória dos itens nos três períodos do português.

Esses resultados explicam a baixa frequência do *onde* no português moderno.

Mostraremos agora a mesma comparação no *corpus* oral.

### 3.3.2. ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE O *ONDE*, SUAS VARIANTES PREPOSICIONADAS E O *AONDE* NA FALA

O *corpus* oral analisado mostrou que o *onde* é produtivo na função lexical e pouco produtivo na função relativa. Além disso, a função conectiva não apresentou nenhuma ocorrência do item.

Veremos agora como fica a distribuição quando analisamos o *onde* junto com suas variantes preposicionadas e com o *aonde*.

TOTAL DE OCORRÊNCIAS <i>CORPUS ORAL</i>									
	ONDE	%	Fr. Rel.	AONDE	%	Fr. Rel.	OUTROS	%	Fr. Rel.
	42	49,4	0,35	27	31,8	0,22	16	18,8	0,13
<b>Total</b>	85								

Tabela 18: Distribuição dos itens no *Corpus* oral.

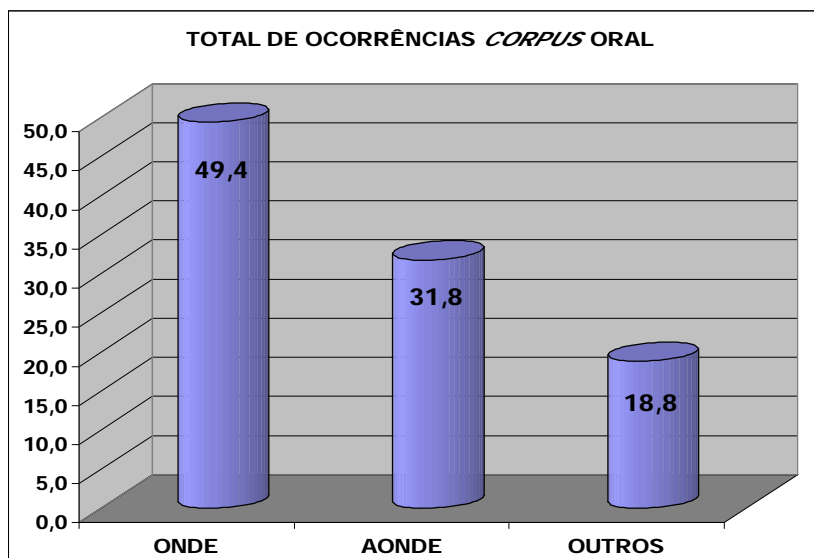


Gráfico 15: Distribuição total dos itens – *Corpus* oral



Podemos ver que todos eles foram freqüentes na fala. Houve maior número de ocorrências do *onde* (49,4%), mas o *aonde* também apresentou alta freqüência de uso (31,8%). As ocorrências do *onde* com preposição totalizaram 18,8%. A produtividade de cada um deles pode ser visualizada no gráfico a seguir:

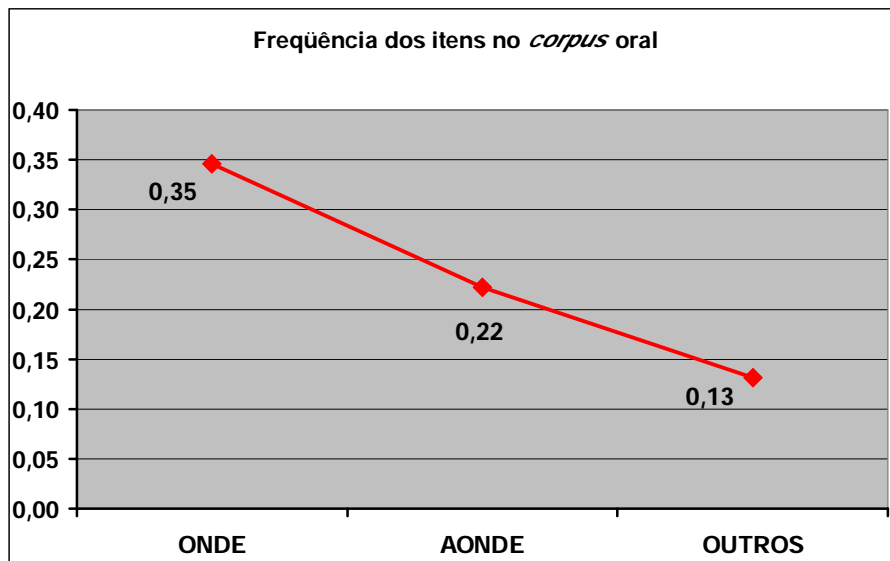


Gráfico 16: Frequência dos itens no *corpus* oral

A tabela abaixo mostra a distribuição de todos os itens nas três funções. O gráfico que a segue apresenta a produtividade de cada um deles em cada uma das funções.

TOTAL DE OCORRÊNCIAS POR FUNÇÃO									
	F.Lex	%	Fr. Rel.	F.Gra1	%	Fr. Rel.	F.Gra2	%	Fr. Rel.
ONDE	31	36,5	0,26	11	73,3	0,09	0	0,0	0,00
AONDE	22	25,9	0,18	3	20,0	0,02	2	100,0	0,02
OUTROS	15	17,6	0,12	1	6,7	0,01	0	0,0	0,00
<b>Total</b>	85								

Tabela 19: Distribuição dos itens nas três funções – *Corpus* oral.

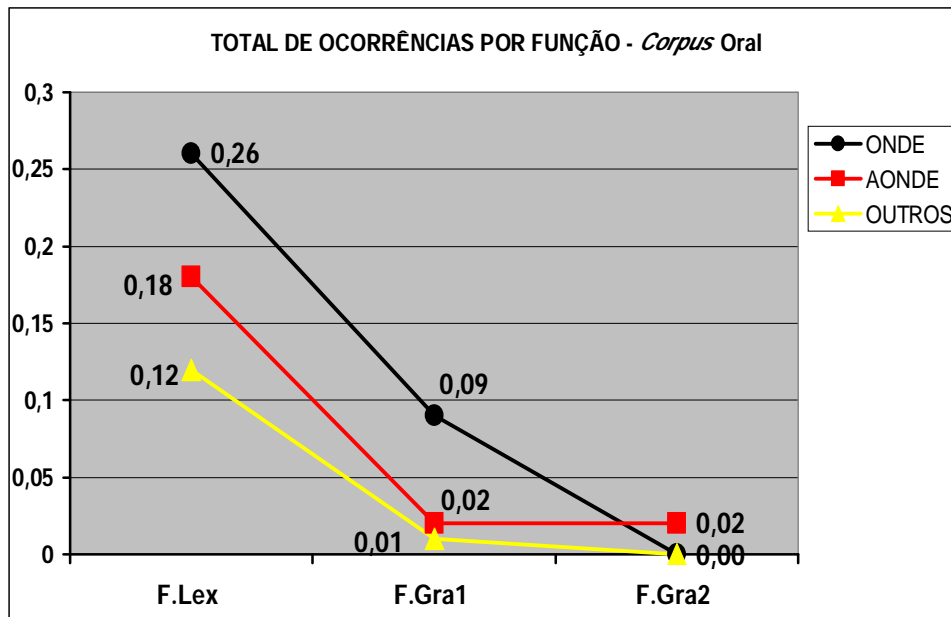


Gráfico 17: Frequência dos itens por função – *Corpus oral*.

Pelo gráfico, podemos ver que todos são produtivos na função lexical e pouco produtivos nas outras funções. A baixa produtividade de todos os itens na função relativa mostra que, de fato, outro item desempenha essa função na fala. Na função conectiva, ou seja, F.Gra2, houve apenas duas ocorrências com a forma *aonde*. Isso confirma a baixa produtividade desse uso, além de mostrar que a variação existente entre *onde* e *aonde* atinge os três usos: F.Lex, F.Gra1 e F.Gra2.

Passaremos agora a alguns comentários para explicar a queda da frequência total do *onde* e de suas variantes preposicionadas na escrita, além da não-ocorrência do *Onde* F.Gra2 na fala e na escrita contemporânea.

### 3.3.3. O PRONOME RELATIVO *QUE*

No seu estudo sobre as orações relativas no português brasileiro, Tarallo (1983) verificou que:

- a) O relativo *cujó* inexistente na modalidade oral;
- b) O pronome relativo *que* ocorreu em 98,9% das ocorrências em relação aos outros relativos;
- c) O relativo *onde* aparece em segundo lugar na fala, com 0,7%;
- d) Existem três variantes das orações relativas no português oral: uma padrão (cf. (56)) e duas não-padrão (cf. (57) e (58)):

(56) *Esta é a rua na qual passamos ontem.*

(57) *Esta é a rua que passamos nela ontem.*

(58) *Esta é a rua que passamos ontem.*

O ambiente dessas sentenças é propício ao aparecimento do pronome *onde*, pelo fato de ele se referir ao vocábulo *rua*, semanticamente um vocábulo locativo. O que percebemos no *corpus* oral utilizado é que, mesmo nesse ambiente, o pronome relativo *que* foi mais produtivo que o *onde*. Isso explica, portanto, a baixa ocorrência do *Onde* F.Gra1 na fala. No entanto, devemos lembrar que todas as ocorrências desse uso nessa modalidade foram [+concreto], ou seja, todas as ocorrências do *Onde* F.Gra1 na fala foram com referência locativa. O que nos permite afirmar que o *Onde* [+abstrato] não é produtivo nessa modalidade.

Essas ocorrências do *que* não foram quantificadas como foi feito com o *onde* e o *aonde*, e isso por dois motivos. Primeiro, seria preciso definir os ambientes sintático-semânticos em que é possível essa concorrência entre os dois itens. Selecionar todas as ocorrências do *que* como pronome relativo do *corpus* oral para fazer a quantificação e compará-la com o *Onde* F.Gra1 não é uma tarefa simples. Isso porque em alguns ambientes a concorrência é evidente, mas em outros, ela não é tão clara assim. É difícil, por exemplo, definir se os contextos abaixo com o relativo *que* favorecem o uso do *onde*.

- (59) (...) *o problema é esse, mas pena de morte assim, se for provado assim, muito bem que o cara matou, ele tem que morrer aí sim, mas tem muita gente, igual justiça brasileira tem muito erro, igual condena uma pessoa que num tem nada a ver com o caso.* (Oliveira, 2006)
- (60) (...) *Igual eu vi um filme esses dia pra trás, a vida de David Gueieu, que fala, cê já viu, que é negócio de pena de, descobre que não era ela que era, aí ele morreu por causa, pois é, esse filme, nó, ótimo, adorei esse filme.* (Oliveira, 2006)
- (61) *Não se pretende a apologia da continuidade ou a afirmação de uma possibilidade de igualdade em relação aos gregos da antiguidade, mas apreender o que nos faz diferentes, percebendo as potencialidades de mudança que o conhecimento de outras formas de pensamento nos oferece. O fazer o tempo é para o historiador sua ação primordial.* (HR)
- (62) *Heródoto é um viajante, que por longo tempo não teve um território definido, pois por razões políticas (sua aversão à tirania), negou sua origem (...).* (HR)
- (63) *É exatamente o caráter instrutivo que se atinge quando não se pretende fazer da narrativa uma síntese, ou seja, uma resposta pronta, fechada em uma verdade que não requer reflexão nem elaboração de uma opinião.* (HR)

Nessas ocorrências, o pronome *que* retoma vocábulos não locativos e em algumas delas ele funciona como o sujeito da oração seguinte. Aparentemente, o contexto de sujeito não propicia o uso do *onde*. Os ambientes condicionadores do *Onde* F.Gra1 parece serem aqueles em que existe uma relação de continente e conteúdo, ou recipiente e conteúdo, como neste trecho:

- (64) *Ele sabe que a dificuldade será ainda maior para o América, que não poderá contar com dois jogadores experientes – Palhinha e Pintado –, mas entende que a expulsão do colega foi o resultado de uma partida tensa, onde “os ânimos estavam à flor da pele”.*  
(HJ)

Nesse enunciado, percebemos a relação recipiente-contéudo entre *partida tensa* e *ânimos que estavam à flor da pele*. Essa interpretação diz respeito à “metáfora do *container*” (cf. Lakoff & Johnson, 1980). De acordo com essa metáfora, concebemos o mundo, a mente, a sociedade, nós mesmos e várias outras coisas como recipientes. Essa concepção metafórica possibilita o uso polissêmico do *onde*. Dessa forma, os ambientes em que exista tal relação são condicionadores do *Onde* F.Gra1. Contextos lingüísticos como o que ocorre em (65) parece não serem favorecedores desse uso por não haver a relação metafórica do *container*; ainda que o antecedente seja um termo de referência locativa.

- (65) *Nas ruínas do palácio - lugar que foi durante longo período referência de um poder centralizado na figura do basileus - são construídas as Acrópolis - espaço reservado a partir de então ao sagrado, à religião.* (HR)

O *que* nessa ocorrência possui referência locativa (a palavra lugar). Mas como não existe a idéia do *container*, o *onde* parece não ser adequado<sup>14</sup>. No entanto, esta é uma questão que precisa ser mais bem explorada. Na falta de um conhecimento mais amplo de quais contextos lingüísticos motivam ou desmotivam o uso do vocábulo, não quantificamos, de forma rigorosa, as ocorrências do *que* relativo.

O segundo motivo pelo qual não foi feita uma apuração rigorosa é o fato de ter sido possível perceber, mesmo sem essa quantificação, um número razoável de ocorrências com o relativo *que* com o mesmo valor do *onde*. O que fiz, portanto, foi um levantamento de ocorrências nas quais haveria a possibilidade de se usar o *onde*, levantamento este que foi suficiente para mostrar que este item, em seu processo de gramaticalização, encontrou um concorrente que impede a sua expansão. Isto é, o *Onde* F.Gra1 apresenta baixa produtividade na fala devido à concorrência com o relativo *que*, o que também explica a queda de freqüência desse uso no *corpus* escrito (0,77% no arcaico, 0,11% no moderno e 0,39% no contemporâneo). A diferença entre as duas modalidades é que, na fala, o relativo *que* é usado, predominantemente, sem a preposição, ao passo que, na escrita, seu uso geralmente é regido de preposição, devido às peculiaridades das condições de produção do texto escrito formal.

Verificamos mais de 30 ocorrências do *que* em contextos favorecedores do *Onde* F.Gra1. Essas ocorrências foram predominantemente na acepção abstrata. Vejamos alguns exemplos:

---

<sup>14</sup> Coelho (*op. cit.*) encontrou em seus dados o uso do *onde* com valor de instrumento: “Durante a semana, vamos tentar realizar atividades com o objetivo de integrar novos estudantes. O concurso de fotografias, por exemplo, é uma oportunidade de professores, alunos e funcionários participarem de uma atividade conjunta, onde todos podem ensinar algo”. Isso mostra que não é apenas o contexto “em que” (ou “no qual”) que motiva o seu uso, mas também “pelo qual”, “com o qual”, “por meio do qual” etc.

- (66) *A verdade nas Histórias é, primeiro, relativa ao nomoi, costumes sociais em que se misturam indistintamente práticas políticas, culturais e econômicas. (HR)*
- (67) *Mas, coligações fortes e estratégicas são vistas como única arma capaz de intimidar o poder estabelecido e a situação de vantagem em que se encontram os prefeitos-candidatos em relação a seus concorrentes. (HJ)*
- (68) *Você está numa daquelas reuniões em que há lugares de sobra para sentar, mas todo mundo senta no chão. (VR)*
- (69) *Também, não sei: eu hoje cansei de sofrer calado... Vem um dia em que a gente fica frouxo e arreia... (...)(SA)*

Como se vê, o pronome *que* parece ser uma forma concorrente do *Onde* F.Gra1, o que nos ajuda a entender o decréscimo da produtividade desse uso.

Na fala, houve ocorrência do *que* tanto na acepção concreta quanto na acepção abstrata. Vejamos apenas uma amostra dessas ocorrências:

- (70) *- e teve alguma vez que você passou um aperto assim, tipo fez uma coisa errada e quase descobriram ou descobriram e te xingaram demais. O que que você aprontou?*
- (71) */ agora eu tô esperando o resultado do SENAI, que eu fiz prova antes de ontem*
- (72) *- tem nem que discutir não. É mas na escola assim, você lembra de alguma vez que você aprontou também, ou algum colega seu que aprontou que você não esquece nunca.*
- (73) */ ela deve ter na faixa de uns quarenta e cinco anos, bateram nela, roubaram o dinheiro dela e colocaram ela dentro do porta-mala, aí nisso o segurança do apartamento que ela mora, do condomínio, viu, eles fazendo e aí eles fugiram e deixaram ela dentro do porta mala.*

(74) / estudei nas escola estadual **que** tinha um grupo, comecei foi nesse grupo aqui, daqui eu passei pra escola estadual.

(75) / Inclusive nós somos até privilegiados porque é uma cidade **que** não tem favela, e não tem assim esse negócio de ficar muito mendigo não.

(76) - tem um lugar aqui **que** tem uns quadros dos doidos da cidade, vocês já viram? (...)

A baixa produtividade do *Onde* F.Gra1 na fala (apenas 11 ocorrências, ou 0,09%) parece ser explicada com as ocorrências do pronome **que** (mais de 40 ocorrências).

Em algumas dessas ocorrências, podemos perceber que a polissemia do verbo *ter* acarreta duas formas de se interpretar o relativo **que**. Por exemplo, no enunciado em (74), o verbo *ter* pode ser interpretado como *possuir* ou como *existir*. No primeiro caso, acredito que o relativo **que** não estaria em grau de concorrência com o *onde*, pois a sua paráfrase

(74.a) / estudei nas escola estadual **que** possuía um grupo, (...)

contém o relativo funcionando como sujeito do verbo *possuir*. Como disse anteriormente, acredito que esse contexto não propicia o aparecimento do *onde*, pois não há a idéia do *container* à que se refere Lakoff & Johnson (*op. cit.*). Mas se o *ter* apresenta o sentido de *existir*, a metáfora do *container* se faz presente e o *onde* poderia ter sido usado:

(74.b) / estudei nas escola estadual **onde** existia um grupo, (...)



Veremos agora os possíveis concorrentes da segunda forma gramatical aqui analisada, ou seja, o *Onde*F.Gra2.

### 3.3.4 FORMAS CONCORRENTES DO *ONDE*F.GRA2 NA FALA E NA ESCRITA

Em relação à carga semântica do *Onde*F.Gra2, Kersch (*op. cit.*) e Coelho (*op. cit.*) mostraram que seus sentidos são fluidos. Coelho encontrou, sob o rótulo de “Valores não-locativos” do *onde*, dentre outros, o causal, aditivo, final, instrumental, opositivo, conclusivo, consecutivo. Kersch (*op. cit.*) encontrou, sob a denominação “*Onde* Discursivo”<sup>15</sup>, os valores de conclusão, explicação, causa, condição e finalidade. Vemos, pois, que os sentidos expressos por esse uso do item são diversos. Dessa forma, em muitas de suas ocorrências não é tão fácil classificar o seu emprego, conforme exemplificamos pelo *onde* da sentença seguinte:

(77) *A vida fugitiva é agitada: mulher, motel e gandaia. No meio da noite, o senhor está numa boate tomando um birinaite, toca a sirene lá longe e pronto: já acha que são os homens. Está no centro da cidade, passa um carro da polícia, dá um frio no espinhaço, onde tem cara que foge e é preso de bobeira, quando o barato nem era com ele. É uma vida desassossegada permanente. (VARELLA, Drauzio. Estação Carandiru. Companhia das Letras São Paulo, 1999, p. 177)*<sup>16</sup>

---

<sup>15</sup> Como já foi dito, o rótulo “Onde Discursivo” de Kersch equivale ao que denomino de *Onde* conectivo ou *Onde*F.Gra2. Já o rótulo “Valores não-locativos” de Coelho abrange usos que aqui separamos, como por exemplo, o emprego anafórico temporal do item.

<sup>16</sup> A ocorrência é de Coelho (*op. cit.*).

Essa ocorrência, de Coelho (*op. cit.*), mostra que o valor do *onde* não é preciso. De acordo com a autora,

“O valor assumido pela partícula ONDE nesse fragmento parece um misto de conclusão e consequência. Embora as duas idéias se perpassem, já que as duas são fruto de uma seqüência temporal, nesse caso específico, torna-se difícil desvincular uma da outra, pois a frase admite as duas substituições: *Está no centro da cidade, passa um carro da polícia, dá um frio no espinhaço, então (ou conseqüentemente) tem cara que foge e é preso de bobeira.*” (Coelho, *op. cit.*)

Como explicou Coelho, é difícil desvincular as idéias de conclusão e consequência nesse caso, assim como em muitos outros.

Essa fluidez de alguns itens conectivos está relacionada com o fato de o item em si não apresentar a relação entre as idéias: ele apenas evidencia essa relação, que é feita, na verdade, pelas orações.

O fato é que o item *onde* tem se mostrado eficaz para evidenciar várias relações entre orações. As relações mais comumente evidenciadas pela partícula são a de conclusão, explicação, causa, consequência e finalidade. Pelo menos essas são aquelas mais recorrentes nos estudos já feitos sobre o *onde*. Essas relações são expressas na língua através de diversas formas. A não expansão do *Onde* F.Gra2 na fala e na escrita pode ser atribuída ao fato de os valores semânticos assumidos pelo item ficarem a cargo, majoritariamente, de formas com valores equivalentes.

Na escrita, esse fenômeno é bastante claro já que dispomos de diversas formas já normalizadas para expressar os valores captados pelo *Onde* F.Gra2, como por

exemplo, *assim, logo, pois, por isso, portanto* (para o uso conclusivo); *pois, porque* (para o uso explicativo); *como, já que, pois, porque, que, visto que* (para o uso causal); *de forma que, de maneira que, de modo que* (para o uso consecutivo); *a fim de que, para que* (para o uso final).

Na fala, são também diversas formas que podem assumir os valores que identificamos para F.Gra2. Chamou-nos a atenção, no entanto, a alta incidência da forma *então*, o que nos fez pensar que essa seria a principal forma concorrente do *Onde* F.Gra2 nesta modalidade.

Também não foi feita aqui a quantificação total das ocorrências desse item. Coletamos as ocorrências de apenas alguns informantes e encontramos mais de 30 delas, mostrando que, na função conectiva, são muito mais frequentes que o *Onde* F.Gra2. A título ilustrativo, listamos abaixo apenas algumas delas:

(78) / *ah tinha o outro prefeito que tinha aí sabe, porque lá em casa a gente, toda eleição a gente faz uma reunião, todo mundo escolhe um só. Vota num só. Aí sabe eu fui muito assim pelo que meu pai falou, minha mãe falou sabe? Pelo jeito que eles tinha, eu achava que o Eugênio Pinto era o melhor, então eu votei nele mesmo (...)*

(79) - *mais do que que está precisando na cidade?*  
/ *fazer tudo que eles falam, em Itaúna precisa, asfaltar a das ruas, pôr mais escola, posto de saúde e mais vigília policial, e igual eu acho que se esse médico estivesse entrado, poderia ser, talvez uma pessoa melhor a, mas como ele já nasceu em berço de ouro, talvez ele não ligaria. O atual prefeito, o Eugênio, ele nasceu num bairro pobre, então ele sabe a dificuldade do pobre como que*

(80) - *você vai encontrar com ele. Com o prefeito. Deve ir muita gente lá, né para conversar com ele?*  
/ *deve, como no caso, eu estou aposentado, então, é muito difícil de você conseguir emprego. Tem que mexer, um bico ali, outra, coisinha que pinta aqui, tal, (...)*

- (81) / (...) *teve que ir o bombeiro lá para a arrumar a caixa d'água, num canto, eles não têm dinheiro para dar para consertar uma coisinha, então qualquer serviço voluntário lá é bem-vindo.*

Esses são alguns exemplos do *corpus* oral e mostram que o vocábulo *então* funciona como um conectivo, de forma semelhante ao *Onde* F.Gra2, ou seja, evidenciam relações conclusivas, explicativas, causais, consecutivas etc.

A concorrência de outras formas, portanto, esclarece a baixa produtividade do desse uso na fala e na escrita.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo, analisamos o item *onde* sob a ótica da gramaticalização, considerando três usos distintos: o uso adverbial (ou lexical), em que o item não se refere a nenhum termo da sentença; o uso relativo, em que o *onde* funciona como um anafórico, e o uso conectivo, no qual o item é usado para evidenciar relações de idéias entre sentenças.

A pesquisa primou pela análise diacrônica, mostrando o percurso do *onde* do português arcaico ao contemporâneo. Nesta análise, vimos que o *onde* não percorre um caminho prototípico de um item em processo de gramaticalização, da forma como foi proposto por Vitral (2006). Isso porque, como mostraram os resultados do *corpus* escrito, a sua produtividade como um item lexical, para o qual usei o rótulo F.Lex, aumentou, quando se esperava queda, e em seus usos gramaticais, a frequência caiu da primeira à última sincronia – no caso do *Onde* F.Gra1 – ou o item não foi produtivo – no caso do *Onde* F.Gra2.

Foi quantificada a frequência do item em seus usos [+concreto] e [+abstrato] apenas na função relativa, para a qual usei o rótulo F.Gra1. Neste caso, o *onde* percorreu o caminho esperado para um item em gramaticalização, ou seja, ele transitou de uma categoria de referência locativa para referência não-locativa.

Os resultados obtidos com a análise do *onde* mostraram que o item, em seu caminho de mudança *lexical > gramatical > mais gramatical*, sofre interferência de outros itens da língua. Foi o que se verificou, primeiro, com a análise quantitativa do *aonde* no português moderno – período em que o *onde* apresentou baixa frequência em

detrimento do *aonde*, que foi altamente produtivo – e depois com algumas considerações sobre os vocábulos *então*, o pronome relativo *que* e expressões conjuncionais que evidenciam relações de conclusão, explicação, causa, conseqüência e finalidade entre as sentenças.

Esses itens convivem com o *onde* e, ao que parece, interferem em sua expansão como um item gramatical.

Na modalidade escrita, as expressões conjuncionais (*sendo que, de forma que, uma vez que, já que, visto que, para que, porque, de/em guisa que*) são concorrentes possíveis para o *Onde* F.Gra2, impedindo sua expansão. A função relativa, embora tenha apresentado queda ao final da última sincronia, mostrou-se produtiva na contemporaneidade, na acepção abstrata. Dessa forma, os concorrentes do *Onde* F.Gra1 (*em que, no qual* e variantes), ao que parece, não atuaram como os concorrentes das outras formas, pois, embora não se tenha verificado o espraiamento do item na função relativa, esse uso ainda é produtivo na língua escrita.

No caso da fala, o *onde* se mostrou pouco produtivo tanto na função relativa quanto na conectiva. Na primeira, encontramos um grande número de ocorrências com o pronome relativo *que*, nas quais era propício o uso do *Onde* F.Gra1. Percebemos que, nesta modalidade, aquele pronome foi bem mais freqüente que o *onde*, o que nos fez concluir que a sua expansão na oralidade é barrada pelo relativo *que*. Ou seja, em seu processo de gramaticalização, o *onde* encontrou um concorrente “mais forte” que o impede de expandir na língua. Na função conectiva, isto é, em F.Gra2, foram encontradas várias ocorrências com o *então* (às vezes seguido de *aí* ou *assim*), o que mostra que o *Onde* F.Gra2 também encontrou concorrentes na fala.

Essas constatações dizem respeito ao princípio da estratificação (Hopper, 1991), segundo o qual formas variantes, funcionalmente equivalentes, convivem em uma mesma sincronia. Os usos novos não suplantam imediatamente os usos antigos. Isso configura um processo de variação, no qual existem três possibilidades: (i) poderá haver uma variação estável entre as formas; (ii) poderá ser diagnosticada uma mudança a favor da forma gramatical mais inovadora; (iii) poderá ser diagnosticada uma mudança a favor das formas gramaticais mais antigas, impedindo assim que a variante inovadora continue seu percurso de gramaticalização – já que nada na língua garante que as formas mais antigas é que serão suplantadas pelas formas mais novas.

Esses resultados trazem, assim, interessantes implicações teóricas e metodológicas que dizem respeito ao princípio da estratificação e ao espraiamento de uma forma sob o processo de gramaticalização. Dessa forma, o diagnóstico e a descrição de um processo de gramaticalização devem considerar a interferência dos processos de variação lingüística, que podem atuar contra a produtividade e a expansão de um item em gramaticalização.

## REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Leonardo Eustáquio Siqueira. *Variação em Locativos no português de Belo Horizonte. estudo sociolingüístico*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2007. (Dissertação, Mestrado em Lingüística).
- BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro. Lucerna, 2007.
- BONFIM, Eneida do Rêgo Monteiro. *Variação e mudança no português arcaico: o caso de u e de onde*. *Palavra*, Rio de Janeiro, n.1., p.96-119, 1993.
- BRAGA, M. L.; NARO, A. J. . A Interface Sociolinguística/Gramaticalização. Revista do Programa de Pós Graduação em Letras Gragoatá, UFF, Niterói, v. 9, p. 125-134, 2001.
- BYBEE, Joan L.; PAGLIUCA, William. *Cross-linguistic comparision and the development of grammatical meaning*. In: Jacek Fisiak, ed. *Historical Semantic and Historical Word Fomation*. Berlin: de Gruyter, 1985: 58-83.
- CEHA – Centro de Estudos de História do Atlântico (CEHA), 1994. Disponível em: <http://www.ceha-madeira.net/>. ANTONIL. *Cultura e opulência no Brasil na lavra do açúcar. Engenho real moente e corrente*(1711). (Fragmento digitalizado).
- CÂMARA JUNIOR, Joaquim Mattoso. *História e estrutura da língua portuguesa*. 2 ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1976.
- CAMBRAIA, César Nardelli. *Sobre as origens do “aonde” na língua portuguesa*. In: COHEN, Maria Antonieta A. M. & RAMOS, Jânia M. (Orgs). *Dialeto mineiro e outras falas: estudos de variação e mudança lingüística*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2002. p. 41-66.



- CAMPBELL, Lyle; JANDA, Richard. (2001) *Introduction: conceptions of grammaticalization and their problems. Language Sciences* 23: 93-112.
- CAMPBELL, Lyle. *Historical linguistics: the state of the art*. [Paper presented at the International Congress of Linguists, Prague,, July 24-29, 2003. (In press, conference proceedings.)]
- CAMPBELL, Lyle. *Why and How do languages Diversify and Spread?* [Paper presented at: Conference on Historical Linguistics, Kobe Institute of St. Catherine's College of Oxford University, Kobe, Japan, April 7-11, 2002.]
- CAMPBELL, Lyle. (2001). *What's wrong with grammaticalization? Language Sciences* 23: 113-161.
- CEGALLA, Domingos Paschoal. *Novíssima Gramática da Língua Portuguesa*. 45. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2002.
- COELHO, Sueli Maria. *Uma análise funcional do onde no português contemporâneo: da sintaxe ao discurso*. Belo Horizonte: Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, 2001. (Dissertação, Mestrado).
- COHEN, M. A.; PRADO, S.; SEABRA, M. C. (orgs.). BTLH – Dados de Barra Longa, MG. In: *Filologia e Lingüística Portuguesa*. N. 2. São Paulo : Humanitas, FFLCH/USP, 1998. (Fragmento digitalizado).
- COSTA, José Pereira da. *Vereações da Câmara Municipal do Funchal Século XV*. Núcleo para Estudo da História do Municipalismo no Mundo Português. In.: CEHA – Centro de Estudos de História do Atlântico (CEHA), 1994. Disponível em: <http://www.ceha-madeira.net/>. (Fragmento digitalizado).
- CUNHA, Celso, CINTRA, Lindley. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2007.

- DIAS, João José Alves (transc.) *Livro dos conselhos de El-rey D. Duarte* (livro da cartuxa). Lisboa : Estampa, 1982. (Fragmento digitalizado).
- GARÇÃO, Correia. *Obras completas* Lisboa: Livraria Sá da Costa, 1982, v. II. (Prosas e Teatro). (Fragmento digitalizado).
- HOCK, Hans Henrich. Principles of historical linguistics. 2. ed. Rev. and updat. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 1991.
- HEINE, Bernd; CLAUDI, Ulrike; HÜNNEMEYER, Friederike. *Grammaticalization. a conceptual framework*. Chicago and London: The University of Chicago Press, 1991.
- HOPPER, Paul J.; TRAUGOTT, Elizabeth Closs. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.
- HOPPER, Paul J. *On some principles of grammaticalization*. In: TRAUGOTT, Elizabeth Closs & HEINE, Bernd (eds.) Approaches to grammaticalization. Vol.I: Focus on theoretical and methodological issues. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing, 1991 (pp.17-35).
- JORNAL HOJE EM DIA. Edições eletrônicas de 02 a 04 de abril de 2000. Disponível em <http://www.hojeemdia.com.br/hojedia.cgi>. Acesso em: 06/04/2000.
- KERSCH, Dorotea Frank. *A palavra onde no português do Brasil*. Porto Alegre: Instituto de Letras da UFRGS, 1996. (Dissertação, Mestrado em Letras).
- KROCH, Anthony. *Reflexes of Grammar in Patterns of Language Change*. Language Variation and Change, 1989, 1:199-244.
- KROCH, Anthony. Syntactic change. In: BALTIN, Mark; COLLINS, Chris (eds). The Handbook of Contemporary Syntactic Theory. Blackwell, 2001. [Tradução de Silvia Regina Cavalcante (UNICAMP)].

- LAKOFF, G. & JOHNSON, M. *Metáforas do dia-a-dia*. São Paulo: Mercado das Letras, 2002 [1980].
- LEHMANN, Christian. 2002[1982]. *Trougths on grammaticalization*. Second, revised edition. München-Newcastle: Lincom Europa.
- LIGHTFOOT, David. *How long was the nineteenth century?* **DELTA**, São Paulo, v. 16, n. spe, 2000. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-44502000000300003&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44502000000300003&lng=pt&nrm=iso)>.
- LIMA, Bruno Fernandes Zenobio de. *O percurso diacrônico das construções com o pronome se na Língua Portuguesa como um processo de gramaticalização*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2006. (Tese, Doutorado em Estudos Lingüísticos).
- LUFT, Celso Pedro. *Moderna Gramática Brasileira*. 2 ed. rev. e atual. 2 reimpressão. São Paulo: Globo, 2008.
- MACMAHON, April M. S. *Understanding language change*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.
- MARIA DO CÉU, S. *Aves ilustradas em avisos para as religiosas servirem os officios dos seus mosteiros*. In.: FERREIRA, J. P (ed.). *Novelistas e contistas portugueses dos séculos XVII e XVIII*. Lisboa : Imprensa Nacional, 1981. (Fragmento digitalizado).
- MARINHO, Janice Helena Chaves. *O funcionamento discursivo do item onde: uma abordagem modular*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2002. (Tese, Doutorado em Estudos Lingüísticos).
- MATTOS E SILVA, R. V. (1989) *Estruturas trecentistas; elementos para uma gramática do português arcaico*. Lisboa: IN - CM.

- MORELO, Sonila. *A relativização da verdade em Herótodo*. 2000. 000p. Dissertação (Mestrado em História). Programa de Pós-graduação em História, FAFICH/UFMG, Belo Horizonte. (Fragmento digitalizado).
- MURRAY, Robert W. *Modern Theories of Linguistic Change: An Overview*(#281)
- MUSSALIN, F. & BENTES, A. C. *Introdução à Lingüística – domínios e fronteiras*, 2ª edição, Cortez, 2001; Sociolingüística I e II, p.21-48 e p.49-76 (vol.1).
- NARO, A. J. O *dinamismo das línguas*, In: MOLLICA, M. C. & BRAGA, M. L. Introdução à Sociolingüística: o tratamento da variação. São Paulo: Contexto, 2003, p. 43-50.
- NEWMEYER, Frederick J.. (2001) *Deconstructing grammaticalization*. **Language Sciences** 23: 187-229.
- OLIVEIRA, Alan Jardel. *Variação em itens lexicais terminados em /l/+vogal na região de Itaúna/MG*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2006. (Dissertação, Mestrado em Lingüística).
- PEZZATI, Erotilde Goreti. *O advérbio então já se gramaticalizou como conjunção?* **DELTA**. São Paulo, v. 17, n. 1, 2001: 81-95. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-44502001000100004&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44502001000100004&lng=pt&nrm=iso)>.
- ROSA, João Guimarães. Sarapalha. In: *Sagarana*. 1946. (Fragmento digitalizado).
- SOUZA, Emília Helena Monteiro Portela de. *A multifuncionalidade do ONDE na fala de Salvador*. Salvador: Instituto de Letras da UFBA, 2003. (Tese, Doutorado em Estudos Lingüísticos)
- TARALLO, Fernando. *A pesquisa sociolingüística*. 3ª Ed. São Paulo: Ática, 1990.
- TARALLO, Fernando L. *Relativization Strategies in Brazilian Portuguese*. Tese de Doutorado, 1983.

VERISSIMO, Luis Fernando. Crônicas acessadas em [www.releituras.com](http://www.releituras.com).

VITRAL, Lorenzo Teixeira. *O Papel da Frequência na Identificação de processos de gramaticalização*. **Scripta**, Belo Horizonte, v. 10, n. 18, p. 128-162, 2006.

VITRAL, Lorenzo Teixeira. *A forma cê e a noção de gramaticalização*. **Revista de Estudos da Linguagem**. Belo Horizonte, ano 5, n. 4, v. 1, p. 115-124, jan./jun. 1996.

VITRAL, Lorenzo Teixeira; RAMOS, Jânia. *Gramaticalização de “você”: um processo de perda de informação semântica?* **Filologia e Lingüística Portuguesa**. São Paulo: Humanitas Publicações. 1999. v. 3, p. 55-64.

VOTRE, Sebastião Josué; MARTELOTTA, Mário Eduardo; CEZARIO, Maria Maura. *Gramaticalização no português do Brasil: uma abordagem funcional*. Rio de Janeiro: UFRJ – Grupo de Estudos Discurso & Gramática, 1996.

## ANEXOS

### Ocorrências dos *corpora*

#### Corpus escrito

#### PERÍODO ARCAICO

#### ANÁLISE DAS OCORRÊNCIAS – D. DUARTE

1. e asy creçerião os leterados e as sçiençias, e os senhores acharião donde tomassem capellães honestos // e entendidos e quando taes promouesem naom serião desditos e alem dysto se seguyria que uos açhariéis leterados pera offiçiaes da Justiça, **LEXICAL**
2. e quando alguns uos desprouuesem terieis donde tomar outros, e eles temendo sse do que poderja acontecer serujrião melhor **LEXICAL**
3. e em contrayro desto geralmente em uosa terra he de // Custume de se darem a quem as destruya e por não ficar cousa que gastar vsão mais em qualquer lugar hu uos çhegais onde aJa albergarias ou outras semelhantes casas que a deus pertençaõ se dão a uosa cadea, e os presos e os outros Rompem a rroupa e estragão todo o que ha em a casa, em tal guisa que tarde se podera emendar segundo antes era Corregido. **FGRA1 LOCATIVO**
4. e em contrayro desto geralmente em uosa terra he de // Custume de se darem a quem as destruya e por não ficar cousa que gastar vsão mais em qualquer lugar hu uos çhegais onde aJa albergarias ou outras semelhantes casas que a deus pertençaõ se dão a uosa cadea, e os presos e os outros Rompem a rroupa e estragão todo o que ha em a casa, em tal guisa que tarde se podera emendar segundo antes era Corregido. **LEXICAL**
5. que se Jgoalmente fazem per uosa terra ao mais os homens que hão de seruyr são constrangidos hu dia no mes e aJnda que o sejam ou fossem dous dias no mes por alguma cousa que fose de mayor neçesidade se os requeresem e constrangesem pera elo asy como deuem çertamente eles a não auerião por graueza qa onde em uosa terra se açerta de a eles darem dous e tres dias, **LEXICAL**
6. Quanto senhor dos almazens eu creyo que de poucos anos aca são muytos mais fectos dos que erão antes mas eu não duujdo quo em algumas fortalezas onde foram repartidos per mingoa de tres ou qatro taboas de que fizerom hu almario em que estyueram gardados ou por outra tam pequena despesa muytos deles serão agora perdidos / **FGRA1 LOCATIVO**
7. Bem sabeis senhor como em uosa terra ha muy poucos caualos o que he grande mjngoa a terra onde os não ha pera os feitos da guerra, e parece me senhor que seria bem ordenardes como os em ela ouuese / e a maneira que em elo podereis mandar ter he esta / **FGRA1 LOCATIVO**
8. e porque os daquele reyno são omiçidas e roubadores, e se trabalham de toruar e toruão aqueles que som regerados per agoa do baptismo aa seyta muy falsa de mafamede, e porque aquela terra per direita herança he da espanha a qual eles tem forçosamente, e conquistando se seria camjnho per que muytos deles se tornarião ao Conheçimento da uerdade, e onde se agora faz desserujço a deus noso senhor, prazendo a ele lhe seria feyto muyto serujço, **LEXICAL**

9. se podese manter seria mal por este reyno porque aqueles poucos lugares seriom azo de se destroyr tudo, de mais vista a Jdade d el rey noso senhor e a sua disposiçãõ e a mjingoa que aveis de totalas cousas que pera ysto fazem mester de poer a christandade em a uentura donde se pode seguyr o contrario de todo o que cuydardes / non me pareçe que seria seruiço de deus. **FGRA1 NOCIONAL**

#### ANÁLISE DAS OCORRÊNCIAS – D. JOÃO

1. Amigos meus, eu espero com a ajuda de Deus de uos leuar a tal terra, onde todos seiaaes auondados e achees todas as cousas que uos mester fezerem. **FGRA1 LOCATIVO**
2. E com esto vos rogo que uos façaaes prestes, sem poer em ello deteença alguma. E nom uos anojees por seer pouco, ca prazendo a Deus, vos hirees a terra onde achares todo o que uos comprir. **FGRA1 LOCATIVO**
3. E ssayndo per huma porta da cidade que chamam do ollyuall, per onde o Condestabre saira, a azemella com a cama cayo morta em terra, o que todollos que o virom ouuerom por marauilha e sinall dalguuma cousa. **FGRA1 LOCATIVO**
4. Em outro dia pella menháa a mandou muy homradamente com certos homens de pee e de cauallo a Pomte de Lima, que eram daly quatro legoas, hu seu pay estaua por fronteiro da parte del-Rey de Castella. **FGRA1 LOCATIVO**
5. As ruas, per hu el auia dhijr ataa os paços homde auya de pousar, eram estradas de ramos e frolles e heruas de boons cheiros, de guissa que do chão nom pareçia nenhuuma cousa. **FGRA1 LOCATIVO**
6. Aa porta por hu el-Rey auia de ujr estauom muytos çidadaãos homradamente vestidos com guarnecimentos douro e de prata; **FGRA1 NOCIONAL**
7. e muyto outro poboo fora com a ssigna da çidade, huuns com varas nas maãos pera reger os jogos como el-Rey chegasse, outros pera hirem com sua companha ataa os paaços hu avija de poussar. **FGRA1 LOCATIVO**
8. E semdo todos assy aguardando cada huuns em seu lugar, pareçeo a gemte del-Rey da parte aallem de Gaya per hu el auja de vijr, e os batees que amdauom salcamdo pello rio foram logo ally muytos prestes, com grandes apupos e tanger de trombetas mostrando grande lediçe; **FGRA1 LOCATIVO**
9. E assy foy el-Rey leuado com este prazer e lediçe aos paaços hu auia de poussar; e as gemtes se tornarom festinando cada huuns pera suas casas. **FGRA1 LOCATIVO**
10. em tanto que lhe mandou dizer hum dia que se com el nom queria guera nem outro aroido, que lamçasse de ssy todollos seus e os mandesse pera hu quisesse ou pera as quintans, e nom trouuesse nenhuum consigo, ou jouuesse emçarado em casa e nom saisse fora com elles, senom, que lhe faria toda maa obra que podesse. **LEXICAL**
11. E chegarom ja muyto noite aa veiga de Ssam Redanhas, huma mea legoa do logar pequena, onde ja Affomssso Lourenço estaua aguardando. **FGRA1 LOCATIVO**
12. Estes jngreses que neelles veerom reçeberom logo per mandado del-Rey soldo, e foram-sse pera Euora, homde auiam dauer bestas pera serem emcaualgados e hirem seruir homde os mandassem. **FGRA1 - LOCATIVO**

13. Estes jngreses que neelles veerom re eberom logo per mandado del-Rey soldo, e foram-se pera Euora, homde auiam dauer bestas pera serem emcaualgados e hirem seruir homde os mandassem. **LEXICAL**
14. E quamdo chegou alla, achou sua molher e sua filha dona Briatiz, que depois foy comdessa, que pouco auia que veerom de Guimaraaes, homde per tempo foram detheudas, porque o logar estaua por Castella; **F.GRA1 - LOCATIVO**
15. E alguuns leuaron estas nouas ao Condestabre ao caminho homde hia, dizemdo-lhe que por aquello nom era (bem) hir mais adeamte, e que se tornasse em toda guissa. **F.GRA1 - LOCATIVO**
16. E dizem que logo em esse dia aveo assy que a erca daquella porta, homde a azemella moreo, o spiritu malino tomou huum homeem, e fallou delle muytas cousas; **F.GRA1 - NOCIONAL**
17. E dizem que logo em esse dia aveo assy que a erca daquella porta, homde a azemella moreo, o spiritu malino tomou huum homeem, e fallou delle muytas cousas; amtre as quaaes disse que el matara aquella aazemelha, cuidando que por a morte della o Comdestabre nom fosse mais adeante homde auia de fazer muytas e boas cousas, e que el tam gram fee leuaua comsigo que se nom tornou (por) nenhuuma cousa nem leixou de continuar seu camjnho; **LEXICAL**
18. Vaasquo Lourem o o alcaide se foy com os seus a Pomte de Lima, homde seu jrmao Lopo Gomez estaua. **F.GRA1 - LOCATIVO**
19. Partio elRey de Cojmbrã como tinha hordenado pera o Porto, que eram dhij dezoito legoas, cidade homde nunca fora nem em logar dhu a diuissar podesse. **F.GRA1 – LOCATIVO**
20. O quall re ebimento hordenarom desta guissa: Todallas naaos que eram no rio muyto  edo pella menh a foram apendoadas de bandeiras e estemdartes, e postos muytos ramos verdes em  ertos logares homde cada huum emtendia que melhor podiam parecer. **F.GRA1 – LOCATIVO**
21. As ruas, per hu el auia dhijr ataa os paços homde auya de pousar, eram estradas de ramos e frolles e heruas de boons cheiros, de guissa que do  ao nom parecia nenhuuma cousa. **F.GRA1 – LOCATIVO**
22. As portas das casas destas ruas eram todas abertas e emramadas de louro e doutros frescos ramos, delles que pendiam homde compria outros te idos tam espesamente que nom leixauom logar que todo nom fosse cuberto. **LEXICAL**
23. E a(a) Porta de Miragaya, homde o estauom atemdendo como disemos, sayo el-Rey em terra per huuma larga e espa ossa pramcha , homde o beijar da maao e *Mantenha-uos Deus, Senhor* era tanto que nom podiam auer vez de comprir suas vomtades. **F.GRA1 – NOCIONAL**
24. E a(a) Porta de Miragaya, homde o estauom atemdendo como disemos, sayo el-Rey em terra per huuma larga e espa ossa pramcha , homde o beijar da maao e *Mantenha-uos Deus, Senhor* era tanto que nom podiam auer vez de comprir suas vomtades. **F.GRA1 – NOCIONAL**

#### ANÁLISE DAS OCORR NCIAS – LINHAGEM

1. E o ifante dom Fernando Marqués e o ifante dom Joham, seu irm o, e o conde dom Anrique e dom Fradique, meestre da ordem de Santiago, e dom Fernando de Castro e dom



Rui Gonçalvez de Castanheda e outros muitos e boos juntarom-se todos com este dom Joham Afonso, e eram mil e dozentos de cavalo, e chegarom todos acerca d' u estava el rei, e pedirom-lhe por mercee que partisse de si privados que tragia, que o conselhavam a dano do reino, e filhasse a rainha dona Branca e leixasse dona Maria de Padilha, que tragia consigo. **LEXICAL**

2. Em este tempo, um pouco ante, se fez a lide de Tarifa. [.....]  
a sua natura é defender por u vam. **LEXICAL**
3. Este ordinhamento fazem os cavaleiros do Espital naquela conquista que eles ham com os Mouros, porque eles levam galees e [va]xees (?) em que levam seus cavalos, en'aquel logar u arriba fazem estes curraes, por guarda das galees e dos [va]xees (?), e por se colherem i os cavaleiros que vam correr pela Turquia, se veerem com gr[a]m aficamento que achem i defensom, ca sempre eles leixam em estes curraes gram parte de cavaleiros. **FGRA1 LOCATIVO**
4. E el rei dom Afonso de Portugal era de grandes feitos, e quanto mais olhava polos Mouros, tanto lhi mais e mais crecia e esforçava o coração, como home que era de grandes dias, e tiinha que Deus lhi fizera gram mercee em o chegar aquel tempo u podia fazer emmenda de seus pecados por salvaçom de sa alma e receber morte por Jhesu Christo. **FGRA1 TEMPORAL**
5. El, de todo b/Æo conteneute, falou ali com os seus e disse-lhis assi: "Meus naturaes e meus vassalos, sabedes bem em como esta terra da Espanha foi perduda por rei Rodrigo e ganhada pelos Mouros, e em como outra vez entrou Almançor, e em como os vossos avoos, donde descendedes, por gram seu trabalho e por mortes e lazeiras, ganharom o reino de Portugal. **FGRA1 GENITIVO**
6. Olhade por estes Mouros que vos querem guanhar a Espanha, de que dizem que estam forçados e hoje, este dia, a entendem de cobrar se nós nom formos vencedores. Poede em vossos coraç/Æes de usardes do que usarom aqueles donde viides, como nom percadades vossas molheres nem vossos filhos e o em que ham-de viver aqueles que depois vós veherem, os que i morrerem e viverem seerem salvos e nomeados pera sempre". **FGRA1 GENITIVO**
7. Os Portugueeses assi forom durando e e sofrendo sa batalha em tal pressa e coita como ouvides, mais todo seu trabalho nom lhis valia rem, porque u tiinham maltreitos os Mouros, refrescavam-se cada vez dos que estavam folgados. **LEXICAL**
8. E os que morrêremos hoje seeremos com el no seu reino celestial, u ha moradas tam nobres que se nom podem dizer por línguas. **FGRA1 NOCIONAL**
9. E disse a gram voz: "Ai Deus, poder-m'iades dizer u ficou?" **LEXICAL**

#### Análise das ocorrências – Vereações

1. e bem asy defen[demos] aos nosos naturaes que nom fretem nenhés naujos a nenhé estrangeiro pera jrem aos dictos portos sob a dicta pena e porem nos praz que elles posam caregar e leuar todas suas mercadorias em este dicto anno a medjo el Burgo ou a quallquer outra parte de Geelanda onde lhe aprouuer porque per bem das guerras que **FGRA1 LOCATIVO**
2. Item ho varejador trarra a vara e andara per todas as tauernas e casas onde uender vinho attauernado e lanHara a uara a tonell ou pipa ou quarto e asentara em sseu caderno o

dono da tauerna e o dja em que for posto e o preHo dos dictos ujnhos a que fforom postos e no dija que esto fizer ssera obrigado o lleuar ao espriuam do liuro do rreHebimento pera o aver elle asentar em seu liuro segundo seu rregimento e auera por seu trabalho quatro mjll rrs. **FGRA1 LOCATIVO**

3. e este mesmo poder que dou ao dicto Bras Afonso na dicta Jlha da Madeira lhe dou jssso mesmo nas mjnhas Jlhas do Porto Santo e Deserta onde lhe mando que vaa prouuer nas cousas da justiHa e boom rregimento dellas **FGRA1 LOCATIVO**
4. da qual o dicto LanHarote Alvarez apelou e lhe nom ffoy rrecebida depos por agrauo e lho nom rrecederom pydjo que lhe mandasem dar hé estromento e elles officjaes diserom nom sse ja duujda na antrelinha onde djz dozentos rs. que eu o ffiz por verdade **FGRA1 NOCIONAL**
5. Item rrequereo Joam Gomez procurador aos dictos offiHjaes que elles prouejem como esta terra esta esfojmada de pam e os nauios que veem descaregom o que querem e leuom pera onde lhes apraz sem serem costringidos que o descaregem por canto he neHesarjo vijrem contra elles rrequereo que prouejam ssobre ello em tall maneyra que a terra sseja proujda **LEXICAL**
6. em que encoreo por que elle matou cabras e esfolou dentro onde he deffeso e dise que nom lhe leuando aos offiHjaes a pena elle protestaua carne essfolar e nom pagem penas e de como lhe assj rrequeria pidia a mj espriuam que assj o espreuese e lhe dese héa carta testemunhauell testemunhas Joam do Porto e Joam do Porto. **LEXICAL**
7. Item a acerca de sse buscarem jurados pera sse a terra guardar e sser goardada dos danos ordenarom que Joam Gomez procurador e os dos mesteres per onde quer que sse mjlhora poder ffazer acharem homens pera jurados que ataa ssegunda ffeira esta somana que uem ffaHaes rolles dalgés homes que lhes pareHerem serem autos pera jurados e os trangerem pera os costringerem pera o dicto offiHio. **LEXICAL**

## PERÍODO MODERNO

### ANÁLISE DAS OCORRÊNCIAS – ANTONIL

1. Também, se não tiver a capacidade, modo e agência que se requer na boa disposição e governo de tudo, na eleição dos feitores e oficiais, na boa correspondência com os lavradores, no trato da gente sujeita, na conservação e lavoura das terras que possui e na verdade e pontualidade com os mercadores e outros seus correspondentes na praça, achará confusão e ignomínia no título de senhor de engenho, donde esperava acrescentamento de estimação e de crédito. **FGRA1 NOCIONAL**
2. O ter muita fazenda cria comumente nos homens ricos e poderosos desprezo da gente mais pobre e por isto Deus facilmente lha tira, para que se não sirvam dela para crescer em soberba. Quem chegou a ter título de senhor parece que em todos quer dependência de servos, e isto principalmente se vê em alguns senhores que têm lavradores em terras do engenho, ou de cana obrigada a moer nele, tratando-os com altivez e arrogancia. Donde nasce o serem malquistos e murmurados dos que os não podem sofrer e que muitos se alegrem com as perdas e desastres que de repente padecem, pedindo os miseráveis oprimidos a cada passo justiça a Deus por se verem tão vexados e desejando

ver aos seus opressores humilhados, para que aprendam a não tratar mal aos humildes, assim como o médico deseja e procura tirar fora a malignidade e abundância do humor pecante que faz o corpo indisposto e doente para lhe dar desta sorte não somente vida, mas também perfeita saúde. **FGRA2**

3. E nos mesmos domingos e dias santos, ou pelo menos nos domingos, se se admitir com esta obrigação, explicará a doutrina cristã, a saber, os principais mistérios da Fé e o que Deus e a Santa Igreja mandam que se guarde; quão grande mal é o pecado mortalS que pena lhe tem Deus aparelhada nesta e na outra vida, aonde a alma vive e viverá imortalmente; que remédio nos deu Deus na Encarnação e Morte de Jesus Cristo, Seu Santíssimo Filho, para que se nos perdoassem assim as culpas, como as penas, que pelas culpas se devem pagar; **FGRA1 NOCIONAL – EM QUE**
4. Os feitores que estão nos partidos e mais fazendas têm à sua conta: defender as terras e avisar logo o senhor se há quem se meta dentro das roças, canaviais e matos para tomar o que não é seu; assistir aonde os escravos trabalham para que se faça o serviço como é bem; **LEXICAL – LUGAR EM QUE**
5. Ao feitor-mor dão nos engenhos reais sessenta mil réis. Ao feitor da moenda, aonde se mói por sete ou oito meses, quarenta ou cinquenta mil réis, particularmente se se lhe encomenda algum outro serviço, mas aonde há menos que fazer e não se ocupa em outra coisa, dão trinta mil réis. Aos que assistem nos partidos e fazendas, também hoje, aonde a lida é grande, dão quarenta ou quarenta e cinco mil réis. **FGRA1 NOCIONAL – EM QUE**
6. Ao feitor-mor dão nos engenhos reais sessenta mil réis. Ao feitor da moenda, aonde se mói por sete ou oito meses, quarenta ou cinquenta mil réis, particularmente se se lhe encomenda algum outro serviço, mas aonde há menos que fazer e não se ocupa em outra coisa, dão trinta mil réis. Aos que assistem nos partidos e fazendas, também hoje, aonde a lida é grande, dão quarenta ou quarenta e cinco mil réis. **LEXICAL – LUGAR EM QUE**
7. Ao feitor-mor dão nos engenhos reais sessenta mil réis. Ao feitor da moenda, aonde se mói por sete ou oito meses, quarenta ou cinquenta mil réis, particularmente se se lhe encomenda algum outro serviço, mas aonde há menos que fazer e não se ocupa em outra coisa, dão trinta mil réis. Aos que assistem nos partidos e fazendas, também hoje, aonde a lida é grande, dão quarenta ou quarenta e cinco mil réis. **FGRA1 LOCATIVO – LUGAR EM QUE**
8. A quem faz o açúcar com razão se dá o nome de mestre, porque o seu obrar pede inteligência, atenção e experiência e esta não basta que seja qualquer, mas é necessária a experiência local, a saber, do lugar e qualidade da cana, aonde se planta e se mói, porque os canaviais, de uma parte, dão cana muito forte e, de outra, muito fraca. **LEXICAL – LUGAR EM QUE**
9. E para que a sua obra seja perfeita tenha boa correspondência com o feitor da moenda que lhe envia o caldo, com o banqueiro e o soto-banqueiro que lhe sucedem de noite no ofício e com o purgador do açúcar, para que vejam juntamente donde nasce o purgar bem ou mal em as formas e sejam entre si como os olhos que igualmente vigiam e como as mãos que unidamente trabalham. **LEXICAL**
10. Outros são tão pouco cuidadosos do que pertence à salvação dos seus escravos que os têm por muito tempo no canavial ou no engenho sem baptismo, e dos baptizados muitos não sabem quem é o seu Criador, o que hão-de crer, que lei hão-de guardar, como se hão-de encomendar a Deus, a que vão os cristãos à igreja, por que adoram a hóstia consagrada, que vão dizer ao padre quando ajoelham e lhe falam aos ouvidos, se têm alma e se ela morre e para onde vai quando se aparta do corpo. **LEXICAL**
11. Mau é ter nome de avarento, mas não é glória digna de louvor o ser pródigo. Quem se resolve a lidar com engenho, ou .se há-de retirar da cidade, fugindo das ocupações da

República que obrigam a divertir-se, ou há-de ter actualmente duas casas abertas com notável prejuízo, aonde quer que falte a sua assistência e com dobrada despesa. **FGRA1 LOCATIVO – LUGAR EM QUE**

12. Deixá-los sós na cidade é dar-lhes liberdade para se fazerem logo viciosos e encherem-se de vergonhosas doenças, que se não podem facilmente curar. Para evitar, pois, um e outro extremo, o melhor conselho será pô-los em casa de algum parente ou amigo grave e honrado, onde não haja ocasiões de tropeçar, o qual folgue de dar boa conta de si e com toda a fidelidade avise do bom ou mau procedimento e do proveito ou negligência no estudo. **FGRA1 LOCATIVO**
13. O melhor ensino, porém, é o exemplo do bom procedimento dos pais e o descanso mais seguro é dar a seu tempo estado, assim às filhas como aos filhos, e, se se contentarem com a igualdade, não faltarão casas aonde se possam fazer trocas e receber recompensas. **FGRA1 LOCATIVO – LUGAR EM QUE**
14. Comprar, um senhor de engenho a um lavrador que tem cana livre para a moer aonde quiser, a obrigação de a moer no seu engenho, enquanto lhe não restituir o dinheiro que para isso lhe deu quando comprou a dita obrigação, pratica-se no Brasil muitas vezes e os letrados o defendem por contrato justo, porque isto não é dar dinheiro emprestado com obrigação de moer, mas é comprar a obrigação de moer no seu engenho para ganhar a metade do açúcar, ficando a porta aberta ao lavrador para se livrar desta obrigação todas as vezes que tornar a entregar ao comprador o dinheiro que recebeu. **LEXICAL – LUGAR EM QUE**

#### ANÁLISE DAS OCORRÊNCIAS – AVES

1. Em a noite até a fera sofre o bramido; sofra a racional a voz; a que quiser falar a toda a hora, fale com suas irmãs não dispensadas, e fale com Deus nas proibidas; pergunte-lhe com a alma santa, aonde passa a sesta, **LEXICAL – LUGAR EM QUE**
2. e pergunte-lhe também, aonde passa a noite, e ali em a solenidade do silêncio lhe falará ao ouvido. **LEXICAL – LUGAR EM QUE**
3. Fazei, senhora, guardar o silêncio, porque aí assiste Deus, aonde o há. **LEXICAL – LUGAR EM QUE**
4. nada disto lhe pedia para criar as suas flores, para fazer crescer as suas virtudes; mas só lhe pedia um zéfiro brando, uma respiração mansa, uma viração muda, porque tudo isto indica um silêncio quieto, e aonde está o silêncio, aí está Deus, **LEXICAL – LUGAR EM QUE**
5. e aonde está Deus, aí crescem as virtudes. Tudo isto, senhora, vos hei trazido para pordes muito cuidado em fazerdes guardar esta observância. **LEXICAL – LUGAR EM QUE**
6. Em certa corte da Ásia se convidaram os grandes e poderosos para fazerem entre todos um banquete: foram as prevenções tão soadas, que até ao Céu chegou o seu estrondo: teve Júpiter, o deus dos deuses, curiosidade de achar-se neste convite, aonde só faltaria o seu néctar: cortou de uma núvem uma capa, e baixou de embuço; **FGRA1 NOCIONAL – LUGAR EM QUE**
7. sucedeu na mesma manhã, em que entrou, levá-lo ao senhor com outros a acompanhá-lo a uma igreja, que estava fora da cidade, aonde se fazia festa, a que ele queria assistir: era

a festa de tarde, do fidalgo antes de chegar ao lugar, quis jantar em o caminho, para o que já ía prevenido. **FGRA1 LOCATIVO – LUGAR EM QUE**

8. se se vos transluzir algum dissabor, chegai-as a compôr, antes que cheguem a pelejar. Se o Íris aparecer antes da tempestade, não houvera aquela universal rebelião das águas, aonde a sua braveza afogou o mundo. **FGRA1 EVENTO – LUGAR EM QUE**
9. Pausa em o ofício divino; em duas palavras vos direi, qual esta atenção há-de ser, não atendendo a outra coisa alguma, todo transformada na reza, no canto, e em Deus, a quem se tributa canto, e reza; aqui com Deus se fala, e aonde se fala com Deus, não se fala com outrem. **LEXICAL – LUGAR EM QUE**
10. se recolhermos os pensamentos, logo recolheremos as palavras, e aonde aqueles que não devem fazer ruído em a mente, como soarão estas em os ouvidos? **LEXICAL – LUGAR EM QUE**
11. Arábia, a Feliz, é a pátria do incenso; ali nasce em a região de Sabá, nome que segundo os gregos significa mistério; dizem do terreno, aonde se cria, ser entre roxo e branco; **FGRA1 LOCATIVO – LUGAR EM QUE**
12. mas ao depois o lucro duplicou a vindima; a primeira e natural é vizinha ao nascimento da canícula com o mais ardente calor, cortando por onde parece estar mais cheia e estendida a delgadíssima casca; **LEXICAL**
13. Peço-vos muito não deixeis em esse lugar sejam vistas as religiosas moças; ainda que descubrais o pátio só, o sol tem olhos e não é bem as veja o sol aonde as podem ver os homens e quando para uma ocasião dispensável chegaram, seja com a núvem sobre a luz do rosto; **LEXICAL – LUGAR EM QUE**
14. o mosteiro é céu onde as religiosas são estrelas, as estrelas não aparecem sem o véu da noite e por isso fugiram à luz do dia: pessoas dedicadas a Deus bastam os olhos para empoá-las; aonde é impossível chegar o lodo, mancha o pó; afastai-as da porta e dispensai-lhe a cerca; elas para vistas são fruta vedada, no pomar toda a fruta lhes seja permitida; passeiem a sua selva estas Diannas de Deus aonde só as testemunham as flores e ainda destas sejam mais familiares as açucenas. **FGRA1 LOCATIVO**
15. o mosteiro é céu onde as religiosas são estrelas, as estrelas não aparecem sem o véu da noite e por isso fugiram à luz do dia: pessoas dedicadas a Deus bastam os olhos para empoá-las; aonde é impossível chegar o lodo, mancha o pó; afastai-as da porta e dispensai-lhe a cerca; elas para vistas são fruta vedada, no pomar toda a fruta lhes seja permitida; passeiem a sua selva estas Diannas de Deus aonde só as testemunham as flores e ainda destas sejam mais familiares as açucenas. **LEXICAL – LUGAR A QUE**
16. o mosteiro é céu onde as religiosas são estrelas, as estrelas não aparecem sem o véu da noite e por isso fugiram à luz do dia: pessoas dedicadas a Deus bastam os olhos para empoá-las; aonde é impossível chegar o lodo, mancha o pó; afastai-as da porta e dispensai-lhe a cerca; elas para vistas são fruta vedada, no pomar toda a fruta lhes seja permitida; passeiem a sua selva estas Diannas de Deus aonde só as testemunham as flores e ainda destas sejam mais familiares as açucenas. **LEXICAL – LUGAR EM QUE**
17. Tanto se lhe entregou o Imperador, que mandava tudo o que os príncipes concedem aos validos e ficam corpo sem alma, veio a descaír, que estes tais em chegando àquele auge donde não podem passar, logo declinam e aqui estava a fortuna violenta pelo sujeito. **FGRA1 NOCIONAL**
18. Vénus, toda iras, foi a pegar da ninfa para vingar em sua inocência seu desaire, fazendo-a outra Andrómeda. Porém ela se mergulhou nas ondas e a deusa subiu ao Olímpio aonde

fez queixa a Neptuno pedindo-lhe a ninfa para sacrifício. **FGRA1 LOCATIVO – LUGAR EM QUE**

19. Bem feito, porque ainda que as vejas obrigadas à mortificação, estais vós; mais obrigada à caridade; de pouco custo como a pobres mas de bom tempero como a mulheres. Não estão em a Tebaida, onde um cacho de uvas mandado a Santo António Abade correu todo o deserto, presenteado de um a outro para não haver quem se atrevesse a gastá-lo, até que veio a tornar à mão do mesmo Santo. **FGRA1 LOCATIVO**
20. Não estão em o ermo da Penhuela Carmelitano, aonde um fio de azeite em as ervas era o maior regalo em as Páscoas. **FGRA1 LOCATIVO – LUGAR EM QUE**
21. Não estão em as covas do nosso Montemor, aonde os servos de Deus, que as habitam, se agasalham em o maior rigor do Inverno com uma fatia de pão quente ao fogo. **FGRA1 LOCATIVO – LUGAR EM QUE**
22. Estão aonde podem gostar sem nota, tudo o que se lhe administrar sem demasia. **LEXICAL – LUGAR EM QUE**
23. Criou as frutas para o refresco e não para o regalo; criou os peixes, para que ou o fogo os assasse ou a água os cozesse e não para que deles se fizessem tão opulentos pratos, que vem a ser muito maior o custo do adereço, que o do manjar aonde se consomem as manteigas nos fritos, as espécies nos adubos, as farinhas nas massas, os ovos nas garnições. **LEXICAL – LUGAR EM QUE**
24. Mais que todos ficou admirado seu marido desta novidade e quando se viu só com ela, lhe perguntou donde houvera aquelas jóias e galas. **LEXICAL**

#### ANÁLISE DAS OCORRÊNCIAS – BARRA LONGA

1. ainda que nella por razão da distancia não possa ser sepultado e na Capella em que o for só se dirão algumas Missas de corpo presente pelos Sacerdotes que ahi apparecerem, e proseguindo-se com as mais e com o officio na Matriz onde se podem achar mais Sacerdotes. **FGRA1 LOCATIVO**
2. que no ambito da Freguezia do Furquim havia um Rio Caudaloso e com perigo nas passagens chamado Gualacho do Norte e que havia outro chamado Ribeyrão com igual grandeza e que ambos fazião Barra na fazenda de Mathias Barbosa da Silva donde se achava hua Capella de São Jose e que no tempo do 20 Inverno erão tão perigosos que ainda em embarcassoens se não podiam vadear e no Verão se passava com difficuldade; **FGRA1 LOCATIVO**
3. que havião outros Ryos mais que no tempo das agoas crescião e nelles havia o mesmo perigo e que toda a Freguezia era montuosa onde a mayor parte dos caminhos erão intransitaveis e que passavam por logares ermos q. muitas vezes estavam sujeitos aos Escravos fugidos que insultavão os Passageiros e em 25 varias partes tinha havido invazoens do gentio q. sahia do sertão a roubar e matar; **FGRA 2**
4. alem de outros Benezes que havião de suffragios e pé de Altar, e que podia ficar a nova Freguezia com mil e oito sentas peços até duas mil e q. todas costumavão pagar conhencença e que podia estabelecer na Capella de São José da Barra Longa onde se achava Pya Baptismal e Santos Oleos; **FGRA 1 LOCATIVO**

5. e tambem por serem os caminhos intrataveis e despinhados pellos muitos Montes que ha e citios dezertos aonde costumão andar os Negros fugidos fazendo insultos e tem sahydo muitas vezes o gentio do certão a Roubar e Matar e com effeito tem morto muitas peçoas e que outro sim pella impossibilidade de se acudir aos freguezes **FGRA1 LOCATIVO – LUGAR EM QUE**
  
6. por haver ainda Freguezes que não forão à Matriz e muitos que a mayor parte do anno não assistem ao Santo Sacrificio da Missa principalmente pellas Mulheres que ha casadas na distancia em que vivem e para que se desobriguem na propria Parochia detreminamos que por ora seja Matriz para a nova freguezia que instituímos a Capella da Barra, por invocação São José e que este mesmo Santo Patriarcha seja Padroeiro della, donde ha Pya Baptismal por se achar no citio mais comodo, conforme o que depoem todas as Testemunhas na Justificação, em quanto se não pode erigir outra, ficando a Matriz antiga (Furquim) e Freguezia principal nos confins da de São Caetano pello caminho do Gualacho até a Rossa chamada do Barreto, **FGRA1 LOCATIVO**
  
7. Cumprace como Sua Magestade manda e se Registe na Secretaria deste Governo e honde mais tocar. Villa Rica 7 de Fevereiro de 1753. Jose Antonio Freire de Andrada - Registada a fs. 40 do Lo. Registo de Provisoes Reaes de officios e mercezes que serve nesta Secretaria Villa Rica em 7 de Fevereiro de 1753 Joze Cardozo Pelleja - Cumprace e Registece Villa Rica dese de Fevereiro de 1753. **LEXICAL**
  
8. virem que sendo no anno do nascimento de N.S. Jesus C. de 1774 annos aos 15 dias do mez de Uro. do dito anno neste sitio do Engenho de S. Antonio, corrego dos alagoas, freguezia de S. José da Barra tr. de Marianna aonde eu tabelião ao diante nomeado fui vindo e sendo ahi aparecerão partes outorgantes havindas e contractadas **FGRA1 LOCATIVO – LUGAR A QUE**
  
9. Maria Caetana de Almeida - Boaventura de S. José fo. Anna Maria Pereira fa. e seu marido Antonio Francisco Pinheiro - Juliana Pereira de Jesus e seu marido João Ferreira Bastos - João -Gomes Pinheiro fo. natural e sua mulher. Francisca Angelica do Esp. Santo, huns moradores nesta mesma freguezia outras nas de S. Caetano e S. Sebastião ... Aonde consta o consentimento que deo o Dr. Manoel Gomes Pinheiro.” **FGRA1 LOCATIVO – LUGAR EM QUE**

#### ANÁLISE DAS OCORRÊNCIAS – GARÇÃO

1. Com effeito, nada tem disso um naufrágio, a caída de uma casa e outros desastres semelhantes: é verdade que então nos compadecemos, mas nesta compaixão não tomamos maior parte do que aquella a que simplesmente nos obriga a humanidade. Mas, nos incidentes que nascem uns dos outros, a ideia do espectador, movida e cheia do objecto, vê justamente a causa e fim daquele horroroso successo; e desta duplicada vista seguem infalivelmente a surpresa e as paixões: e por isso há tanto de maravilhoso na Sagrada Escritura, onde são tão frequentes os successos extraordinários, produzidos sempre de incidentes que nascem uns dos outros contra a expectação dos leitores. **FGRA1 NOCIONAL**
  
2. Com effeito, para transportarmos uma coisa, é preciso primeiro tirá-la de onde estava para a levarmos para onde a queremos pôr: assim devemos com tal progresso conduzir os incidentes da tragédia que pouco a pouco vão crescendo os embarços; e quando o espectador está já como abalado, esperando algum grande successo, então é que o poeta

se deve aproveitar desse instante para soltar os diques do terror e da compaixão. **LEXICAL**

3. Com efeito, para transportarmos uma coisa, é preciso primeiro tirá-la de onde estava para a levarmos para onde a queremos pôr: assim devemos com tal progresso conduzir os incidentes da tragédia que pouco a pouco vão crescendo os embaraços; **LEXICAL**
4. Sobem pela estrada que pisaram nossos bons poetas; seguem as pisadas dos Latinos e dos Gregos, mas tão cobardes e medrosos que tarde ou nunca chegarão aonde eles subiram. Semelhantes ao desgraçado caminhante que em uma tenebrosa noite pisa o caminho tão carregado de susto que finalmente tropeça, cai e se precipita. **LEXICAL – LUGAR EM QUE**
5. Parece-me que ainda vejo os nossos clementíssimos Soberanos, toda a Família Real, toda a Corte, assistindo a um certame de Gramática! Parece-me que ainda hoje veio um menino com um ponteiro na fraca mão estar mostrando no mapa aonde é Lisboa, aonde está Roma, aonde foi Cartago! Parece-me que ainda observo no real semblante de Vossa Magestade <original> V. M. </original> aqueles graciosos sinais de prazer que são difíceis de explicar, e que não sabem esconder nem os pais, nem os mestres, quando vêem adiantados os filhos ou discípulos! **LEXICAL (as três ocorrências) – 1- LUGAR EM QUE; 2- LUGAR EM QUE; 3- LUGAR A QUE.**
6. querem mas não podem fugir os cansados velhos; saem dos templos os sacerdotes abraçados com as sagradas relíquias, mas não têm para onde fujam. Em toda a parte se apresenta a mesmo perigo e o mesmo aspecto da morte: desmornados os altos edifícios, tremem, caem, espantam, ferem, matam e sepultam os desgraçados habitantes! **LEXICAL**
7. Mas, Omnipotente Deus, que País é este que habitamos, em que cidade vivemos? Aonde está o reino fundado pela vossa mão? Aonde está a forte gente que morria pela honra do vosso nome e pela glória de seu Rei? **LEXICAL – 1- LUGAR EM QUE; 2- LUGAR EM QUE**
8. Aqui em Lisboa, – grande Deus! – aqui, no centro da paz; aqui aonde as leis mais Justas e mais santas não sofrem que os vícios ultrajem as virtudes, aqui se traçou o plano de tão infame conspiração. Aqui se juntaram os traidores; aqui juraram nossa ruína, nossa orfandade e nossa vergonha; aqui se vendeu a Pátria; aqui se blasfemou de Vossa irrevogável promessa; aqui se desprezaram os raios com que Vossa mão onnipotente costuma destruir os impérios. **FGRA 1 LOCATIVO – LUGAR EM QUE**
9. Sofrei, ó Arcades, que para melhor mostrar a nossa felicidade me lembrem antigas calamidades, à semelhança do experimentado piloto que para bem calcular a sua derrota se não esquece de marcar o porto donde, levantando o ferro e desfraldando as velas, principiou a viagem. **FGRA 1 LOCATIVO**
10. Mas esta súbita mudança de onde nasceu, ó Arcades? Houve alguma força superior que fizesse tão violenta metamorfose? O público zombou dos nossos escritos? O generoso pastor Albano fechou-nos a porta desta cabana? Tínhamos quando florescia a Arcádia maior abundância de cabedais que facilitasse a subsistência de tão numerosa companhia, e houve uma mão tão avara que veio a saquear as choupanas do Ménalo? E, se hei-de seguir esta matáfora, que inundações de lobos degolou os nossos rebanhos? Ou que pastores mais valentes nos lançaram fora destes bem-aventurados montes? **LEXICAL**



## PERÍODO CONTEMPORÂNEO

### ANÁLISE DAS OCORRÊNCIAS – HERÓDOTO

1. A predominância da fonte oral enquanto elemento constitutivo da obra *Histórias* (...) possibilita a preservação do esquecimento, pela forma escrita, e a ampliação do conhecimento através dos contos e lendas populares onde fantasia e realidade se confundem, não porque fogem à verdade, mas porque, como diz Homero na *Odisseia*, *nóon égna*, o que importa é conhecer o pensamento de muitas gentes. **FGRA 1 NOCIONAL [NOS QUAIS]**
2. Tucídides, o historiador ateniense, aponta sua desconfiança em relação à presença da influência da tradição oral na obra *Histórias* e afirma sua disposição em implementar um método onde o rigor no tratamento às fontes e a objetividade ao relatar os acontecimentos ficam evidentes nas primeiras linhas da *Guerra do Peloponeso*. **FGRA 1 NOCIONAL [NO QUAL]**
3. É necessário, entretanto, reafirmar que fazer a distinção entre as razões mítico-religiosas e as razões consideradas científicas não implica na existência de um princípio de exclusão, onde uma razão só pode existir quando anula a outra. **FGRA 1 NOCIONAL [NO QUAL]**
4. No ambiente da *pólis* grega foi possível o estabelecimento de uma nova forma de pensamento político onde o poder ou governo - *kratos* - era exercido pelo povo - *demós*. **FGRA1 NOCIONAL [NO QUAL]**
5. Na perspectiva de Detienne, o advento da cidade grega marca o declínio do sistema onde os juramentos decidiam através da força religiosa e a palavra atinge sua autonomia tanto na função política, quanto no reconhecimento do real. **FGRA 1 NOCIONAL [NO QUAL]**
6. Se o pensamento político grego moldava a democracia em torno do *lógos*, os rituais davam existência a zonas mágicas onde os poderes do *mythos* agia por gestos, como dançar, beber e cantar, que celebravam o compromisso recíproco entre os participantes. **FGRA 1 NOCIONAL [NAS QUAIS]**
7. A organização do discurso escrito é paralela a uma análise mais cerrada, um ordenamento mais estrito da matéria conceitual. Na e pela literatura escrita instaura-se esse tipo de discurso onde o *lógos* não é somente palavra, **FGRA 1 NOCIONAL [NO QUAL]**
8. [CONTINUAÇÃO DA ANTERIOR] (TIPO DE DISCURSO) onde ele assumiu o valor da racionalidade demonstrativa e se contrapõe nesse plano, tanto pela forma quanto pelo sentido, à palavra *mythos*. **FGRA 1 NOCIONAL [NO QUAL]**

### ANÁLISE DAS OCORRÊNCIAS – HOJE EM DIA

1. Ele sabe que a dificuldade será ainda maior para o América, que não poderá contar com dois jogadores experientes - Palhinha e Pintado -, mas entende que a expulsão do colega foi o resultado de uma partida tensa, onde "os ânimos estavam à flor da pele". **FGRA1 NOCIONAL. NA QUAL]**

2. Agora, Itamar não vacilou em atirar com bala de canhão onde um escândalo ameaçava sua imagem. Acertou em quem aparentemente não tinha responsabilidade, Armando Costa, que não absorveu o golpe. **LEXICAL**
3. Só para esclarecer a oposição, que ouviu o galo cantar e não sabe onde, a Brasil Sul é velha conhecida em Brasília como parte do cartel que gerou escândalos no Ministério da Saúde no fornecimento de inseticidas. **LEXICAL**
4. O escritor só não relatou que Coutinho entregou a turma porque foi rechaçado da reunião do Hotel Naoun, em Brasília, onde a armação foi feita. O empresário queria um naco do negócio para a Brasil Sul. **FGRA1 LOCATIVO**.

#### ANÁLISE DAS OCORRÊNCIAS – SARAPALHA

1. Mas ambos escutaram o mosquito a noite inteira. E o anofelino é o passarinho que canta mais bonito, na terra bonita onde mora a maleita. **FGRA1 LOCATIVO**
2. Tão sabidos, que as grimpas de onde saíram balançam, mas não há a menor agitação nos sabres, nem nos colmos e nem nas espigas do milharal. **FGRA1 LOCATIVO**
3. Porque, mais da metade de uma hora é passada, e nada dos dois homens se mexerem de onde estão. **LEXICAL**
4. Como era mesmo que ela era?!... Morena, os olhos muito pretos... Tão bonita!... Os cabelos muito pretos... Mas não paga a pena querer pensar onde é que ela pode estar a uma hora destas... Quando fugiu, que baque! **LEXICAL**
5. O senhor está cansado de saber... "Aí a canoinha sumiu na volta do rio... E ninguém não pôde saber pra onde foi que eles foram, nem se a moça, quando viu que o moço bonito era o diabo, se ela pegou a chorar... ou se morreu de medo... ou fez o sinal-da-cruz... ou se abraçou com ele assim mesmo, porque já tinha criado amor... E, cá de riba, o povo escutou a voz dele, lá longe, muito longe..." **LEXICAL**.
6. E ele, que nem tem com quem desabafar, não tem a quem contar o seu sofrimento!... Lá onde está o cruzeiro, morreu um trabalhador de roça, um velho. **LEXICAL**
7. Ai! que o frio cai entre os ombros, e vai pelas costas, e escorre das costas para o corpo todo, como fios de água fina. Zoa nos ouvidos confuso sussurro, e para diante dos olhos vêm coisinhas, querendo dançar. Ir, para onde? **LEXICAL**
8. ...A primeira vez que Argemiro dos Anjos viu Luisinha, foi numa manhã de dia-de-festa-de-santo, quando o arraial se adornava com arcos de bambu e bandeirolas, e o povo se espalhava contente, calçado e no trinque, vestido cada um com a sua roupa melhor... Ir para onde!... Não importa, para a frente é que a gente vai... **LEXICAL**

#### Análise das ocorrências – VERISSIMO

1. A aliança bateu na roda de um carro que passava e voou para um bueiro. Onde desapareceu diante dos seus olhos, nos quais ele custou a acreditar **LOCATIVO FGRA1**

2. Eu sei onde está essa aliança. Perdida no tapete felpudo de algum motel. Dentro do ralo de alguma banheira redonda. Seu sem-vergonha! **LEXICAL**
3. Corra, Carol! Leve o telefone e corra! Daqui a pouco eu ligo para saber onde você está. **LEXICAL**
4. Carol, onde você está? **LEXICAL**
5. Cinco minutos depois, quando o cidadão se ergueu do chão, onde estivera mordendo o carpete, e ligou de novo, ouviu um "Alô" de homem. **LOCATIVO F.GRA1**
6. Onde você está? **LEXICAL**
7. Não quero saber de sua vida. Estou pagando uma recompensa por este telefone. Me diga onde você está que eu vou buscar. **LEXICAL**
8. — Onde você está? **LEXICAL**
9. Eu quero saber onde! **LEXICAL**
10. Eu não sou de muita frescura. Lá de onde eu venho, carência afetiva é falta de homem. **LEXICAL**
11. Mais risos na platéia. Expressões de escândalo. De onde surgiu aquele homem com uma tuba? **LEXICAL**
12. Está bem, seus elitistas. Acabou. Onde é que vocês pensam que estão, no século XVIII? Já houve 17 revoluções populares depois de Mozart. Vou confiscar estas partituras em nome do povo. Vocês todos serão interrogados. Um a um, pá-pá. **LEXICAL**

### CORPUS ORAL

1. - onde você estava? **LEXICAL**
2. - onde você estava? **LEXICAL**
3. - Tava na escola, é, Diego também viu onde você tava na escola. **LEXICAL**
4. - você estudou aonde nas escolas aqui? **LEXICAL**
5. - onde que é? **LEXICAL**
6. / Grupinho, igual tem o grupinho aqui em baixo aqui, teve um época que morava, muita gente que morava em rua morava ali, só que ali eles transformaram em posto de saúde eu num sei pra onde que foram essas pessoas não. **LEXICAL**
7. - toda religião você tem alguma coisa assim com relação à morte, tal. A religião católica tem também né? pra onde que vai ou o que vai acontecer. O que que você acredita dessas coisas? **LEXICAL**
8. / Eu sempre gostei de jogar minha bolinha, sempre joguei, é, vício eu nunca tipo, por que eu quis, sempre fui onde que eu quis, né? apesar de que hoje tá perigoso, mas, foi bem aproveitado **LEXICAL**

9. / A decepção foi muito grande, eu não esperava passar pelo que eu passei, num havia necessidade disso, não havia necessidade de passar por isso então eu fui aonde que eu decidi seguir sozinho e não perdi com isso não, com certeza (...) **FGRA2**
10. - ele tomou tiro aonde? **LEXICAL**
11. - aonde que é? **LEXICAL**
12. / Todo mundo tá sujeito a erro, agora, persistir no erro, aí já é burrice, aí eu já vou concordar que é uma burrice, mas infelizmente tem aquelas pessoas que num tem pra onde ir, que eu conheço gente que vive atrás das grade por que num tem aonde ir. Então ele sai da cadeia hoje amanhã ele faz um furto. **LEXICAL**
13. / Todo mundo tá sujeito a erro, agora, persistir no erro, aí já é burrice, aí eu já vou concordar que é uma burrice, mas infelizmente tem aquelas pessoas que num tem pra onde ir, que eu conheço gente que vive atrás das grade por que num tem aonde ir. Então ele sai da cadeia hoje amanhã ele faz um furto. **LEXICAL**
14. - e tem lugar também onde fica o pessoal mais idoso **FGRA1 – LOCATIVO**
15. o cachorro é engraçado, você vê assim, a pessoa pode estar onde for que tem um cachorrinho junto né? cê vai aí, o pessoal mais pobre, mora debaixo da ponte tem um cachorro. **LEXICAL**
16. - ele fica aonde? **LEXICAL**
17. - eles estudam aonde? **LEXICAL**
18. - indo pra onde? **LEXICAL**
19. - tem um lugar aqui de teatro onde é? **LEXICAL**
20. / eu já ouvi falar que tem um abrigo ali em Santanense, mas eu não sei te falar onde que é não. que parece que é para esse pessoal. **LEXICAL**
21. - e tem algum lugar para onde vai o pessoal idoso? **FGRA1 LOCATIVO**
22. / tem o lugar onde eles estão, onde que a gente vai encontrar eles. **FGRA1 LOCATIVO**
23. / tem o lugar onde eles estão, onde que a gente vai encontrar eles. **FGRA1 LOCATIVO**
24. - ué, aonde? **LEXICAL**
25. - uai, que jóia sô. Onde que a gente fica sabendo dessas coisas? **LEXICAL**
26. / onde? **LEXICAL**
27. / é onde que a gente praticava, atrás da cooperativa **LEXICAL**
28. - que legal em? isso aqui é de onde ? **LEXICAL**
29. / (...). então tem doido lá de todo jeito, que você imaginar que todo jeito e tão sem recursos, o aluguel é caríssima, tem dez mil reais de aluguel para ser quitados lá. o homem, o dono do estabelecimento e lá, está tomando a casa de volta, e para onde que as pessoas doentes mentais vão? **LEXICAL**
30. - onde que é? **LEXICAL**
31. / se fechar para onde que ela vai, pra casa dele é casado, duas crianças, e não quer levar o serviço para casa, acabar levando ela e mais dois para casa dele, para conviver com crianças normais, e sadias, não é uma boa, né? **LEXICAL**

32. - e é onde? na praça? **LEXICAL**
33. - é mesmo? tem um lugar onde ficam os ricos, **FGRA1 – LOCATIVO**
34. - tem um lugar onde fica os mais ou menos, os pobres **FGRA1 – LOCATIVO**
35. - para fora que você fala é onde? **LEXICAL**
36. - aqui acontece show é aonde? **LEXICAL**
37. - Morada Nova é onde? **LEXICAL**
38. - mas você conheceu ele aonde? **LEXICAL**
39. / . espaço tipo assim por exemplo aqui na , no bar das graças por exemplo , é , atrás do Campo, tem um lugar ali onde eles podem fazer alguma área de lazer porque tem muita criança aqui no bairro das graças. **FGRA1 - LOCATIVO**
40. / antigamente aqui em Itaúna era o seguinte , tinha , tinha a itaunense , m a companhia industrial itaunense que era duas fabrica de tecidos . Então, tinha a santanense. Então, onde mulher trabalhava. Antigamente, então, assim, por exemplo, eu mesmo trabalhei. **FGRA1 - LOCATIVO**
41. - e aqui em Itaúna tem algum lugar onde fica o pessoal mais idoso? **FGRA1 - LOCATIVO**
42. / foi semana passada nós fomos pra Belo Horizonte. Você é de onde? **LEXICAL**
43. / brincava muito assim com ela não, bincadeira era só na hora de folga porque tinha que buscar água, porque aqui não existia rede de água nem de nada, esgoto, então buscava água ali numa mina que tem ali. Aonde o zé márcio da beatriz trabalha ali . na siderúrgica . **FGRA1 - LOCATIVO**
44. / então eu acho que é contra a lei porque não passou projeto nenhum no legislativo, não sabe aonde esse dinheiro tá saindo, não tem o orçamento pra esse dinheiro e outra coisa (...) **LEXICAL**
45. / aí eu escrevi, tem um jornal do senado que saiu as escrita, tem carta minha, tenho guardado num sei aonde não. **LEXICAL**
46. - e sobre você assim, como é que foi a sua educação, onde você estudou aqui em Itaúna. **LEXICAL**
47. - No ângulo? Você estudou aonde outros, outros lugares? **LEXICAL**
48. - Que doido, cara, mas você pensa em fazer aonde? **LEXICAL**
49. / É, não tinha noção de onde era. E eles já moravam lá há mais tempo e não sabem o que aconteceu para ela se perdeu totalmente. **LEXICAL**
50. / costuma, ela conta que ela lembra quando ela era novinha, muito novinha assim meu vô carregava ela no colo, todo aniversário dela chovia, aí ela ficava triste lá, chorava, ela contava de onde ela morava, que ela andava até saia daqui de Itaúna até lá no campo redondo. **LEXICAL**
51. / tem não, ele assaltou, ele, ele foi internado lá uma vez e colocou fogo dentro do, lá de onde que ele tava. pra sair , nó , confusão que deu **LEXICAL**
52. - Eu nem sabia que tinha museu por aqui! É onde? **LEXICAL**

53. / E , era tanto cabelo que nem achava o , o , onde estava o corte . Mas das coisas que eu lembro mais são essas, essas artes que eu fiz, mais teimosia mesmo, sabe. **LEXICAL**
54. / Tem o bairro Morada Nova que é um bairro assim, que é considerado um pouco violento. É um bairro assim onde eles acham mais que concentra mais assim a parte inferior assim, como que eu vou dizer, assim de violência, de drogas. **FGRA1 - LOCATIVO**
55. / Ali, sabe ali onde é o Piedade, bairro Piedade? Do lado de lá, no sentido ali Cidade Nova, bairro Aeroporto? **LEXICAL**
56. - Você se lembra do ensino como era? Você estudou onde? **LEXICAL**
57. / É. Aí eu ia trabalhar e ele ficava desfilando na minha frente ali aonde eu ia pegar o ônibus. Até achava que ele trabalhava na São João, porque sempre quando eu ia pegar o ônibus ele passava na minha frente, falei, já vai pegar serviço. **LEXICAL**
58. / Não, quadra tem assim, os, tem o campo aqui aonde tem o futebol para as crianças, **FGRA1 – LOCATIVO**
59. / Não, não, tem o futebol infantil, a escolinha de futebol, e no bairro, por exemplo, eu acho, aonde eu cobro muito que esses prefeitos podiam ter feito algum lazer, alguma coisa , sabe , público aqui , não tem muita coisa não para ser freqüentado não. **FGRA2**
60. / E subia ali debaixo ali, perto do Grande Hotel até lá na praça, atravessava a praça e era o fim ali, perto dali onde era a Casa das Roupas ali mais ou menos. **LEXICAL**
61. - Aqui em Itaúna tem algum lugar aonde vá , onde esse pessoal fica? Ou a pessoa mais velha, idosa? **FGRA1 – LOCATIVO**
62. - Aqui em Itaúna tema algum lugar aonde vá, onde esse pessoal fica? Ou a pessoa mais velha, idosa? **FGRA1 – LOCATIVO**
63. - Assim, você começou estudando aonde? **LEXICAL**
64. / É muito pouco temo para mudar uma cidade assim, eu acho que não tem jeito. Por enquanto está bom, eu acho que se continuar assim, aos pouquinhos vence, a gente aonde a gente quer chegar mesmo, numa cidade mais tranqüila, mais, melhor para viver, em todos os sentidos. **LEXICAL**
65. - Toda religião fala alguma coisa assim, para onde que vai depois que morre, essas coisas. Você tem medo assim de morrer? **LEXICAL**
66. - E ficam aonde? No viveiro? **LEXICAL**
67. - Esse sítio seu é onde? **LEXICAL**
68. / E depois ele falou assim, e onde que é o banheiro aqui? **LEXICAL**
69. - Onde era? **LEXICAL**
70. / É, aquele pedacinho ali do casa velha , sabe onde era o casa velha ali? **LEXICAL**
71. / Esqueci o nome daquele bairro. Aquele bairro, sabe onde era a fábrica de foguetes ali? **FGRA1 - LOCATIVO**
72. - Saiu catando o povo na rua e levava para onde? **LEXICAL**
73. - Onde é? **LEXICAL**
74. - Aonde? **LEXICAL**

75. / Não estou sabendo não. . . // lá perto de onde eu trabalho ele desceu, parecia que ele era débil mental, porque ele passou a mão no lençol , veio , tem uma árvore, em frente ao correio, diz que ele amarrou o lençol lá e (inaudível) **LEXICAL**
76. / Ah, para te falar a verdade assim, igual a mesma coisa do prefeito , eu acho que está a mesma coisa, tem muita coisa , igual salário aumentou , tal , tal , tal , perde voto essa bagunça que está lá agora assim , é aquele trem , não é , cara , aonde é que tem dinheiro tem gente roubando. **LEXICAL**
77. / Não, pedra não, tem uns doidos, aqui coitadinho até onde eu estou trabalhando, no Sindicato, esse cara trabalha lá. **LEXICAL**
78. / Ela era doida, ela morava até ali embaixo, sabe onde que a Sayonara está morando?  
**LEXICAL**
79. - tem onde ficam os doidos da cabeça, aqui em Itaúna? **LEXICAL**
80. - E eles ficam onde? **LEXICAL**
81. - Você estudou aonde? **LEXICAL**
82. / Ele já ia para um, não sei se é uma festa, uma noite, não sei onde ele estava indo não, ele foi assaltado. **LEXICAL**
83. - Onde fica? **LEXICAL**
84. - Aonde? **LEXICAL**
85. - É indo para onde? **LEXICAL**